

PROCEEDINGS
OF THE
Society for Psychical
Research

**UM CASO DE CONTATO POR PROCURAÇÃO
CONDUZIDO EM ONZE SESSÕES COM A
SRA. OSBORNE LEONARD**

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: www.ebookespírita.org.



www.ebookespírita.org

PROCEEDINGS

OF THE

Society for Psychical Research

UM CASO DE CONTATO POR PROCURAÇÃO¹ CONDUZIDO EM ONZE
SESSÕES COM A SRA. OSBORNE LEONARD

POR C. DRAYTON THOMAS

Tradução: Marcel Milcent, email: milcent@sciencetranslate.com

PREFÁCIO

A carta a seguir corrobora a acurácia dos testemunhos trazidos a essa narrativa.

THORNTON HOUSE,
HIBSON ROAD, 58,
NELSON, LANCS. 11 de março de 1935.

Talvez algumas questões deste livro tornar-se-ão mais claras se eu explicar minha conexão com Bobbie. Eu sou padrasto de sua mãe, mas ele viveu em minha casa por toda sua curta vida. Seu verdadeiro pai só o conheceu quando bebê. Eu cuidava de Bobbie como meu filho, e ele me considerava seu pai.

Devo também dizer que não tenho qualquer conexão com o Espiritismo, que sou graduado com honras em Ciência, e que devotei a maior parte da minha vida a ensinar ciências e a escrever livros.

Tenho plena convicção de que as evidências confirmam que o conhecimento dos fatos e lugares foi conseguido de alguma forma anormal — como isso de seu resta aos pesquisadores psíquicos dizer.

A fraude está totalmente fora de questão. Como explicado no livro, nenhum dos fatos, lugares ou pessoas eram conhecidos de ambos, requerente e médium. Tive muito cuidado em minhas cartas de não fazer comentários que não sobre informações já dadas.

Pura coincidência é uma teoria igualmente absurda. Consideremos alguns dos nomes fornecidos. “Bentley” (96) foi dado como o nome de um lugar — uma pista para os “canos”; na verdade a Rua Bentley fica a um minuto de caminhada de minha casa naquela direção. “Catelnow” (140) é informado como um lugar próximo; de fato, Catlow é um vilarejo distante três quilômetros, até o qual Bobbie e eu caminhamos na última ocasião em que ele saiu de casa antes de sua morte. Não seriam

¹ Contatos ou sessões por procuração são realizados sem a presença do requerente (que deseja notícias do ente desencarnado), mas por terceira pessoa (procurador ou condutor), para afastar a possibilidade de aquisição de informação por telepatia entre o médium e o requerente. (N. T.)

as chances de acerto, em cada caso, de milhares para um e, conseqüentemente, de milhões para um em combinação? Eu prestaria especial atenção aos depoimentos sobre a fotografia de Bobbie com uma “tábua na frente” e “uma coisa redonda sem aba” em sua cabeça (34 e 35). As chances contra suposições corretas aqui me parecem tão altas, que tornam absurda a teoria da coincidência.

A telepatia só pode ser uma explicação se, por esse termo vago, entender-se o poder da médium de ler os pensamentos subconscientes de pessoas (1) que ela não conhecia, (2) de cuja localidade no Reino Unido ela não tinha idéia, (3) que não sabiam quando as sessões estavam transcorrendo, sessões que (4) se davam, de fato, a mais de 320 quilômetros de distância. Considero essa hipótese muito forçada.

Gostaria de dizer que todos os testemunhos dados pelo Sr. Drayton Thomas são pura verdade. Terei prazer em responder quaisquer perguntas a eles relacionadas.

(Assinado) HERBERT HATCH.

INTRODUÇÃO

Nos *Proceedings* de nossa Sociedade, de maio de 1933, há relatos de sessões por procuração com a Sra. Osborne Leonard, que eu conduzi em nome de vários requerentes. Na maioria dos casos, as sessões se limitaram a duas ou três, mas no experimento a ser agora descrito houve onze sessões, e a pesquisa se estendeu por muitos meses. O maior tempo para acúmulo de material colaborou, de certa forma, para sua melhor qualidade. É possível que, tivesse eu conduzido mais sessões com cada um dos casos mencionados antes, os resultados fossem melhores.

Apesar de o caso presente se relacionar com um menino, disse-se que ele foi ajudado por outros: pode ter sido por experiência e sugestão desses que o menino fora capaz de selecionar material tão apropriado. O objeto de maior interesse neste estudo não foi originado pelo menino, mas por meus comunicadores habituais. A opinião por eles expressa a respeito da causa da morte do menino é extremamente importante; primeiro, porque não havia sido suspeitada por qualquer um, e segundo, porque fomos incapazes, por vários meses depois de dadas as pistas, de traçar qualquer conexão entre a doença do menino e sua origem declarada.

Isto demanda consideração especial e formará o escopo da Parte II, para a qual todo o material relevante está reservado. Indicarei, no entanto, na Parte I, o lugar em cada sessão onde houver sido feita referência a este tópico.

A primeira sessão introduz a psicometria. Eu raramente havia tentado essa técnica com a Sra. Leonard, mas a usei nessa ocasião. A psicometria foi de valor duvidoso, pois, apesar de Fedá (o “controle”² da Sra. Leonard) parecer começar a sessão com pura psicometria, esta rapidamente se transforma no tipo usual de mensagem. Fedá, entretanto, parecia não saber se a informação viera a ela através do objeto, ou diretamente de um comunicador invisível.

O estudo fornece ilustração de problemas relacionados com a mediunidade em transe que ainda não têm solução. Dentre eles destaca-se a questão do *modus operandi*, e o fato de a informação, que poderia ser expressa em poucas frases, freqüentemente emergir de forma difusa e extensa. Se a causa disso é a telepatia, a clarividência imperfeita, as inibições da médium ou as dificuldades de memória do comunicador — ou várias combinações destas — ainda há que se determinar. Espero que o material fornecido aqui seja útil àqueles que estudam essas questões, e que possam direta ou indiretamente ajudar na busca de uma explicação.

² O termo “controle” é usado para indicar a entidade que se manifesta pela médium, no caso, Fedá, que traz as informações relativas ao mundo espiritual. (N. T.)

Sou grato ao Sr. Hatch e à Sra. Newlove por me permitirem fornecer seus nomes e endereço. Isso permitirá a qualquer um que desejar se informar mais a fundo se dirigir a eles, e refutará a objeção que poderia surgir sobre uma estória dependente unicamente da minha versão. Ocorre que o Sr. Besterman e o Sr. Gerald Heard estiveram presentes à sessão de número seis, e ouviram Feda fornecer descrição notavelmente correta de uma rota que levaria à localidade onde os misteriosos “canos” estariam.

A Parte I consiste em um relato abreviado das sessões, com verificações e uma análise dos resultados.

A Parte II fornece uma versão completa sobre a questão dos “canos”.

A Parte III é uma análise numérica de sucessos e falhas.

A Parte IV é uma pesquisa sobre a Telepatia e o *modus operandi* das mensagens passadas durante o transe.

Feda é o nome do Controle da Sra. Leonard.

John, meu pai, e Etta, minha irmã, são meus comunicadores regulares.

C.D.T. são minhas iniciais, e indicarão minha parte no diálogo com Feda.

Os leitores poderão avaliar, por si mesmos, as evidências adquiridas nessas sessões, bem como terão uma tabela anexada a cada descrição, onde encontrarão notas feitas por mim.

O nome da criança de quem eu procurava informação era Bobbie Newlove; ele será chamado de Bobbie nestes relatos. Suas mensagens de carinho e todo o conteúdo pessoal que não tiverem valor *definitivo de prova* serão omitidos, como também as descrições da vida que ele está levando no Além. Limitaremos-nos estritamente às evidências que podem ser testadas.

Muito do material tem relação com as memórias do menino, enquanto parte dele concerne a suas opiniões ou a coisas que ele diz ter observado desde sua passagem. Esses itens são por mim distinguidos pelas letras “M”, para memórias, e “O”, para opiniões ou observações. Feda, John e Etta também davam opiniões ocasionais.

PARTE I

BOBBIE NEWLOVE

Em setembro de 1932 eu recebi uma carta de um estranho, o Sr. Hatch. Ele escreveu de Nelson, uma cidade distante 320 quilômetros, da qual eu pouco me recordara — tinha lembranças esparsas de uma vez ter dado uma conferência lá, dez anos antes. Seguem abaixo porções pertinentes da carta.

“Por dez anos minha enteada vive comigo e com minha esposa, e seu filho era a razão e o centro de nossas vidas. Ele era particularmente inteligente e extraordinariamente amável e adorável. Há algumas semanas ele morreu repentinamente de difteria, com dez anos de idade. A perda é tão terrível que sentimos que precisamos perguntar se pode haver conforto de qualquer forma semelhante àquela relatada em seu livro, *Vida Além da Morte*.”

Eu desencorajei a expectativa de receber mensagens; parecia a mim que esse menino seria muito jovem para fazer uma comunicação bem sucedida. Enquanto isso, a família permaneceu sem saber, até os fragmentos recebidos na primeira sessão, que eu estava tentando (através de métodos previamente frutíferos em casos semelhantes) estabelecer contato com a criança. Foi nessas circunstâncias que eu levei a carta do Sr. Hatch à sessão de 4 de novembro de 1932.

Em um momento apropriado durante a sessão eu disse a Feda: “eu tenho um pedido fervoroso por notícias de um pequeno menino, Bobbie Truelove” (por um deslize de memória eu dei o sobrenome errado — deveria ter sido *Newlove*; será notado que eu corrigi isto no começo da terceira sessão). Eu sugeri então que Feda segurasse a carta. Ela aceitou a idéia. É desnecessário dizer que eu a tinha dobrado de tal modo que nenhuma informação poderia ser conseguida só de olhá-la. Em adição, eu reparei cuidadosamente durante os poucos minutos que a carta estava nas mãos da médium, e observei que os olhos dela não se abriram.

Trarei agora as observações de Feda consecutivamente, somando os comentários recebidos da família.

Primeira Sessão, 4 de novembro de 1932

(1) FEDA: Existe um nome ligado a eles começando com ‘T’?

Quando eu disse que não sabia, Feda disse que era um “nome importante”. O comentário da família sobre isso foi que Bobbie adorava que sua mãe o chamasse por um apelido que começava com a letra “T”.

É uma pena que, em muitos casos, Feda forneça somente a inicial, ao invés do nome completo. Nesse caso, não há nada

que faça crer que o apelido de Bobbie estava sendo captado; por outro lado, uma tentativa de anunciar esse nome seria bem natural, dadas as circunstâncias. Como veremos adiante, Feda teve a impressão de que a criança estivesse de fato presente.

(2) FEDA: O senhor poderia dizer se esse menino tinha uma dor na mão? Eu senti uma dor engraçada na mão quando peguei esta carta.

Como a médium estava segurando a carta, assumi tratar-se de psicometria. Se afirmativo, então a dor na mão referir-se-ia presumidamente ao escritor da carta, e não propriamente a Bobbie. Soube por averiguação, no entanto, que o escritor, Sr. Hatch, não reconheceu esse sintoma como se aplicando a ele, mas Bobbie, que sempre fora uma criança frágil, ocasionalmente perdia os movimentos da mão direita após rompantes de riso; em tais momentos ele não reclamava de dor, mas permanecia incapaz de usar a mão para escrever enquanto durava o problema.

(3) FEDA: Também estou recebendo um nome começando com “M”, soa como Mar—alguma coisa, conectado à carta também... Existe um nome nesta carta começando com “M”?

Resta dúvida sobre o que se quis dizer com a referência a Mar—. O primeiro comentário que recebi foi o seguinte:

“Sim, a avó de Bobbie, a qual ele amava, suponho, mais que qualquer um fora do círculo familiar, se chama Marie.”

Porém, não há dúvida que os pensamentos de Bobbie dirigiam-se freqüentemente a uma criança chamada Marjorie, com a qual ele freqüentemente se encontrava, e que tinha deixado uma grande impressão nele. Haverá várias referências a ela em páginas posteriores. Nem este nome, nem qualquer outro começando com “M” foi mencionado na carta que eu tinha recebido. Feda não estava segura da fonte dessas idéias, pois, em relação a este nome, somou ela: “Penso que estou obtendo isto da carta, ou pode estar no pensamento da pessoa que escreveu a carta ao senhor.” A frase “soa como Mar—”, certamente parece supor clarividência, e não psicometria.

(4) FEDA: O pequeno menino já tentou entrar em contato com eles antes.

[Os parentes dele escreveram: “Nós tivemos mensagens muito vagas de médiuns locais”.]³

(5) FEDA: Você disse que ele morreu há algumas semanas; Feda sente que agora seriam vários meses.

³ Comentários curtos entremeados entre diálogos das sessões estão entre colchetes. Estes comentários, a menos que haja alguma declaração em contrário, são baseados em informações recebidas do Sr. Hatch ou da Sra. Newlove, seja por cartas ou verbalmente, quando eu os conheci durante minhas visitas a Nelson em junho e julho de 1933.

[Fui informado que a criança tinha morrido uns três meses antes dessa sessão, no dia 12 de agosto de 1932.]

(6) FEDA: Glândulas; pergunte se ele teve qualquer problema com suas glândulas. Quando eu capto qualquer coisa assim, saber se estou no rumo certo ajuda.

[O Sr. Hatch respondeu: “Eu não sei se as glândulas são afetadas na difteria, mas é provável.” Eu era igualmente ignorante, mas recorrendo a livros, descobri, como também fez o Sr. Hatch, que as glândulas são afetadas pela difteria. Assim, este ponto, que não tinha estado em minha mente, nem na do Sr. Hatch, estava correto.]

(7) FEDA: Todos os meninos gostam de bolos e doces, mas pouco tempo antes de ele fazer a passagem, capto uma sensação de muitos bolos assando e outras coisas cozinhando, como se para alguma ocasião especial.

[Isto é vago. O único fato pertinente é que, em algum momento dentro de seis meses antes de falecer, Bobbie e um amigo, depois de terem estudado um livro de arte culinária, se reuniram para fazer balas-de-leite.]

(8) FEDA: Você sabe se ele tinha ligação com uma cidade, não Londres, mas uma cidade, não uma das maiores na província?

[Isto era, como soube eu, correto em relação a Nelson, onde Bobbie tinha vivido.]

(9) FEDA: Tem algo a ver com um lugar — alguém vai lá fazer algum estudo especial, não como Oxford ou Cambridge, Eton ou Harrow?

C. D. T.: Não, é uma cidade industrial.

FEDA: O estudo que eles estão fazendo não é tanto de um tipo acadêmico. É mais como se eles estiverem aprendendo a fazer algo de um modo prático.

C. D. T.: E quem está estudando?

FEDA: Alguém ligado ao menino, estudando como fazer algo, como se especializando na fabricação de algo, não só fabricando ou produzindo com uma máquina, mas um tipo de estudo.

[Depois de breve pausa, este assunto foi continuado, veja abaixo.]

(10) FEDA: É um lugar ocupado, mas não uma das maiores cidades. Não seria considerada uma cidade grande, mas ainda assim é um local amplo, onde se concentram coisas importantes.

C. D. T.: Diria que isto está correto, pelo que sei.

[O Sr. Hatch escreveu: “Esta é, inquestionavelmente, uma descrição precisa de Nelson”.]

(11) FEDA: Você sabe se alguns desses lugares industriais estão nas margens de um canal ou rio? Não parece bonito o bastante para ser chamado de rio por causa dos edifícios e construções ao lado.

[Há um rio e um canal, e há fábricas nas margens do rio. Bobbie conhecia ambos.]

FEDA: (Retomando o tema 9 anterior). Ah, eles fazem parte da produção, lá nesse lugar, de louça de barro ou cerâmica, al-

go de pedra? Penso que eles estão fazendo mais de uma coisa lá, mas eu capto um sentimento de algo sendo feito de uma natureza dura, algo como pedra, que algo está sendo montado, uma sensação de algo sendo colocado muito perto, misturado; não é aço, ou ferro, ou metal, está mais para coisas que são feitas, e penso que é uma indústria bem nova.

[O Sr. Hatch respondeu: “Bobbie teve um grande amigo que trabalha usualmente fazendo argamassa e cimento. Ele tomou muita afeição pelo menino, e ficou muito abalado quando ele morreu. Depois, ele sugeriu fazer uma cruz de concreto para a sepultura. Nós concordamos com gratidão, sabendo que um trabalho feito com amor seria melhor que qualquer coisa comprada de um pedreiro especialista. Este amigo nunca havia feito tal coisa, e teve que ‘estudar como fazê-la.’”]

Os leitores acharão isso pouco convincente. Porém, quando, após o término das sessões, eu visitei Nelson e conheci a pessoa acima aludida, o Sr. Burrows, e vi a sepultura — a cruz ainda não erguida, os blocos de concreto circundando a sepultura como num meio-fio, o concreto feito em pequenas porções e depois agrupado — percebi o quão apropriada tinha sido a descrição anterior. O Sr. Burrows será mencionado adiante. Bobbie o admirava imensamente; pois, além de ensinar boxe e ginástica ao menino, o Sr. Burrows era o responsável pela pista de patinação, e Capitão do Clube de Hóquei no gelo.

Temo que os leitores não estejam em posição, nesse ponto, de compartilhar da minha opinião de que as observações de Feda realmente se aplicavam ao trabalho de concreto e cimento em torno da sepultura de Bobbie, o que me impede de demonstrar com detalhes como Feda realmente não sabia o que estava descrevendo. Mas não é sábio se apoiar em posições infundadas, e haverá outras oportunidades, à medida que procedemos, de ilustrar este fato, isto é, que a mente que origina a mensagem não é a de Feda, e que Feda, quando descreve alguma coisa, freqüentemente é incapaz de perceber do que se trata. Há evidência abundante indicando que o papel de Feda é simplesmente passar a mensagem de alguém que conhece os fatos, alguém que está tentando, com dificuldade, transmitir informação que pode ser reconhecida por seus destinatários.

(12) FEDA: Essas pessoas não são pobres nem ricas, tipo classe média; penso que eles têm uma casa confortável e um ambiente agradável — a família do menino.

[Esta observação foi tomada pelo Sr. Hatch como uma descrição correta.]

(13) FEDA: Pergunte a eles se o pescoço ou a garganta do menino foram afetados. Eu fico captando algo sobre isso continuamente.

[A difteria afetou o pescoço e a garganta do menino, mas ele já tivera, antes, problemas de amígdalas (aumentadas), que teriam sido operadas, se sua saúde fosse menos delicada.]

A reação do Sr. Hatch para com esta sessão pode ser apreciada pelas passagens seguintes, que extraio da sua carta de comentários.

“Certamente, parece haver mais no texto acima do que a coincidência explicaria. No entanto, o senhor não acha que a psicométria, mesmo demonstrando que a mente da médium tem certos poderes desconhecidos, ainda não é prova de sobrevivência? Se Bobbie estivesse tentando se comunicar, não creio que ele recorreria a quaisquer dos assuntos mencionados. Mesmo assim, como o senhor diz, é um fundamento, e se o senhor puder fazer a gentileza de tentar novamente, lhe seremos gratos.

Ouvi dizer que os que estão desesperadamente ansiosos por provas tendem a ser muito crédulos. Não acho que seja assim comigo. Meu medo é que eu seja enganado por evidências que possam ser explicadas por alguma outra faculdade da mente, talvez uma ainda não investigada.”

PRIMEIRA SESSÃO

Abreviações Utilizadas.

M: Memória.	C: Correto
O: Opinião ou Observação.	B: Bom
	R: Regular.
	I: Insatisfatório.
	D: Duvidoso.

Classificação

O:	R.	Apelido com “T” (1).
O:	D.	Dor na mão (2).
O:	B.	Um nome Mar—(3).
O:	C.	Tentou entrar em contato previamente (4).
O:	C.	Falecido vários meses antes (5).
O:	C.	Glândulas (6).
M:	I.	Cozinhando em ocasião especial (7)
M:	C.	Cidade na província (8).
O:	R.	Produzindo algo como pedra — estudando como fazê-lo — unindo, misturando (9).
M:	C.	Cidade ampla, com coisas importantes (10).
M:	C.	Indústrias no canal ou rio (11).
M:	C.	Classe social da família (12).
M:	C.	Pescoço e garganta afetados (13).

Resultados da análise acima—

<i>Memórias de Bobbie.</i>	<i>Opiniões e observações de Bobbie após falecer.</i>	<i>Opiniões de Feda.</i>
C: 5.	C: 1.	C: 2.
I: 1.	R: 1.	B: 1.
		R: 1.
		D: 1.

Segunda Sessão, 18 de novembro de 1932

(14) Um enfraquecimento prévio. (Veja Parte II.)

[Esta é a primeira de 33 referências ao assunto discutido na Parte II, *O Problema dos Canos*. Pareceu-me melhor lidar com elas como um todo, e assim eu as removi da miscelânea de comentários das sessões. A posição de cada referência é feita como acima, por número, com uma breve descrição de seu conteúdo.

Minhas notas de avaliação são incluídas na análise, ao término de cada sessão.]

(15) FEDA: Etta acha que ele tinha uma boa saúde.

[O Sr. Hatch diz que Bobbie não tinha boa saúde, tendo sido sempre frágil.]

(16) FEDA: Ele parecia um menino bastante vivo e não era o que Etta chamaria de um menino de temperamento malcriado; ele poderia ser considerado um menino “completo”. Tinha uma natureza muito agradável e, apesar de ser um típico homenzinho, era muito afetuoso também; ela diz: eu acho que a mãe dele diria “sim” para isso. Muitos meninos são tão fechados, mas este menino seria muito afetuoso.

[Cabe notar que é Etta quem diz “eu acho que ele tinha boa saúde”. Isso parece ter sido uma conclusão dela, de modo que o engano é menos importante do que se tivesse sido um falso testemunho feito pelo próprio Bobbie. O resto do parágrafo está correto. Bobbie era muito vivo, muito bom, e particularmente afetuoso.]

(17) FEDA: Ele tinha muita estima por sua mãe, por seus parentes e por sua vida doméstica.

[O Sr. Hatch escreve: “Isto é tudo verdade”.]

(18) FEDA: Havia uma pequena menina por quem este menino era mesmo apaixonado.

(19) O nome da menina começa com “J”? Eu continuo vendo um “J”. “J. G.” e “P”.

(20) Existe um nome de menina começando com “G”; de fato, há dois nomes começando com “G” ligados a ele. Um é um nome próprio, e o outro é um nome criado, um apelido carinhoso.

[“Uma pequena menina por quem ele era apaixonado”: Sim, Marjorie, uma criança de doze anos que era semi-profissional na pista de patinação. Haverá várias alusões adicionais a ela, normalmente pela letra “M”.

Feda aqui parece ter assumido (erroneamente) que, porque a letra “J” veio após a referência a uma menina, era a inicial de seu nome; e, da mesma forma, com o nome que começava com “G”. Essas iniciais são bastante pertinentes, no entanto.

“J” e “P”: Jack e Peter eram dois dos melhores amigos de Bobbie. Os dois nomes com “G” podem se referir à mãe dele, cujo nome é Gwendoline, mas é freqüentemente chamada de Gennie na família.]

(21) FEDA: Há um cavalheiro idoso a quem ele é muito afeiçoado. Etta acha que é alguém que ele considerava um parente, seguramente muito velho para ser seu pai.

[Sr. Hatch diz que isto pode se referir a ele. O Sr. Hatch é mais velho que o pai de Bobbie, e é padrasto da mãe de Bobbie.]

(22) FEDA: Vejo que ele tinha dado ao menino algo que ele gostou muito, pouco tempo antes dele falecer.

[O Sr. Hatch freqüentemente dava coisas a Bobbie, mas não se lembra de nada a que isto se aplique especificamente.]

(23) FEDA: Este cavalheiro fez algo em nome do menino que daria a ele vantagem monetária mais tarde, guardando alguma coisa por ele que depois lhe seria útil.

[Não entendido. Eles davam dinheiro a Bobbie para um Certificado de Poupança em sua escola, mas não conseguem pensar nada mais a que isso poderia se aplicar.]

(24) FEDA: Havia algo pelo qual Bobbie se interessava muito, mas eu não entendo totalmente. Tinham-lhe permitido construir algo. Penso que ele não estava fazendo isso sozinho, ele ia fazer com outra pessoa jovem; como se ele fosse construir algo. Tenho a impressão de construção de uma casinha, mas ele parecia muito jovem para tal interesse. Havia algo desse tipo sendo terminado, no qual ele estava muito interessado e prestes a tomar parte. É uma das coisas sobre as quais ele gostaria de conversar se estivesse na Terra.

[Com um amigo, Bobbie tinha planejado construir um planador — uma empreitada impossível, mas na qual, durante um tempo, ele tinha trabalhado com muito entusiasmo. A mãe dele permitiu que os meninos trabalhassem na área de serviço. Nota: Etta diz “tenho a impressão de construção de uma casinha, ou coisa parecida”. Teria ela confundido a área de serviço com o objeto em construção lá?]

(25) FEDA: Ele era muito íntimo de alguém ligado a uma escola.

[Isto poderia se referir tanto a um dos professores de Bobbie, quanto ao Sr. Hatch, a quem ele era muito ligado; o Sr. Hatch leciona em uma escola.]

(26) FEDA: Ele mandou saudações carinhosas a alguém cuja inicial é “M”; não é sua mãe. É uma mulher, quer dizer, é um nome feminino.

[Isso é altamente apropriado para a madrinha dele, por quem ele tinha muita afeição e com quem ele tinha estado em Londres. Ela sempre foi citada como “a Titia Marie”. Por outro lado, poderia significar a pequena Marjorie, supracitada, a quem Bobbie era muito ligado.]

(27) FEDA: Alguém chamado Joyce de quem ele gostava.

[Dois anos atrás Bobbie tinha conhecido uma Joyce, mas a família não acha provável que ele a mencionaria nessa situação. Havia outras

com esse nome que ele conhecia na escola, e também outras, entre as Brownies⁴, que lhe eram familiares.]

(28) FEDA: Ele ficou muito contente ao se destacar em alguma coisa não muito antes de partir.

[Pouco tempo antes de falecer, Bobbie ficou contente por ser o melhor de sua classe nos exames semestrais, bem como nas notas gerais.

Nove semanas antes de sua morte, Bobbie ganhou, em uma competição, um saleiro em forma de cachorro. Este objeto lhe agradou muito. Ele o chamou de seu “au-au”. (Veja Fig. II.) Será feita referência a ele mais tarde: veja Ns. 54, 56, 61.]

(29) FEDA: Etta diz que ele adorava alguma coisa que ele não conseguia fazer sozinho; e parecia ter a ver com números, como se ele jogasse com algo que tivesse números, e ele fazia isso em turnos. O que quer que fosse com números, ele gostava de fazer algo com linhas curvas... sulcos, linhas curvas e números: ele fazia isto depois do chá, isso lhe ocupava algum tempo depois do chá.

[Em uma recente feira, ele tinha tido particular êxito com uma das máquinas automáticas, na qual ele ganhava centavos atirando em círculos numerados. “Não sozinho”: ele sempre ia lá acompanhado por outros, e obviamente esperava por sua vez, não monopolizando a máquina. “Depois do chá”: ele fez isso várias vezes à noite, depois do chá.]

(30) FEDA: Ele brincava dentro de casa com bolas-de-gude coloridas, era algo que ele fazia em uma mesa.

[Sim, ele jogava um jogo com bolas-de-gude coloridas e um arranjo de cartas na mesa.]

(31) FEDA: Eles estavam tentando fazer algo — isso não tem a ver com o que eu disse sobre construção — estavam fazendo algo complicado em casa, no qual Bobbie estava interessado; adquiriram muitas peças para isso, como que montando tudo junto. Estavam precisando de algumas outras partes pouco antes de Bobbie falecer.

[O Sr. Borrows estava montando uma sala de ginástica para Bobbie, e ainda não tinha terminado. Eles ainda precisavam de uma escada horizontal e outros artigos. Isto estava sendo feito em um quarto do andar superior, e o Sr. Borrows montava mais um pouco a cada vez que passava por lá. O diário de Bobbie tem as seguintes referências:

31 *de março*. O instrutor veio e montou duas partes da sala de ginástica.

10 *de maio*. O instrutor veio e instalou as barras paralelas.

15 *de junho*. Adquirida barra fixa para sala de ginástica.]

(32) FEDA: Ele se interessava por coelhos?

⁴ Para a informação de leitores estrangeiros, o termo “Brownies” pode ser explicado como o braço infantil das Escoteiras. Seus objetivos principais são desenvolver bom caráter e boa forma física. As Brownies têm seus equivalentes no já bem conhecido movimento dos Escoteiros, cujos membros mais novos são chamados Lobinhos.

[Sim, Bobbie freqüentemente visitava o jardim do Sr. Borrows, e tinha interesse nos coelhos mantidos por um vizinho ali perto.]

(33) FEDA: Acho que ele virá de novo e me deixará vê-lo. Sinto que ele está um pouco no lado escuro, não é um menino bom.

[Não, o menino era decididamente bom. A idéia, que Feda parece ter obtido por intuição ao invés de visão, estava errada.]

SEGUNDA SESSÃO

Abreviações Utilizadas.

M: Memória.	C: Correto
O: Opinião ou Observação.	B: Bom
	R: Regular.
	I: Insatisfatório.
	D: Duvidoso.
	E: Errado

Classificação

O:	C.	Enfraquecimento prévio (14).
O:	E.	Etta acha boa saúde (15).
O:	C.	Descrição do caráter de Bobbie (16).
M:	C.	Vida feliz em casa (17).
M:	C.	Amiga menina (18).
M:	R.	Iniciais “J” e “P” (19).
M:	B.	Dois nomes com “G” (20)
M:	B.	Ligação com cavalheiro idoso (21).
M:	D.	Presente recente do cavalheiro (22).
M:	I.	Dinheiro poupado para ele (23).
M:	B.	Interesse em construir algo (24).
M:	R.	Intimidade co alguém ligado a uma escola (25).
M:	B.	Saudações carinhosas a “M” (26).
M:	I.	Gostava de Joyce (27).
M:	C.	Vitória em alguma coisa antes de falecer (28).
M:	C.	Brincava com sulcos e números após o chá (29).
M:	C.	Bolas-de-gude coloridas na mesa (30).
M:	C.	Algo ainda incompleto sendo feito na casa (31).
M:	R.	Interesse por coelhos (32).
O:	E.	Tentativa de Feda de descrevê-lo (33).
O:	C.	Enfraquecimento prévio (14).

Resultados da análise acima—

<i>Memórias de Bobbie.</i>	<i>Opiniões de Feda.</i>	<i>Opiniões de Etta.</i>
C: 6.	E: 1.	C: 2.
B: 4.		E: 1.
R: 3.		
I: 2.		
D: 1.		

Terceira Sessão, 2 de dezembro de 1932

C. D. T.: Eles conseguiram trazer Bobbie Newlove?

FEDA: Você quer dizer *Truelove*, não?

C. D. T.: Eu cometi um erro, o nome é *Newlove*. Vamos chamá-lo de *Bobbie*. Eles trouxeram-no?

(34) FEDA: Sim, e eles querem passar alguns mensagens. O que é que você está me mostrando? Pergunte se há uma fotografia de Bobbie em uma posição estranha. Eu o vejo por inteiro, ou quase, mas com algo em frente a ele, como se houvesse uma tábua em frente a ele. É como se ele tivesse sido fotografado sentado atrás de alguma coisa, como a parte de trás de uma tábua, ou uma bandeja, ou algo parecido. Ele parecia estar se inclinando um pouco para frente em direção à bandeja, ou à tábua, ou o que quer que seja, se abaixando.

[O Sr. Hatch escreve: “Isto é certamente notável. A última fotografia que nós temos de Bobbie é dele vestindo uma fantasia. Ele é o Valete de Copas, com tábuas na frente e atrás, como um homem-sanduíche. Na cabeça dele há uma coroa, como num baralho. Ele não estava sentando ou se abaixando, ele estava de pé, ereto (veja Fig. I).”

Não se sabe se Feda recebeu uma impressão visual dessa fotografia em particular ou se ela recebeu a impressão generalizada de Bobbie das várias posições que ele assumiu enquanto usava a fantasia.]

(35) FEDA: Pergunte também se ele ganhou — acho que deve ter sido uma brincadeira — algo novo que ele gostava de usar na cabeça, algo redondo; se fosse um boné, não tinha pala. Ele usava na cabeça e eu acho que ele gostava. O Sr. John está tentando desenhar como um círculo, algo que ele vestia. Sem qualquer pala. É melhor o senhor mencionar uma coisa redonda, nova, usada na cabeça, que ele gostava de ter. Era como se ele se achasse bastante importante usando esta coisa redonda na cabeça.

[Isto se refere aparentemente à coroa. Ele gostava tanto de usá-la que sua mãe teve que contê-lo para que ela não ficasse surrada. (Veja Fig. II.)]

(36) FEDA: O que Bobbie quer dizer sobre seu nariz, o machucado no nariz? (mão esfregando nariz).

Ele está me fazendo sentir como se algo tivesse ferido seu nariz, na lateral, próximo do fim de sua vida terrestre. Oh, ele não vê isso como causa de seu falecimento ou qualquer coisa do tipo.

[O Sr. Hatch escreve: “Bobbie estava aprendendo a lutar boxe, e na última lição, o instrutor dele, normalmente muito suave com ele, lhe deu um soco no nariz, que lhe trouxe lágrimas aos olhos. Depois, ele reclamou que doía quando lavava o nariz.” Quando, visitando a casa, me mostraram o pequeno diário de Bobbie, eu notei que ele se referiu a essa data de forma bem humorada — “14 de junho. O instrutor veio. Quebrou meu nariz.” Isto aconteceu logo antes da morte de Bobbie]

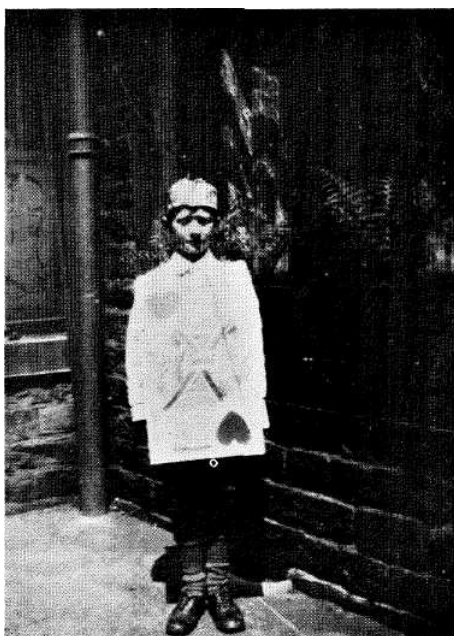


Fig. I: o Valete de Copas

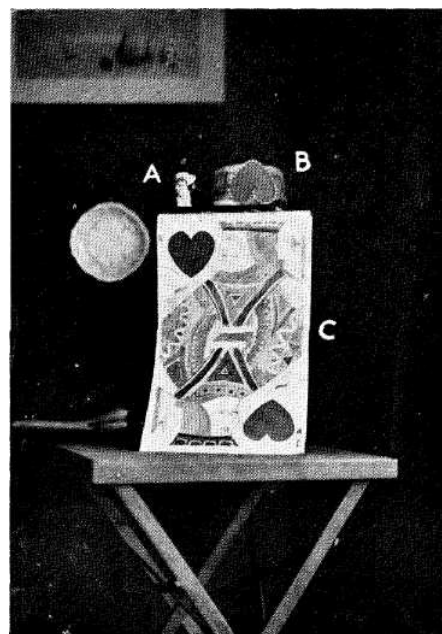


Fig. II: (A) O saleiro com forma de cachorro; (B) o boné do valete de copas; (C) uma das tábuas do sanduíche valete de copas.

(37) John repete a referência a uma causa predispondo à doença de Bobbie.
[Veja a Parte II, onde este tópico será discutido em sua totalidade. Onde quer que este assunto dos “Canos” seja trazido nas sessões, o parágrafo será representado por seu número e por uma referência à Parte II, onde será achado por completo.]

(38) Um evento nove semanas antes da morte de Bobbie, para o qual os “canos” serão a pista. [Veja Parte II.]

(39) FEDA: Contei-lhe, da última vez, sobre uma menina um pouco mais velha que Bobbie, por quem ele era apaixonado? Ela parecia ser muito boa para ele, como desistindo de coisas por ele e sendo muito agradável com ele, e essa menina fazia — eu não tenho certeza — mas é algo a ver com uma bola que pertencia a Bobbie. Não penso que isto seja muito bom — veja, eu não estou obtendo isto do Sr. John agora, eu estou obtendo isto de Bobbie. Algo que essa menina fazia com uma bola e que Bobbie gostava muito quando ele estava aqui, a menina fazia algo assim.

[A menina Marjorie, na pista de gelo, fazia uma apresentação especial antes das partidas de hóquei. O time a chamava de sua mascote, e ela abria suas partidas com uma exibição de patinação, na qual, ao final, ela atirava uma bola ao gol. Bobbie gostava de assistir isso. Ela tinha doze anos, e eles eram grandes amigos. Enquanto Marjorie esteve fora por um tempo, Bobbie disse à mãe, “Se eu não vir Marjorie logo, vou ficar maluco”. Isto se deu um mês de sua morte. As sessões fazem alusão a ela várias vezes. A bola, obviamente, não pertencia a Bobbie, embora ele possa tê-la jogado algumas vezes, pois ele patinava freqüentemente com Marjorie.]

(40) FEDA: Pergunte se ele foi a algum lugar onde havia uma escadaria quebrada? Pode não ter sido a própria escada, onde se pisa, que estava quebrada, mas uma parte da construção onde ficava a escada estava quebrada.

(41) E havia também um longo caminho, passando, em parte, por entre algo, como se fosse entre algo bastante alto, sinto como se houvesse uma parede alta em um dos lados. Não há construções próximas às escadas agora, mas eu capto uma sensação de algo próximo ao caminho e à escada.

(42) Quando se passa da escadaria, o caminho fica mais aberto.

(43) E aí me parece que haja uma igreja, com um grupo de árvores ao redor.

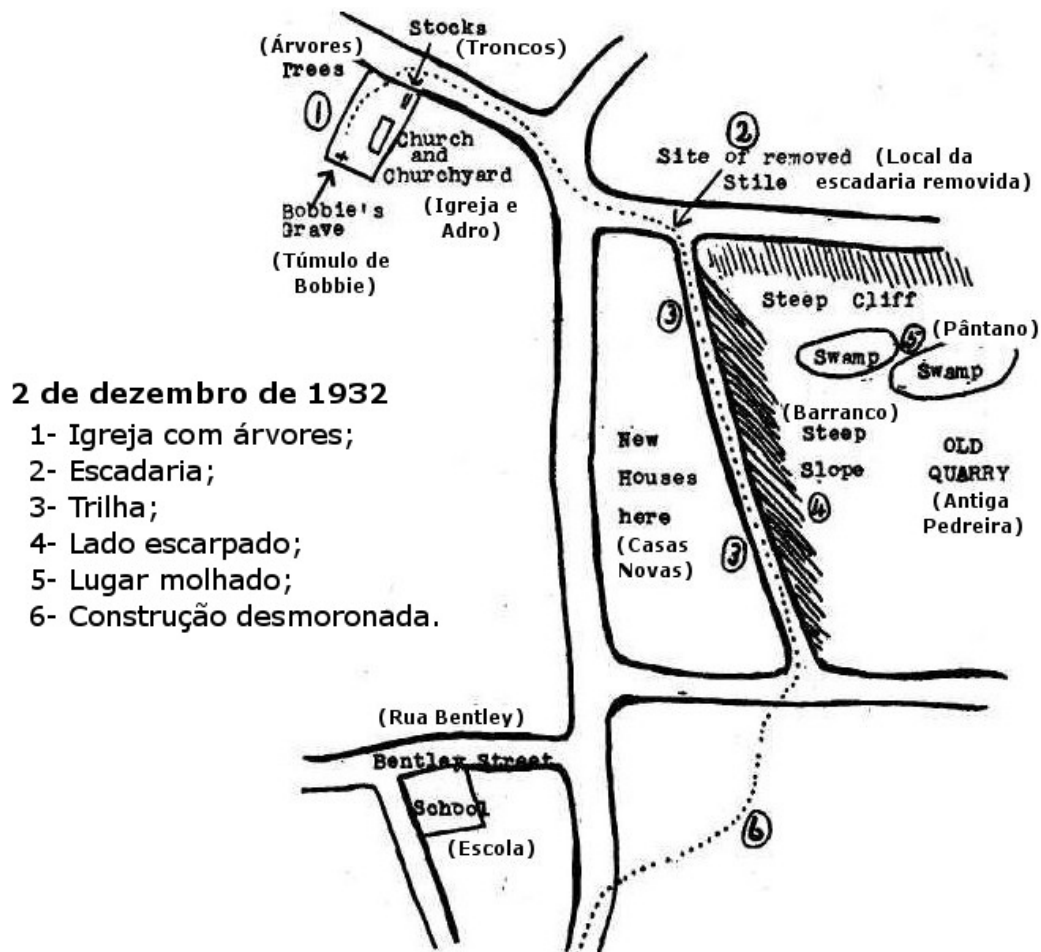
(44) Sinto que só se precisa ir um pouco além da escadaria, e há algo que seria perigoso perto desta escada, onde se pode cair, como se tivesse que dizer às crianças, “Olha, não vá para aquele lado.” É algo no qual se pode cair dentro.

(45) E é molhado também; não consigo ver a água — acho que eles querem que eu diga isso — mesmo assim parece pegajoso e molhado lá.

(46) Esse é um lugar que Bobbie conhecia muito bem, tinha razão para tal. Ele tem pensado ultimamente nisso, ao visitar seus parentes na terra. Ele deve ter estado perto desse lugar com eles, o que o fez pensar novamente nisto, considerando que ele teria esquecido.

O Sr. Hatch escreve: “Isto é muito bom. Um de seus passeios favoritos era passando por uma escadaria. Se está danificada eu não sei, mas vou descobrir. E, passando além dela, há uma igreja com árvores. O corpo dele está enterrado no adro⁵ da igreja. Passando a escada, o caminho conduz a uma antiga pedreira, agora úmida e pantanosa (Veja Fig. III). Bobbie queria ir brincar lá, mas nós proibimos.” O Sr. Hatch escreveu depois: “Tomei o caminho descrito em suas últimas notas, mas não pude achar nenhuma escada quebrada; porém, estas últimas mensagens são as melhores que tivemos.”

O Sr. Hatch incluiu um mapa do passeio, aqui reproduzido (Mapa 1). A escadaria, que tinha estado lá na época de Bobbie, e *estivera*



2 de dezembro de 1932

- 1- Igreja com árvores;
- 2- Escadaria;
- 3- Trilha;
- 4- Lado escarpado;
- 5- Lugar molhado;
- 6- Construção desmoronada.

MAPA 1.

⁵ Terreno em frente ou em redor de uma igreja. Antigo cemitério, quando os enterros eram feitos no próprio templo ou ao redor dele. (N. T.)

realmente danificada, agora tinha sido completamente removida. Passado o local desta escadaria, uma trilha corre ao longo da extremidade escarpada de uma pedreira. A mãe de Bobbie me diz que ela considerava perigoso este caminho desprotegido. Agora está mais seguro por conta de uma cerca. Não há nenhuma parede alta no oposto lateral à pedreira, mas uma fileira de casas; essas casas poderiam ser descritas como “algo bastante alto” e “como uma parede alta de um lado”. “Quando se passa da escadaria, fica mais aberto.”; sim, há uma visão ampla por sobre a pedreira à esquerda. “Igreja com um grupo de árvores ao redor”; esta fica a alguns minutos a pé da pedreira, sem ligação com ela, mas fazendo parte do passeio que a família fazia com frequência. “Ele deve ter estado perto desse lugar com eles, etc.”; o Sr. Hatch acrescenta, “Sim, quase toda vez em que saímos desde sua morte, fomos ou à sua sepultura ou à casa de um amigo que vive ali perto.”

Ao reler o trecho acima, enquanto preparava o artigo, assumi erroneamente que o passeio feito pela família com frequência incluía o caminho pela escadaria. Parecia inexplicável então que, passando pelo local da escadaria “quase toda vez em que saímos desde sua morte” — um período de várias semanas — eles não tivessem conhecimento da escada, e de sua subsequente remoção.

À minha carta, Sr. Hatch respondeu, em 24 de fevereiro de 1935, “Você está enganado se pensa que tomávamos freqüentemente o caminho pela escadaria depois da morte de Bobbie. O passeio que de fato fazíamos era pela estrada, até a sepultura. Gwen (Sra. Newlove) fez o caminho descrito depois da sessão, e não achou a escada, apesar de achar que houvesse uma. Nós então lhe escrevemos dizendo que a descrição do passeio estava correta, a não ser pelo fato de não haver qualquer escada quebrada. Algumas semanas depois, soube por um amigo que uma escada quebrada existia lá, mas tinha sido removida pouco antes da morte de Bobbie.”

Terceira Sessão Continua...

(47) FEDA: Um lugar próximo de lá começa com “Sw” — é perto do lugar que estão descrevendo. Parece haver um “L” mais adiante no mesmo nome — “Sw” e “L”:

(48) Bobbie iria, às vezes, passando por essa escadaria, a um prédio desabado, não exatamente a ele, mas próximo a ele. O Sr. John não sabe a causa do desabamento, e acha que Bobbie também não saiba, mas o prédio foi deixado lá, desmoronado, parte em pé e parte em escombros.

[“Sw... L”; Estas letras são um enigma não resolvido.

Quanto ao prédio em ruínas, Sr. Hatch escreveu: “Mais perto de nossa casa do que da pedreira há um celeiro antigo, parte em pé e parte em escombros.”]

(49) FEDA: O que Bobbie costumava fazer com isso? Bobbie quer me contar sobre uma correia que ele ganhou, que circulava alguma coisa. Ele estava sempre tirando e colocando, aumentando e diminuindo, como se estivesse tentando puxá-la assim (as mãos da médium fazem movimento de puxar em direção aos ombros). Como se fosse feita de borracha ou elástico. Ele estava sempre puxando isso, o que sua mãe não gostava muito, ela dizia, “Tome cuidado, olha o que faz com isso.”

[Sua mãe se lembra que ele ficava puxando uma banda elástica ou algo similar, e que ela o advertiu, preocupada com que o objeto voasse no rosto dela ou no dele.]

(50) FEDA: Ele lhe contou alguma coisa sobre um parente homem que faleceu não muito antes dele? Sr. John diz que é quase impossível sermos precisos no cálculo do tempo, mas ele acha que teriam sido dois anos. Ele era ligado à família; e há uma letra “A” relacionada a isso.

[O cunhado do pai dele, chamado Arthur, morrera subitamente por volta de dois anos antes.]

(51) FEDA: Bobbie era chato com comida, e não gostava de algumas comidas que as crianças gostam, como se não gostasse de certa comida, que realmente era difícil dele comer, e tem uma comida que lhe deram pouco tempo antes dele morrer que ele não gostava de jeito algum. Era uma de suas aversões principais. Era uma comida bem comum, que a maioria dos meninos gosta, mas ele por acaso não gostava.

[Muito correto. Ele era ruim para comer; por exemplo, ele não tocava em geléia, nem ao menos num bolo que tivesse geléia. Também não gostava de leite. A mãe de Bobbie escreveu: “A comida que lhe foi dada pouco antes do fim de sua vida terrena, sua aversão maior, era clara de ovo. Ele odiava clara de ovo, e sempre deixava de lado, mas eu estava começando a insistir que ele tentasse comer.”]

(52) FEDA: O Sr. John disse que acha que, para um menino, Bobbie era muito carinhoso, sensível às palavras, ações e até pensamentos das pessoas, um tipo de garoto muito compreensivo. Ele acha que havia uma ligação muito forte entre o menino e sua família. Ele não era bem um menino informal. Era um garoto com muito sentimento e compreensão.

(53) Ele gostava bastante de flores, o que não é comum entre meninos. Sr. John diz, acho que ele quer dizer alguma planta pela qual ele talvez tenha tomado interesse particular, e a qual ele notaria mais do que os outros meninos.

[O Sr. Hatch escreveu: “A primeira parte está correta, mas não acho que ele gostava muito de flores.”]

Durante a minha visita, estava conversando com o amigo de Bobbie, Sr. Burrows, o

instrutor de boxe, que me disse que Bobbie gostava de ir com ele ao seu jardim. Uma vez lá, ele demonstrara muito interesse em pés de batata, os quais ele nunca tinha visto. Ele não entendera que várias batatas nasciam de uma única raiz. O Sr. Burrows então lhe deu uma planta, e Bobbie ficou animado com seu crescimento e muito zeloso em regá-la. Queria freqüentemente saber quando poderia colhê-la, e geralmente falava dela em casa. Viveu para vê-la apenas florescer.]

(54) FEDA: Você não deve tirá-lo da estante, você deve deixá-lo na estante perto do canto. Deixe-o na estante, onde outros podem vê-lo e pegá-lo. Ele costumava pegá-lo, às vezes — acho que captei certo — havia algo que costumava ficar no canto da estante, e por vezes Bobbie o queria, e lhe diziam, “Deixe-o na estante no caso de alguém querer pegá-lo” — algo redondo, liso e polido.

C. D. T.: O que será que ele fazia com essa coisa quando a pegava?

FEDA: Era um relógio?

C. D. T.: Você está adivinhando, Feda?

FEDA: Eu estava perguntado a ele, pois parecia com um relógio que ele segurava na palma da mão.

C. D. T.: O que ele diz?

FEDA: Ele parece estar torcendo alguma coisa, como se faz com um relógio ou despertador.

C. D. T.: Dando corda?

FEDA: Sim, dando corda em alguma coisa.

C. D. T.: É Bobbie quem está mostrando isto?

FEDA: É Bobbie me dando algo. Parece um relógio.

C. D. T.: Parece uma boa evidência, mas falta a informação precisa. Eu poderia pensar em pelo menos quatro coisas.

FEDA: É melhor não tentar adivinhar. Ele torce e gira. Não era um relógio. Eles ainda o têm. Não está no mesmo lugar, foi posto em outro ponto, mas ainda está com eles. Bobbie acha que foi posto em uma gaveta, ao invés de em uma estante. Está em um prato? Ele está me dando a idéia de um prato próximo a essa coisa.

[O Sr. Hatch escreve: “Bobbie gostava muito de um pequeno saleiro que ele ganhou em Morecambe⁶. Ficava no canto de uma estante, e ele costumava torcer a rolha no fundo e rolar o saleiro pela mesa de jantar. Sua posição foi mudada, mas não para dentro de uma gaveta. Ele é de louça esmaltada, no formato de um cachorro. “Redondo, liso e polido” está correto. Agora, ele fica numa estante, abaixo dos pratos de jantar.” (Veja a Fig. II.)]

⁶ Pequena cidade pesqueira no litoral da Inglaterra, hoje mais dedicada ao turismo. (N. T.)

1. O que Bobbie guardava no armário do banheiro?
2. Aonde ele gostava de ir com sua mãe à noite, no inverno passado, e estava ansioso por ir novamente nesse inverno?
3. O que ele fazia no sótão, além de treinar boxe?

Eu fiz as perguntas e, à medida que prosseguimos, será observado que duas delas foram respondidas com algum detalhe. Cabe aqui ressaltar que achei interessante comparar as informações recebidas com meus próprios palpites. Escrevi então ao Sr. Hatch dizendo que arriscava:

(1) Barco, (2) ao cinema, ou à pista de patinação, e (3) brincava com trenzinhos. Ficou claro, após algumas sessões, que minha alternativa intuída para a segunda pergunta, *pista de patinação*, era parcialmente correta. Até o final das sessões, não percebi que meu primeiro palpite, *barco*, também estava correto. No entanto, talvez tenha significância, em face da teoria telepática, o fato de estas assertivas nunca terem emergido em resposta às perguntas originais, tampouco meu terceiro palpite, que se mostrou totalmente errado.

FEDA: Etta diz que trouxe o menino; você sabe, Bobbie Newlove, e que ele queria dizer algumas coisas antes de prosseguir.

C. D. T.: Bobbie, não consigo pensar no que você fazia no sótão além de treinar boxe. Estive tentando adivinhar.

(55) FEDA: Ele tinha ganho de seus parentes algo que ficava numa caixa, que ele costumava retirar da caixa e parecia ser formado por uma infinidade de peças? Acho que ele tinha duas caixas, ele costumava retirar coisas das caixas como se fosse atá-las. Parece que ele está construindo uma coisa que tem um ponto alto, ou alguma coisa presa no alto. Sinto uma coisa brotando na parte de cima; e acho que tem uma foto ligada a isso também, como se ele estivesse tentando construir algo da foto, ou para se parecer com a foto.

[Sr. Hatch: “Isso poderia ser seu Meccano⁷. Bobbie gostava de construir guindastes com ele, os quais certamente tinham uma parte alta. Ele também tinha um avião Meccano em duas caixas. Ambas têm fotos como guia.”]

(56) FEDA: Bobbie tinha um pato? Vou lhe dizer o que ele está me mostrando; parece um pato. Pergunte se ele tinha um pato de brinquedo. Acho que é isso. Vejo-o nas mãos dele, como se ele o estivesse trazendo na minha direção. Não acho que suas patas sejam longas, ou então ele está levantando as patas um pouco, mas os patos não têm patas longas mesmo. Acho que é um pato por causa das patas.

[Possivelmente, essa fora uma nova tentativa de referência ao saleiro em formato de cachorro que Bobbie ganhara em Morecambe (veja Terceira Sessão, No. 54). Caso afirmativo, o assunto é resumido mais adiante nesta sessão, No. 61. O cachorro em questão se posiciona sentado sobre pequenas patas posteriores, com as patas anteriores imperceptíveis.]

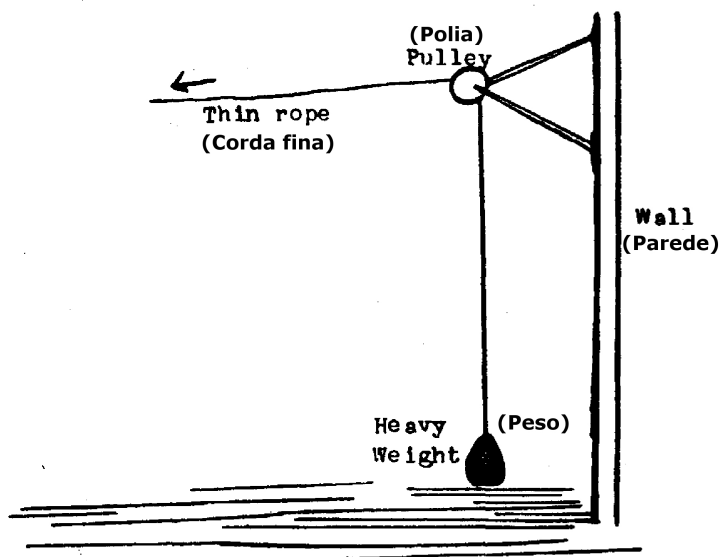
⁷ Brinquedo de montar que, na época, era composto principalmente por partes de metal. Existente até hoje. (N. T.)

(57) FEDA: Ele fica dizendo “camundongos”. Ele se interessava por algo relacionado a camundongos, e acho que mais alguém está envolvido nisso, porque capto uma sensação de uma outra criança, ou pessoa jovem, que se interessava e tinha tanto a ver com camundongos quanto Bobbie.

[A mãe de Bobbie escreveu: “Pude finalmente perguntar sobre os camundongos. Parece que Bobbie tinha interesse em uns camundongos de um amigo seu. Aparentemente, ele trouxe alguns para nos mostrar, mas foi repelido porque eu tenho medo deles. Tenho uma lembrança bem vaga desse episódio, mas seu amigo tem certeza.”]

(58) FEDA: O que você está me mostrando? Você puxou um barbante da parede? Bobbie fazia coisas estranhas para um menino, veja, ela está indo para a parede e parece estar destorcendo algo e ele está puxando alguma coisa da parede, um barbante grosso ou uma corda, e parece estar fixando alguma coisa na ponta cuidadosamente. O que ele está fazendo é importante. É o puxar da corda que parece ser importante. Tem a ver com trazer para junto dele o máximo possível, e então deixar voltar tudo para a parede de novo. É algo que ele parecia fazer regularmente.

[Sr. Hatch: “Isso é bom; no sótão, ele tinha, entre outras coisas, um aparelho para fortalecer os músculos. Puxá-lo era o mais importante, e ele fazia isso com bastante frequência. O desenho anexado demonstrará a idéia.” (Ver desenho)]



Essa é, evidentemente, a resposta para a terceira pergunta, que era: “O que ele fazia no sótão, além de treinar boxe?”]

(59) FEDA: Pergunte se ele ia fazer alguma coisa nos dentes pouco antes de falecer, algo que foi postergado um

pouco. Foi antes de ele ficar bastante doente. Ele se lembra de ter os dentes examinados, e que alguma coisa deveria ser feita.

[Sr. Hatch: “Sim, sabíamos que ele teria de ir ao dentista logo, e estávamos bem preocupados com isso.”]

(60) FEDA: Sua mãe tinha um compromisso muito importante antes de ele morrer, ele acha que foi num sábado, e acha que sua doença de algum modo interferiu nisso. Ele acha que foi alguma coisa no sábado à tarde.

[A Sra. Newlove me disse que ela tinha tal compromisso marcado para o sábado; era com as Brownies, das quais ela era juíza. Bobbie ficara doente no domingo anterior. Assim que sua doença tornou-se séria, a Sra. Newlove escreveu para adiar o compromisso. Bobbie morreu na terça-feira seguinte, à noite. Bobbie sabia que sua mãe deveria ter passado o sábado com as Brownies.]

(61) FEDA: Um nome começando com “B”, não o nome Bobbie, era muito importante na casa deles. Eu não posso falar em som porque não estou ouvindo, mas sentindo. Ele dá o som de “B”, mas agora sinto que seria mais como o nome de um animal, ou o nome de um brinquedo. É algo da casa de que ele gostava muito, e ele o chama por um nome engraçado começando com “B”, um nome curto. Espere um momento — *Ber*, *Bunkey*, *Bussey*. O nome que ele está dando soa como se começando com *Bus* ou *Bos*.

[Provavelmente mais uma referência ao saleiro previamente mencionado (veja No. 56). Ele tem a forma de um cachorro na posição sentada. Bobbie gostava muito dele e o chamava de seu “bow-wow”⁸. Em “...como o nome de um animal, ou o nome de um brinquedo.” e “...um nome engraçado começando com ‘B’,...”]

(62) FEDA: Alguém de quem ele gostava e cujo nome começava com “W”, e soa como *Wenda*, ou *Wendy*, é o mais perto que consigo chegar.

[Sr. Hatch: “Só podemos pensar em uma *Winnie* de quem ele gostava.”]

(63) FEDA: Bobbie quer dizer alguma coisa sobre sua maneira de escrever. Foi-lhe dito que fizesse algo que ajudaria, e ele estava tentando fazê-lo. Ele queria melhorar, e tentou fazê-lo antes de falecer.

(64) Ele mencionou isso porque foi assunto de conversa recente de seus parentes, e ele queria dizer: “Sim, eu estava tentando fazer isso pouco antes de morrer.”

[Sr. Hatch: “Nós o imploramos que tentasse melhorar sua escrita, que estava atrapalhando-o na escola. Nós tínhamos mencionado sua letra ruim quando tentamos ler seu diário — depois de seu falecimento.”]

(65) FEDA: Seus familiares têm conversado sobre a ida a um lugar que tinha muita ligação com Bobbie quando ele estava aqui, e eles sabem que terão que ir lá alguma hora. Pode deixá-los um pouco

⁸ Au-au. (N. T.)

tristes por causa da conexão com Bobbie quando ele estava na Terra. Há uma inicial “T” ligada a esse lugar. Sinto um *Ha* — Eles têm pensado em ir a esse lugar. Ele sente que algo os está fazendo ir a esse lugar

[Sr. Hatch: “Temos pensado em visitar amigos próximos a Halifax. O lugar não tem associação com Bobbie, mas a viagem de ônibus até lá nos faria lembrar muito dele, já que estivemos com ele em quase todos os pontos do caminho.”

Se esse *Ha* — foi uma tentativa de transmitir o nome *Halifax*, é um exemplo da clariaudiência imperfeita de Feda, similar aos precedentes *B*, *Ber*, *Bunkey* por *bow-wow*, e o nome *Wenda* por *Winnie*.]

(66) FEDA: Pergunte à mãe dele se ela tem pensado em fazer alguma coisa sobre Rosemary; diga isto. Como uma pequena mensagem para ela. Ele queria que fosse simbólico. Ele sentiu que isso estava na mente dela.

[Bobbie tinha interesse nas Escoteiras e nas Brownies e no trabalho de sua mãe com elas. Depois da morte de Bobbie ela começou a receber cartas ligadas a esse trabalho da Sra. Rosemary Stopford. O nome Rosemary poderia ser considerado simbólico desse trabalho, mas não chamou a atenção da Sr. Newlove até algum tempo depois que ela tinha escrito para me informar que o nome não tinha sido reconhecido.]

(67) FEDA: Ele fica dizendo que viu Arthur lá.

[Sr. Hatch: “Em sessão prévia (veja parágrafo 50), foi dito corretamente que um parente, de fato o cunhado de seu pai, morrera subitamente dois anos atrás. A inicial ‘A’ foi dada; agora, o nome completo é fornecido corretamente.”]

(68) FEDA: E tem um nome engraçado que ele está lembrando, soando como *Euan*. É um nome que Bobbie lembra, alguém em quem ele se interessava, e o nome parece mesmo com *Euan*.

[Não reconhecido.]

(69) FEDA: Peça para informar se houve alguma discussão sobre ver um outro médico, se outro médico tivesse que ser contatado para atendê-lo, de repente, tarde; porque eu fico recebendo uma mistura entre dois médicos.

[Sr. Hatch: “Correto. Outro médico, um especialista em garganta, por acaso mora ao lado. Ele atendeu Bobbie poucas horas antes de ele morrer.”]

(70) Fraqueza de saúde prévia, e nova referência aos “canos”. (Veja Parte II.)

C. D. T.: Bobbie, você já deu as respostas às três coisas que sua mãe perguntou? Elas eram — (1) O que você guardava no armário do banheiro? (2) O que você fazia no sótão, além de treinar boxe? e (3) Aonde você gostava de ir com sua mãe à noite, no inverno passado, e estava ansioso por ir novamente nesse inverno? Talvez você já tenha dado as respostas.

(71) FEDA: Quando ele andava com sua mãe, ele carregava algo para ela? Sinto que era importante que ele carregasse isso para ela, não alguma coisa de se colocar debaixo do braço, mas algo que balançava um pouco.

[Sr. Hatch: “Bobbie gostava muito de patinação e é curioso que o senhor tenha adivinhado corretamente a resposta à pergunta sobre o que ele fazia nas noites de inverno. Bobbie costumava carregar seus patins balançando. Sua mãe por vezes se oferecia para carregá-los, mas ele nunca a permitia. É possível que ele ache que, carregando-os, ele a poupasse.”]

(72) FEDA: E quando eles caminhavam, ele segurava o braço dela? Não sei se ele sempre fazia isso, mas tenho uma sensação muito forte de ele segurando o braço dela. Meninos não fazem isso geralmente, mas eu o capto fazendo isso quando eles saíam à noite.

[Sr. Hatch: “Sim, correto.”]

(73) FEDA: Eles tinham conversado e pensavam em comprar algo novo para esse inverno, que seria bem caro, com ligação com o lugar aonde eles iriam juntos. Era caro, mas seria uma boa melhoria no que eles já tinham. Ele apreciava ir a esse lugar, e comentava muito sobre ele depois, e sobre o progresso que eles vinham fazendo.

[Sr. Hatch: “Havia alguma conversa sobre comprar um par de patins para a mãe dele. Ela não tinha patins, mas usava um par da pista. É verdade que ele apreciava falar do progresso que eles tinham alcançado.”]

(74) FEDA: Que lugar estranho esse, não parecia haver muita mobília lá. Pergunte se era um lugar vazio, pois estou recebendo uma sensação de um lugar bem vazio, talvez de propósito. Parece um lugar de onde tiraram toda a mobília; parece que havia muitas pessoas lá também. Eu fico ouvindo vozes. Tem a ver com o lugar aonde eles iam às noites de inverno, e eles esperavam ir novamente, somente depois de comprar algo especial.

C. D. T.: Ele não lhe disse o que é?

FEDA: Não, eu não consigo captar o que é.

[Sr. Hatch: “Uma descrição correta da pista de patinação.”]

(75) FEDA: Havia alguém que eles esperavam encontrar lá, um homem jovem, alguém que eles conheciam muito bem, bem mais velho que Bobbie. Agora vejo um “M”, acho que seria o nome do homem. E está ficando quente lá.

[O Sr. Burrows, grande amigo de Bobbie, era uma pessoa importante na pista de patinação. A pequena Marjorie, previamente mencionada, também freqüentava a pista, como semi-profissional. Nota-se a inferência errada de Feda: “‘M’, acho que seria o nome do homem.” “Ficando quente lá”; qualquer um se esquentava patinando.]

(76) FEDA: Ela pediu a ele que conseguisse novas botas para isso? Capto uma conversa

sobre botas ou sapatos ligada a isso, que ele sabe que ela vai lembrar. Estou perdendo ele um pouco, ele está se distanciando.

[Sr. Hatch: “Bobbie queria botas⁹ novas para patinar.”]

(77) C. D. T.: Bobbie, o que você guardava no armário do banheiro? Mostre uma imagem da coisa, pense nela e deixe Feda ver.

FEDA: Não, Bobbie, estou vendo errado, o que é? Não é um balão, ele estouraria! Não sei o que ele quer dizer agora, ele mostra uma imagem que parece com um balão, e apareceu quando o senhor fez a pergunta. Sinto que é leve e redondo, como algo que flutua no ar. Pergunte a eles se ele realmente guardava um no armário do banheiro.

[Não há ligação entre esta resposta e o banheiro. Suspeito que tenhamos aqui um exemplo da confusão que inevitavelmente se dá quando a pergunta do consulente é ignorada e o comunicador continua seu encadeamento de idéias prévio. Bobbie estava falando sobre a pista de patinação — carregando os patins, comprando patins novos, a pista, pessoas que ele conhecia, botas novas pra patinar. O que mais natural do que ele pensar nas noites festivas na pista, nas quais ele geralmente ganhava muitos balões coloridos? Naquelas noites, vários balões eram soltos na pista entre as crianças. Tenho percebido repetidamente que, por razões que podemos supor, o comunicador não capta a pergunta, ou prefere completar o que tem em mente.]

C. D. T.: Você pode mostrar a Feda o que você fazia no sótão?

(78) FEDA: Ele está deitando no chão. Você está deitando no chão, não é mesmo? Ele está me mostrando alguma coisa esticada no chão. Acho que ele quer que eu me deite no chão, ou coisa parecida. Parece que eu tenho que deitar no chão e mover alguma coisa. Eu quero balançar e me contorcer. Acho que estou mexendo meus pés, mãos e cabeça. É tudo que eu consigo captar sobre isso.

[Sr. Hatch: “Deitando no chão está correto. Bobbie fazia exercícios lá; erguendo as pernas enquanto deitado de costas, fazendo flexões, e vários outros truques.”]

C. D. T.: Fiquei muito interessado quando me enviaram a fotografia de Bobbie mostrando a tábua por sobre a qual Feda parecia vê-lo, e a coisa redonda sem aba na sua cabeça, que Feda descreveu. Tudo era perfeitamente visível na fotografia. A única discrepância era o fato de ele não estar agachado. Era uma ocasião para fantasias, e ele estava representando alguém, e tinha a grande carta, da metade de sua própria altura, pendurada na frente de seu corpo, para ilustrar a personagem que ele representava.

(79) FEDA: Não, Etta, não, o que você quer dizer com um livro? Alguma coisa vem à minha mente sobre isso, mas agora não estou em posição de pedir a Bobbie para verificar isso. O senhor sabe, como já lhe dissemos, que quando lhe trazemos um suposto comunicador,

⁹ Os patins da época não eram um único calçado com rodas embutidas, mas sim uma armação com rodas na qual se prendia o calçado, por meio de tiras. (N. T.)

geralmente sabemos algo sobre o assunto de antemão, sabemos a sinopse do que ele está prestes a fornecer. Bem, vem a mim agora a lembrança de um livro. Pergunte se ele conseguiria alguma coisa a partir de um livro, se ele estava interessado em algum livro, que fosse de alguma maneira ligado ao que ele pretendia ser. De fato, me lembro que ele queria falar de um livro.

[Sr. Hatch: “As tábuas já haviam sido usadas antes, não por Bobbie, mas ele sabia delas; foram usadas em uma peça das Brownies, adaptada do livro *Alice no País da Maravilhas*. Bobbie tinha lido o livro *Alice no País da Maravilhas* e tinha ficado muito entusiasmado com ele.”]

QUARTA SESSÃO
Abreviações Utilizadas.

C: Correto
B: Bom
R: Regular
I: Insuficiente
D: Duvidoso

Classificação

M:	C.	Construindo com padrão em fotografia, com ponto alto (55).
M:	I.	Algo como um pato (56).
M:	B.	Camundongos (57).
M:	C.	Aparelho preso à parede (58).
M:	C.	Preocupação com os dentes (59).
M:	C.	Planos de sábado da mãe alterados (60).
M:	C.	Nome “B” de brinquedo ou animal (61)
M:	R.	Interesse no nome “W” (62).
M:	C.	Escrita a ser melhorada (63).
O:	C.	Sua escrita mencionada recentemente (64).
O:	B.	Família indo a lugar “H” pensando nele (65).
O:	C.	Mãe pensando em Rosemary (66).
O:	C.	Encontrou com Arthur (67).
M:	D.	Nome parecido com <i>Euan</i> (68).
M:	C.	Médicos e sua doença (69).
O:	B.	Fraqueza de saúde prévia. Nova referência aos “canos” (70).
M:	C.	Carregando algo balançando para sua mãe (71).
M:	C.	Maneira de caminhar com sua mãe (72).
M:	R.	Uma compra para o inverno (73).
M:	C.	Descrição de um lugar freqüentado (74).
M:	C.	Pessoas que encontrava lá, etc (75).
M:	C.	Discussão sobre calçado para o tal lugar (76)
M:	R.	Algo que flutuava no ar (77)
M:	C.	Exercícios no sótão (78).
M:	B.	Fantasia de Bobbie ligada a um livro (79).

<i>Memórias de Bobbie</i>	<i>Observações de Bobbie após falecer</i>
C: 13.	C: 3
B: 2.	B: 2
R: 3.	
I: 1.	
D: 1.	

Quinta Sessão, 27 de janeiro de 1933.

- (80) Canos não são da casa, encontram-se em outro lugar. (Veja a Parte II.)
- (81) Conexão entre os canos e a infecção. (Veja a Parte II.)
- (82) Os animais serão pistas para achar os canos. (Veja a Parte II.)
- (83) Uma modificação tornou os canos menos perigosos. (Veja a Parte II.)
- (84) Familiares de Bobbie não conhecem os canos. (Veja a Parte II.)
- (85) Outro menino fora lá com Bobbie. (Veja a Parte II.)
- (86) Canos não se encontram no interior, no campo. (Veja a Parte II.)
- (87) Estábulo, palha. Um lado parcialmente aberto. (Veja a Parte II.)
- (88) Vista do campo escondida por prédios. (Veja a Parte II.)
- (89) Água pingando ou jorrando. (Veja a Parte II.)
- (90) FEDA: Bobbie quer perguntar à sua mãe se ela se lembra como as portas foram mudadas nesse lugar aonde eles iam à noite. Eles fecharam um conjunto de portas e abriram outras, e depois se entrava por um lugar diferente do que se entrava antes. Havia um arranjo diferente de portas no final. Ele só se lembra disso.
[Sr. Hatch: “Isso está incorreto. Nenhuma mudança foi feita nas portas da pista de patinação.”]
- (91) FEDA: Ele usava alguma coisa feita de celulóide, alguma coisa que eles queriam que ele parasse de usar? Eles temiam que se incendiasse ou explodisse.
[Sr. Hatch: “Sim, ele tinha comprado uma lanterna cinematográfica de segunda mão, e nós estávamos um pouco receosos com os filmes de celulóide.”]
- (92) FEDA: Pergunte à mãe dele se ela fez uma reforma no banheiro depois de ele falecer, nas paredes, pois ele lembra que ela queria reformá-lo. Havia algo sendo falado sobre reforma no banheiro antes de ele morrer; falar do banheiro trazia lembranças dele.
[A família diz que partes das paredes e do teto do banheiro demandavam atenção onde o reboco estava solto. Foram consertadas desde o falecimento de Bobbie.]

(93) FEDA: Espere um pouco, Bobbie. Quase captei o que você está tentando me passar. Ele viu que sua mãe tinha dobrado algo feito de papel colorido, que ele tinha usado. Era algo que ele usava. Papel fino, sabe? Bem, ele está me mostrando, e em várias cores, como se eles fossem dobrados em forma cônica e triangular; mas ela tinha que dobrá-los com cuidado, pois eles já tinham sido dobrados antes, e parece haver vários deles, formando um grande monte. Era algo que ela acreditava poder ser útil novamente, e era algo com o qual Bobbie a ajudara. Parte deles era rosa e grená, e também havia verde-claro e azul; parecia haver várias cores, branco também; ele acha que sua mãe os dobrou e os guardou numa caixa; mas ele não os usou de novo, pois faleceu. Houve uma ocasião após sua morte na qual, e para a qual, eles poderiam tê-los usado, mas não o fizeram, e ele preferia que eles usassem, mas não se surpreendeu por eles não terem usado.

[O Sr. Hatch escreve: “Isso deve se referir aos papéis de embalagem dos biscoitos de natal, que foram dobrados, e que teriam sido usados novamente se Bobbie vivesse.”]

Em resposta a nova indagação, garantiram-me que esses papéis combinavam com a descrição, incluindo a “cor grená”.]

(94) C. D. T.: Eles não sabiam o que você quis dizer com o mês de abril. Não acham que algo tenha acontecido em abril; foi o seu aniversário, Bobbie?

[Em sessão prévia, Feda havia mencionado abril, mas não conseguiu captar o que Bobbie queria dizer com isso. Finalmente, ela teria dito, “Ele fica repetindo abril. Acho que eles vão entender.”]

FEDA: Não, não foi aniversário, nem sua morte.

C. D. T.: Tinha relação com sua escola, Bobbie?

FEDA: Sim senhor, de certa maneira. O senhor está chegando bem perto.

C. D. T.: Você ganhou alguma coisa nesse mês?

FEDA: Não, mas ele tentou alguma coisa.

C. D. T.: Trabalho ou diversão?

FEDA: Um pouco dos dois. Foi algo que ele tentou fazer, existia um tipo de encontro relacionado a isso, no qual ele era muito importante, no qual ele pensava muito, e pelo qual ele ansiava. (Longa pausa) E *Atkins*, ele está dando um nome soando como *Atkins*. É *Atkins* ou *Atkinson*. Capto *At*—, *Atk*—, tudo ligado com a coisa em abril.

[Isso pode se referir aos seguintes fatos, que me foram passados pela família quando de minha visita a eles. Bobbie queria entrar para os esportes na escola. Ele pediu permissão, e o assunto fora discutido pela família. Apesar das competições se darem no verão, os competidores eram selecionados em abril. Houve uma discussão familiar parecida sobre sua participação na parada à fantasia do hospital, na qual ele se vestiu de Valete de Copas. O nome não foi reconhecido.]

C. D. T.: Eles acharam que o animal começando com a letra “B” era seu *bow-wow*.

FEDA: Isto está certo, mas que nome tolo.

C. D. T.: Acredito que é como ele chamava o artigo de porcelana que ele ganhou e mantinha na estante.

FEDA: Acho que tem a ver com o *bow-wow*, ele parece vir e me mostrar.

C. D. T.: A menina que Bobbie conhecia tão bem, eles chamaram de Winnie. Você disse Wendy.

FEDA: Aquela é a certa, foi erro de Feda.

[Meu objetivo ao reportar essas passagens era, por um lado, encorajar, e por outro, estimular o aparecimento de mais descrições confirmatórias. Dou pouco valor ao mero consentimento quando pergunto se isso ou aquilo é a resposta certa.]

C. D. T.: E o que mais você fazia no sótão além de exercícios para fortalecer os músculos? Você treinava boxe, mas você fazia outras coisas lá?

(95) FEDA: O que ele está fingindo ser? Está se fazendo de bobo? Ele está dando pulos, botando as mãos assim — (os braços da médium são jogados para cima), se curvando, e tal. Está fingindo atuar, como palhaços ou algo parecido; ele fazia algo assim, pois ele me fez sentir que queria se apresentar, e tudo mais.

[Sr. Hatch: “Acho isso bom. Tínhamos montado uma sala de ginástica no sótão. O ‘curvar’ é uma boa descrição de seus movimentos quando levantando alteres ou outros pesos.”]

FEDA: Não entendo algumas das informações que capto deles, e um pequeno engano poderia dar-lhes a idéia errada.

QUINTA SESSÃO *Abreviações Utilizadas*

C: Correto.
B: Bom.
R: Regular.
I: Insuficiente.
D: Duvidoso.
E: Errado.

Classificação

M:	C.	Canos fora da casa, alcançados por outro caminho (80).
M:	B.	Conexão entre os canos e a infecção (81).
M:	C.	Animais serão prova na questão dos canos (82).
O:	D.	Uma modificação tornou os canos menos perigosos (83).
M:	C.	Família de Bobbie não conhecia o lugar dos canos (84).
M:	C.	Outro menino fora lá com Bobbie (85).

M:	C.	Canos não estão no interior — no campo (86)
M:	C.	Estábulo. Feno. Um lado parcialmente aberto (87).
M:	R.	Vista do campo escondida por edifícios (88).
M:	I.	Água pingando ou jorrando (89).
M:	E.	Mudança de portas na pista de patinação (90).
M:	C.	Artigo de celulósido que ele usava e não era aprovado (91).
M:	C.	Reparos no banheiro (92).
M:	C.	Forma, cores, etc., de artigo em papel fino (93).
M:	R.	Referência ao evento em abril e a Atkins (94).
M:	D.	Outras atividades no sótão (95).

Resultados da análise acima—

<i>Memórias de Bobbie</i>	<i>Opiniões de John</i>
C: 9.	D: 1.
B: 1.	
R: 2.	
I: 1.	
D: 1.	
E: 1.	

Sexta Sessão, 16 de fevereiro de 1993.

- | | |
|--|------------------|
| (96) Bentley é uma pista para o local dos canos. | (Veja Parte II.) |
| (97) Troncos também. | (Veja Parte II.) |
| (98) Um caminho descrito com detalhes. | (Veja Parte II.) |
| (99) O nome Phil é uma pista. | (Veja Parte II.) |
| (100) E os nomes de outros meninos. | (Veja Parte II.) |

SEXTA SESSÃO
Abreviações utilizadas

C: Correto.
B: Bom.
D: Duvidoso.

Classificação

M:	C.	Bentley é uma pista para os canos (96).
M:	B.	Troncos também (97).
M:	C.	Caminho descrito com detalhes (98).
M:	D.	Nome Phil é uma pista (99).
M:	D.	Nomes de outros meninos (100).

Resultado da análise acima—

Memória de Bobby

C: 2.
B: 1.
D: 2.

Sétima Sessão, 10 de março de 1933.

(101) FEDA: Etta diz que Bobbie era muito observador. Pode dizer a sua família que eu disse isso. Penso que seria um traço marcante nele, pois os garotos são tão descuidados em tantas coisas, mas Bobbie não era. Ele era um menino normal, mas muito esperto e observador.

[Sr. Hatch: “Certíssimo. O poder de observação de Bobbie era acima da média.”]

(102) FEDA: Outra coisa sobre ele: possuía tendência para ciências.

[Sr. Hatch: “Acho que, em se tratando de um menino de dez anos, isso está correto. Ele costumava pegar uns livros meus de paleontologia. Sabia de cor os nomes de certas criaturas extintas. Adorava brinquedos eletrônicos e de química.”]

(103) FEDA: Ele também possuía uma forte veia artística, que penso ter vindo de sua mãe. Etta diz que não é ele quem está contando isto a ela. Bobbie herdou um lado artístico da parte materna da família. Pergunte à mãe dele se alguém intimamente ligado a ela tornou-se famoso e bem quisto por conta de um trabalho artístico especial, acho que ligado a desenho ou design. Bobbie herdou esse talento, não exatamente como seu parente, mas o mesmo dom de forma diferente. (Veja 104)

[Sr. Hatch: “Não achamos que ele tivesse facilidade para artes. Ele definitivamente não sabia desenhar, mas tinha bom gosto. Sua mãe também não tem esse talento, mas possui um tio que é um arquiteto bem conhecido no leste da Inglaterra.”]

(104) FEDA: Bobbie tinha noções excepcionalmente boas de forma, contorno, proporção, perspectiva — sinto que seus familiares sabem disso.

[Sr. Hatch: “Não, Bobbie não tinha boas noções de forma, perspectiva, etc., não temos nada artístico concreto sobre ele.”]

Quando fui a Nelson, me foram mostrados alguns dos esforços artísticos de Bobbie com pintura; eram imaturos, apenas na média dos meninos de sua idade. A impressão de Etta sobre suas habilidades nesse sentido parece equivocada.]

(105) FEDA: Bobbie mencionou algo a ela; uma caixa comprida de madeira com uma tampa lisa. Dentro dela parece haver uma coleção de, bem, coisas de metal. Etta diz que não se lembra agora do que ele disse. Ela acha que devem ser ferramentas. Mas são coisas especiais.

Sinto que ele ganhou esse conjunto de presente não muito antes de falecer, e algo sobre ele deveria ser mudado, ou trocado. Não sei se ele quis dizer trocar a caixa ou algo da caixa.

Não estava exatamente do jeito que ele queria. Há um selo ou uma etiqueta redonda em algum lugar da caixa. Acho que Bobbie disse que ficava perto da extremidade, ou da quina.

[Sr. Hatch: “Não sabemos o que isso significa. Ele não tinha uma caixa de madeira como a descrita, e não tivera um conjunto de ferramentas por um bom tempo. No último natal ele havia ganhado um kit de construção de avião Meccano, mas este ficava numa caixa de papelão. Ela possuía um número grande num círculo, como uma etiqueta, na quina.”

Eu fico inclinado a pensar que, nesse caso, foi feita confusão entre duas caixas, seja na memória de Etta, seja na transmissão por Fedá: (1) foi-me mostrada a caixa dada a ele pouco antes de seu falecimento, cuja tampa se encaixa na descrição; (2) o kit do avião, o qual ele já possuía há dois anos, já se encontrava fragmentado demais para ser montado por ele, e foi enviado à loja para ser reconstruído.]

(106) Fedá: Os familiares de Bobbie estão ajudando uma pessoa muito idosa? Esqueci o que ele me disse, mas acho que era uma velha senhora, de quem eles tinham pena e por quem eles faziam o máximo que podiam, o que agradava muito a Bobbie. Seus familiares estão pensando em ajudar as pessoas agora.

[A família informou que, na data dessa sessão, eles estavam pensando em ajudar alguém lhe fornecendo o jantar diariamente, e estavam inclinados a selecionar certa senhora idosa que conheciam. Logo após, eles decidiram por essa senhora viúva, de idade 63, mas que aparenta ser mais velha e não tem dentes. Eles ainda lhe enviavam o jantar quando eu os visitei em junho de 1933.]

SÉTIMA SESSÃO
Abreviações utilizadas

C: Correto.
I: Insuficiente.
E: Errado.

Classificação

O:	C.	Poder de observação de Bobbie (101).
O:	C.	Mente científica (102).
O:	C.	Artista do lado materno da família (103).
O:	E.	Bobbie e perspectiva, etc. (104).
M:	I.	Descrição da caixa; etiqueta redonda (104)
O:	C.	Parentes ajudando senhora idosa (105).

Resultados da análise acima—

<i>Memórias de Bobbie</i>	<i>Observações de Bobbie após falecer</i>	<i>Opiniões de Etta</i>
I: 1.	C: 1.	C: 3.
		E: 1.

Oitava Sessão, 24 de março de 1933.

(107) Etta tem certeza que os canos serão descobertos. (Veja Parte II.)

Nona Sessão, 10 de abril de 1933.

(108) Bobbie teria ido a um riacho, ou córrego, no interior. (Veja Parte II.)

(109) FEDA: Procure saber se ele era interessado em... bem, eu só consigo descrever ao senhor como um tipo de farmácia, um lugar onde há frascos e vidros. Não acho que seja uma farmácia de fato, mas um lugar com frascos e balanças, coisas e instrumentos desse tipo. Sinto que ele esteve em tal lugar e ficou bem interessado, gostava de ir lá. Capto a sensação de um lugar branco e limpo, tudo muito branco e limpo. Frascos e tampas limpos e aparelhos de medição. Ele fora lá por alguma razão.

[Sr. Hatch: “Isso é muito bom. Eu tinha negócios com um laboratório na cidade, e Bobbie gostava de ir até lá comigo. A referência aos frascos, tampas e aparelhos de medição é bem correta.”

Eu soube depois, conversando com o Sr. Hatch, que a ênfase de Feda na limpeza do local fora um pouco exagerada.]

Décima Sessão, 19 de maio de 1933.

C. D. T.: Gostaria de saber se Bobbie Newlove transmitirá mais mensagens.

(110) FEDA: Ele é um menino muito inteligente, e educado também. Acho que sua mãe confirmaria isso.

[Sr. Hatch: “Sim, ele era educado, com certeza.”]

(111) FEDA: Sua mãe tem pensado em algo sobre um boné, algo especial sobre ele. Não é grande coisa, mas ele gostaria que ela soubesse.

[Sr. Hatch escreve: “Sim, ela tem pensado no boné dele.”]

(112) FEDA: Ela encontrou alguma coisa com uma insígnia especial. Não é exatamente um coração, mas a parte de baixo tem o formato de um coração. Há uma linha reta que passa pela parte de cima, e um pedaço reto brotando da parte superior.

O Sr. Hatch respondeu dizendo que não conhecia insígnia com aquela forma. Na minha visita a Nelson, perguntei se Bobbie tinha alguma insígnia no uniforme de esportes da escola, ou outro tipo de insígnia. Eles negaram. Marquei isso, então, como falha. Mais tarde, no mesmo dia, foram-me mostradas as tábuas e o boné da fantasia, mencionados em sessões anteriores, dos quais eu desejava tirar uma fotografia. Vendo o chapéu do

valete de copas, percebi que se encaixava exatamente naquela descrição. Vê-se a fotografia (35) e nota-se o coração à frente da coroa, ou boné, com a linha em cada lado indo até o topo do coração, e “a pequena peça em pé no topo”. A única afirmação inexata foi “não é exatamente um coração”, a não ser se considerando o boné por si só, no qual o coração é fixo. Revendo minhas notas, vi as palavras “ela encontrou alguma coisa com uma insígnia especial”. Ao perguntar, responderam-me que a mãe de Bobbie tinha encontrado a coroa de papel quando fazia a limpeza da primavera¹⁰. A data da respectiva sessão bate com a época desse fato.

A sessão continua...

(113) FEDA: Espere um pouco, não se apresse. (Longa Pausa) “Igreja.” Espere um momento, Bobbie. Não entendo bem o que quer dizer. (Tudo isso é sussurrado.) “Igreja”, alguma coisa a respeito de uma igreja. Não sei... de algum modo ele está me mostrando uma igreja, a parte externa de uma igreja, e o cemitério.

C. D. T.: Igreja e cemitério?

FEDA: Sim, ele está me levando para a lateral. Acho que do lado direito de quem olha a igreja de frente. Penso que seja um lugar no qual sua mãe esteve ultimamente. Não indo à igreja, mas ao cemitério à direita, e acho que ali o terreno sofre um pequeno declive. É um lugar onde sua mãe esteve a pouco, e no qual ela estava pensando muito nele.

(O trecho acima foi levemente sussurrado, e com longas pausas entre as frases.)

[Sr Hatch: “Está corretíssimo; sua sepultura é bem na posição indicada.”]

Ao visitar Nelson, descobri que a descrição foi exata. Entra-se pelo portão, passando pelos troncos, que estão à esquerda do caminho; então, indo para o lado direito da igreja, o terreno claramente em declive, chega-se à sepultura. É verdade que sua mãe tinha estado lá pouco antes desta sessão. De fato, ela freqüentemente vai até lá, e naturalmente pensa em Bobbie.]

(114) FEDA: A mãe dele tem pensado bastante em maçãs em relação a ele.

[Sr. Hatch: “Sim, ele gostava muito de maçãs, e sua mãe tem lembrado disso ultimamente.”]

(115) Atitude dos parentes de Bobbie em relação ao problema dos canos. (Veja a Parte II.)

(116) Subterrâneo. (Veja Parte II.)

(117) Pode-se chegar aos canos passando pela escola. (Veja Parte II.)

(118) Uma curva para a direita. (Veja Parte II.)

¹⁰ A limpeza da primavera é um ritual comum em países de clima frio, e consiste na limpeza geral da casa, feita uma vez ao ano, nos primeiros dias de calor. (N. T.)

(119) Descrição de um caminho montanha a cima. (Veja a Parte II.)

(120) Lugar que começa com “B”. (Veja a Parte II.)

(121) Entrar na esquina de uma rua lateral. (Veja a Parte II.)

(122) Edifício que foi construído. (Veja a Parte II.)

(123) Distrito começando com “H”. (Veja a Parte II.)

(124) Outro vivente fora lá também. (Veja a Parte II.)

(125) Caminho próximo a local com barranco. (Veja a Parte II.)

(126) Pode ser alcançado por caminhos alternativos. (Veja Parte II.)

(127 e 128) FEDA: Ele acha que sua mãe quer um novo vestido.

[Sua mãe tinha ido a Manchester e comprado material para um vestido, requisitado pela mãe dela. Não era para a mãe de Bobbie, mas ela tinha se concentrado bastante nele.]

(129) FEDA: Ele gostaria de dizer à sua mãe que ele geralmente está com ela de manhã cedo.

Pergunte a ela se caixas de papelão fizeram-na pensar nele há pouco.

[Sr. Hatch: “Correto, durante a limpeza da primavera”]

C. D. T.: Eu imagino que ela pense muito em você, Bobbie.

(130) FEDA: Ela e eu éramos muito amigos. Não éramos bem como mãe e filho, éramos amigos. Ele diz que se sentia muito amadurecido.¹¹ Às vezes ela sentia como se ele a estivesse conduzindo. Ele diz: “Acho que ela vai entender se o senhor disser a ela. Ela adorava planejar coisas que nós dois iríamos fazer ou lugares aonde iríamos juntos, especialmente nesse último ano em que eu estive na Terra. Pareço ter crescido mais do que nunca, e ela contava tanto comigo naqueles últimos nove meses. Eu tinha crescido mais para que ela e eu pudéssemos fazer juntos coisas que normalmente são feitas por pessoas da mesma idade, e nós realmente aproveitávamos como se tivéssemos a mesma idade; e ela costumava me contar coisas que tinha feito, e até sobre coisas que tinha comprado, sabe? Falava até sobre suas roupas, o que eu acho que a maioria das mães não faz. Ela costumava me contar sobre coisas que tinha comprado.”

“Eu não podia estar mais feliz quando estava com ela”, diz ele. “Ela era como um outro menino, além de uma mãe. Quando o senhor conhecê-la melhor, também vai pensar que ela é como um menino.”

“Ela não tem aparência masculina, mas eu sempre podia conversar com ela como se estivesse conversando com outro menino.” Ele diz: “Ela sempre falava comigo como se eu fosse adulto.”

[Sr. Hatch: “Essa é uma descrição precisa da relação dele com a mãe.”

“Quando o senhor a conhecer melhor, etc.” Após conhecer a Sra. Newlove, posso concordar plenamente com isso.]

¹¹ Feda intercala a primeira pessoa, como se Bobbie fosse quem falasse no momento, com a terceira pessoa, durante a narração. (N. T.)

(131) FEDA: O senhor sabe quem é Geoffrey? Há alguém cujo nome começa com “G” de quem ele se lembra.

[Sem confirmação, mas Bobbie tinha muitas amigas na escola, de cujos nomes sua família não tem conhecimento.]

OITAVA, NONA E DÉCIMA SESSÕES.

Abreviações utilizadas.

- C: Correto.
- R: Regular.
- D: Duvidoso.
- E: Errado.

Classificação

O:	C.	Etta certa de que os canos serão descobertos.(107)
M:	R.	Riacho ou córrego no interior, ao qual Bobbie teria ido.(108)
M:	C.	Visita a um tipo de farmácia.(109)
O:	C.	Um menino educado.(110)
O:	C.	Mãe pensava no boné. (111)
M/O:	C.	Encontrou sua insígnia em formato de coração.(112)
O:	C.	Mãe visitando o cemitério da igreja.(113)
O:	C.	Pensamento em maçãs ligado a Bobbie. (114)
O:	R.	Atitude de seus parentes em relação aos canos.(115)
M:	D.	Subterrâneo.(116)
M:	C.	Pode-se chegar aos canos passando pela escola.(117)
M:	C.	Uma curva para a direita.(118)
M:	C.	Descrição de um caminho montanha a cima.(119)
M:	C.	Lugar que começa com “B”.(120)
M:	C.	Entrar na esquina de uma rua lateral.(121)
M:	R.	Edifício que foi construído.(122)
M:	C.	Distrito começando com “H”.(123)
M:	D.	Outro vivente fora lá também.(124)
M:	C.	Caminho próximo a local com barranco.(125)
M:	C.	Pode ser alcançado por caminhos alternativos.(126)
O:	C.	Sua mãe quer um novo vestido.(127)
O:	E.	Para ela mesma.(128)
O:	C.	Caixas de papelão trouxeram lembranças dele.(129)
M:	C.	Descrição de sua mãe e da amizade dos dois.(130)
M:	D.	Geoffrey.(131)

Resultados da análise acima—

<i>Memórias de Bobbie</i>	<i>Observações de Bobbie após falecer</i>	<i>Opinião de Feda</i>	<i>Opinião de Etta</i>
C: 11.	C: 5.	C: 1.	C: 1.
R: 2.	R: 1.		
D: 3.	E: 1.		

Décima Primeira Sessão, 2 de junho de 1933.

(132) FEDA: Bobbie diz que eles lhe mostrarão uma fotografia especial, onde eu apareço da cintura para cima: estou com um suéter, do tipo que as mães gostam.¹² O meu cabelo cai um pouco na lateral sobre a testa, e eu estou forçando os supercílios sobre meus olhos, não exatamente franzindo a testa. O senhor vai perceber isso.

[Durante minha visita a Nelson, vi várias fotografias de Bobbie. Em diversas, notei o “cabelo caindo pela lateral da testa”, e numa delas aparecia também a expressão facial descrita; teria sido causada aparentemente pelo fato de o menino estar de frente para o sol. Nessa foto, o menino, usando um suéter, está de pé num tamborete.

“Suéter... que as mães gostam”:

A Sra. Newlove escreve nessa foto do tamborete: “Não liguei para a aparência, mas gostei do suéter. Lembro-me de ficar desapontada, pois Bobbie parecia tão desarrumado, e seu cabelo precisava urgentemente de corte.”]

Feda: Acho que ela tem pensado nessa fotografia ultimamente, como se ela quisesse mostrar para o senhor.

[Não está claro qual foto era aludida, mas pode se tratar da foto na qual ele está sobre o tamborete, já que mostra Bobbie de corpo inteiro. A Sra. Newlove não tinha pensado nela recentemente.]

(133) FEDA: Não sei se ela vai mostrar ao senhor algo que me pertencia que não é... bem, não consigo mostrar sua forma a Feda. É feito de madeira amarela, parece envernizada, muito bem polida, diz ele. É algo de que ele gostava muito, que ele possuiu próximo ao fim de sua vida. Costumava cheirar a verniz. Acho que ainda cheira. Ele diz que há muita madeira que não têm cheiro, mas que essa cheira a verniz.

[Esse objeto não pôde ser identificado por algum tempo. Mais tarde, foi notado que a foto previamente mencionada mostrava Bobbie em pé sobre um tamborete de “madeira amarela, envernizada”. O tamborete não cheira a verniz, pois a foto foi tirada em 1926, e o tamborete já tinha vários anos na época. A Sra. Newlove acha que Bobbie considerava que o tamborete pertencia a ela, e especialmente a ele.]

Feda: Há uma conexão entre fotografias e essa coisa de madeira. Acho que ele vai ter que deixar como está.

[O tamborete amarelo aparece nessa fotografia de Bobbie; mas, como ele diz: “apareço da cintura para cima”, e ele é visto de corpo inteiro, há dúvidas se é essa a fotografia certa.]

(134) FEDA: Pergunte a minha mãe se ela plantou uma arvorezinha, ou se comprou uma arvorezinha para mim. É de um verde bem característico, de forma piramidal. Acredito que a árvore tenha...

¹² Mais uma vez, Feda intercala a terceira com a primeira pessoa durante a narração, como se Bobbie fosse quem falasse no momento. (N. T.)

bem, seu pai¹³ chama de... “significado simbólico”. Ela pensou em mim há pouco com relação a isso.

[Sra. Newlove escreveu: “É apenas uma suposição, mas a ‘árvore com significado simbólico’ pode ser a árvore de natal. Em todo natal Bobbie tinha uma grande árvore, decorada com ornamentos de vidro coloridos, como os normalmente usados em árvores de natal, e brinquedos. No último natal, obviamente não tivemos árvore, e foi por volta de maio quando, abrindo algumas gavetas na preparação para a limpeza da primavera, encontrei alguns desses ornamentos coloridos, que naturalmente trouxeram memórias...” “Ela pensou em mim há pouco com relação a isso.”]

(135) FEDA: Capitão, alguém a quem ele costumava chamar de Capitão, de quem ele gostava. Acho que sua mãe irá visitar esse Capitão.

[Sr. Hatch: “O Sr. Burrows, capitão do time de hockey da pista de patinação, um grande amigo de Bobbie, e que frequentemente vem a nossa casa. Mas Bobbie *não* o chamava de Capitão. No diário de Bobbie ele é sempre chamado de Instrutor.”]

(136) FEDA: Balanços, o lugar onde estão os balanços. Ele costumava ir até lá, e sua mãe não gostava muito. Movimentado nesta época do ano. Mamãe vai lembrar.

[Sr. Hatch: “O parque de diversões virá em breve a Nelson. Bobbie adorava os balanços, mas sua mãe não gostava muito que ele brincasse neles”.]

(137) FEDA: Pergunte a ela se ela se lembra da pista em que eu estava interessado, que ela não gostava, a pista onde tinha uma corrida. Acho que aconteceu alguma coisa, algo perigoso, e sei que eu queria ir. Deve ser nesta época do ano. Era um tipo de pista circular. Era algo que eu queria assistir, e acho que mamãe não gostava.

[Sr. Hatch: “Isso é bom. Havia um tipo de corrida de motocicletas no parque à qual ele queria assistir, mas sua mãe não aprovava.”]

FEDA: Acho que acontecera alguma coisa sobre isso, um acidente ou algo do gênero. Sinto algo perigoso e desagradável, mas teria acontecido depois que assistimos à corrida.

[Sr. Hatch: “Houve um acidente lá. Contudo, ele nunca assistiu à corrida.”]

Bobbie conhecia bem a pista, apesar de nunca ter visto uma corrida.]

(138) FEDA: Ele pergunta se já lhe disse que morava em um lugar montanhoso, perto de montanhas. Andava-se sempre subindo ou descendo morros.

C. D. T.: Por acaso, eu sei que é montanhoso.

[Isso é mais correto do que eu imaginei no momento; as montanhas são bem mais íngremes do que eu suponha.]

(139) FEDA: Ele diz que lá é perto de um lugar onde o terreno foi escavado para fazer uma estrada, numa parte bem íngreme,

¹³ Seria uma referência a John, pai do C.D.T.? (N. T.)

como se fosse cortado para fazer a lateral da estrada. Ele diz: “Acho que isso não foi feito há muito tempo”. É como se houvesse um tipo de parede de um dos lados da estrada. Existe uma linha de bonde estranha numa parte da estrada. As pessoas costumavam reclamar dela. Ele diz: “Não sei se a modificaram ou não, mas havia muitas reclamações sobre ela”. Ele fala como se fossem duas linhas muito próximas numa parte estreita; não poderia ser um lugar pior para colocá-las uma perto da outra.

(140) Havia um lugar começando com “C” por perto, um nome que soa como Catelnow, Castlenow. Parecia ter duas ou três sílabas, como um som de “Ca”, Cattle ou Castle.

[Sr Hatch: “O nome dado parece com Catlow, um vilarejo próximo. Bobbie e eu fomos até lá no dia em que ele ficou doente, a última vez em que ele saiu de casa. Aproximadamente 400 metros após a igreja, na estrada para Catlow, existe um lugar perigoso para ônibus — não há bondes lá. Foi alterado pouco antes da morte de Bobbie, e tornado seguro pela remoção de um prédio. Neste ponto chega-se a Scholefield Lane e, mais adiante, ao vilarejo de Catlow.”]

[Uma das últimas passagens do diário de Bobbie, no dia sete de agosto, diz: “Fomos a Catlow. Garganta inflamada. Fui para a cama.”]

(141) FEDA: O pescoço de sua mãe a tem preocupado ultimamente. Sua garganta ou seu pescoço a incomodam. Não sei se pegou um resfriado, mas ela parecia indisposta.

[Sr. Hatch: “A mãe dele diz que teve exatamente esse problema na garganta, mas não comentou nada com ninguém.”]

(142) FEDA: Um momento... há uma jovem menina de quem Bobbie gosta lá. Seu nome começa com “M”, e um menino com a inicial “R”, e também outro cujo nome começa com “E”. Todos eles são amigos especiais de Bobbie, nos quais a mãe dele tem pensado, e com os quais ela tem feito coisas, ultimamente.

[Sr. Hatch: “Isso está correto em se considerando “lá” como a cidade, não nossa casa.”]

Em nossa conversa foram-me dados os detalhes a seguir: “M”: Marjorie da pista de patinação, já várias vezes mencionada. “R”: um menino chamado Roy, conhecido de Bobbie na pista de patinação. Eles haviam dado alguns dos brinquedos de Bobbie a ele. “E”: um jovem chamado Earle, também conhecido de Bobbie da pista, de 19 anos.]

(143) FEDA: Há outra mulher lá além de sua mãe. Uma mulher falando de Bobbie; essa mulher é da casa.

[Essa pode ser uma alusão à avó de Bobbie, que vive com eles.

Em carta recente, o Sr. Hatch escreveu: “Bobbie costumava andar de bicicleta em um jardim; pergunte a ele onde era.” Eu então fiz essa pergunta.]

(144) C. D. T.: Você costumava andar de bicicleta num jardim. Porque num jardim, não sei. Não era seu jardim, era?

FEDA: Um momento, a quem ele pertencia? Bicicleta passando por um portão. Passando o portão, você podia virar à esquerda por um caminho lateral e podia andar lá se quisesse.

(145) Acho que há um outro menino lá com ele, e vejo uma senhora alta. Existe um clérigo, ou pastor, ligado a esse lugar? Não acho que ele more lá, e mesmo assim tenho a sensação de clero e ministros. Vejo uma senhora alta e outro menino.

[Sr. Hatch: “Isso é notável, pois o jardim pertence à família de um pastor que morreu há mais ou menos três anos. A descrição é exata, exceto pelo fato de não haver outro menino.”]

Ao discutir isso com a família, soube que uma “senhora alta” morava lá; então, esse item também está correto. O que pensar da referência ao outro menino, que não se aplica ao jardim? Recebi, posteriormente, a seguinte nota em resposta:

“‘Outro menino com ele, e vejo uma senhora alta.’ Descobrimos, após sua vinda, que, em uma única ocasião, Bobbie tentou levar um outro menino com ele ao jardim. A dona, no entanto, não o permitiu, achando, naturalmente, que se permitisse um, criaria expectativas de permitir mais, e o jardim seria danificado. Esse outro menino não entrou no jardim, ficando apenas ao portão, enquanto Bobbie tentava obter permissão para que ele entrasse. Em nenhuma outra ocasião Bobbie levava alguém com ele ao jardim, nem qualquer outro menino amigo da família fora lá. A própria dona do jardim me contou isso.”

Para assegurar que o relato acima fosse verdadeiro em todos os detalhes, ele foi submetido à “senhora alta”, dona do jardim, com a solicitação de que ela fizesse qualquer correção que achasse necessária. O relato retornou inalterado, e com sua assinatura anexada, demonstrando sua concordância com os fatos.

A Sessão Continua.

(146) C. D. T.: Você sabe o nome das pessoas que viviam lá?

FEDA: Vejo a letra “C” de novo. Acho que é o nome de alguém que mora lá. A letra “C” aparece bem grande. “Co—”, não devo tentar adivinhar se tem alguma coisa a ver com isso, mas soa como “Ke—”, “Ce—”, “Coo—”.

C. D. T.: Que tal soletrar?

FEDA: Acho que ele não consegue informar mais. Ele está se distanciando um pouco agora.

[Não reconhecido.]

DÉCIMA PRIMEIRA SESSÃO.
Abreviações utilizadas.

C: Correto.
 R: Regular.
 E: Errado.

Classificação

M:	R.	Descrição de fotografia a ser mostrada. (132)
M:	R.	Descrição de objeto ligado à fotografia. (133)
O:	R.	Sua mãe e uma árvore piramidal. (134)
O:	R.	Sua mãe iria visitar o Capitão. (135)
M:	C.	Balanços nesta época do ano, desaprovados por sua mãe. (136)
M:	C.	Pista de corrida perigosa e acidente. (137)
M:	C.	Casa em local montanhoso. (138)
M:	R.	Lugar estranho e íngreme na estrada, do qual pessoas reclamam. (139)
M:	C.	Local próximo ao acima com nome similar a Cattle. (140)
O:	C.	Problema de garganta de sua mãe. (141)
M:	C.	Nomes indicados pelas iniciais. (142)
M:	C.	Possível alusão à sua avó. (143)
M:	C.	Resposta à pergunta sobre bicicleta no jardim. (144)
M:	C.	Outro menino com ele no jardim. (145)
M:	E.	Tentativa de dar nome. (146)

Resultados da análise acima—

<i>Memórias de Bobbie</i>	<i>Observações de Bobbie após falecer</i>
C: 8.	C: 1.
R: 3.	R: 2.
D: 1.	

Uma análise completa dos sucessos e fracassos será encontrada na Parte III.

PARTE II

O aspecto extraordinário dos relatos a seguir é a estória dos “Canos”. Para maior conveniência, uni aqui os relatos fragmentados e os coloquei em ordem. No início, há um resumo do curso dos eventos desde a primeira menção aos canos até sua descoberta concreta.

BOBBIE NEWLOVE O PROBLEMA DOS CANOS (Resumo.)

A estória tem início como uma carta de apelo do Sr. Hatch, na qual ele me informou da recente perda de um menino de dez anos de idade. A causa da morte fora difteria. Em carta posterior, o nome do menino, Bobbie Newlove, foi fornecido. Além disso, e do endereço da casa do menino, eu não tinha qualquer conhecimento dos fatos que emergiriam subsequentemente nas minhas sessões com a Sra. Leonard.

Em dois de dezembro de 1932, meu pai, falando sobre Bobbie, expressou opinião de que haveria existido alguma causa facilitadora de seu acometimento pela difteria.

Ele então acrescentou que essa predisposição estaria ligada a algo que acontecera *nove semanas antes da morte do menino*, e solicitou atenção especial da minha parte para com esse fato. Cito uma da suas frases literalmente: “Se tivesse acontecido com qualquer pessoa ligada a você, imediatamente você conectaria os dois acontecimentos, nove semanas antes de seu falecimento e seu falecimento propriamente dito.”

Possivelmente eu tenha visto nisso algum desafio à minha inteligência; pois decidi descobrir o que significavam aqueles comentários.

Quando solicitei ser posto a par de o que exatamente a assertiva acima sugeria, veio a resposta: “canos — canos, ele disse apenas isso — canos. Essa palavra deveria ser suficiente.” Parecia sugerir uma infecção proveniente de rede de esgoto defeituosa, e esperei que a família anuísse. Porém, eles recusaram a aceitar qualquer sugestão desse tipo, e responderam que não conseguiam identificar o assunto. A palavra “canos” não lhes dizia nada.

Devemos agora rastrear as indicações fornecidas nas sucessivas sessões que finalmente nos levaram a descobrir o que “os canos” significavam. Apenas três meses após a primeira menção aos canos, sua família tomou conhecimento do lugar exato onde Bobbie e seu amigo foram brincar; mesmo assim, não havia para eles nenhum sinal de porquê os canos

tenham sido citados e, somente na minha visita de primeiro de julho de 1993, um cano fora descoberto lá. O segundo cano, que justificava o uso da palavra no plural, só foi encontrado mais tarde.

Na sessão de janeiro de 1993, Bobbie repetiu a afirmação de que seu problema tinha ligação com os canos. Quando falei que seus parentes não tinham encontrado conexão entre sua doença e os canos, Feda se limitou a dizer que considerava Bobbie um menino muito consciente e inteligente. Perguntei então à família se eles achavam que Bobbie tivesse ouvido falar que a difteria tivesse conexão com esgoto mal instalado. A resposta foi: “Não sabemos. É muito improvável que Bobbie houvesse sabido de qualquer pessoa pegando a doença através de canos.”

O assunto foi retomado em sessão posterior, em janeiro de 1933, e mais informação deu conta de que os canos não se encontravam num lugar ao qual ele ia regularmente, nem ao qual ele ia partindo direto de casa, mas o qual ele alcançara a partir de um segundo lugar. Pistas desse outro local foram então fornecidas, e incluída referência a animais, à qual meu pai solicitou atenção especial, pois “seus parentes podem dizer, ao ler isso pela primeira vez, que Bobbie nunca fora a um lugar onde existem essas coisas. Mas ele foi.” Dentre outras descrições do local, houve referência a um celeiro, com um lado praticamente ou totalmente aberto, como um local para abrigo, contendo feixes de feno. Outro menino não só teria estado lá com Bobbie, mas teria sido a razão da ida de Bobbie até lá. Embora tais pistas tenham eventualmente nos levado ao lugar certo, não foram úteis nesse estágio inicial, já que a família não conhecia a localidade em questão.

Durante uma sessão de fevereiro de 1933, expressei o desejo de que algum nome definitivo fosse dado a fim de auxiliar na busca. Feda então disse que lhe fora dado o nome “Bentley”, e então, após algumas tentativas e incertezas sobre a palavra correta, ela disse “troncos”, e continuou a descrever a cidade e algumas ruas. De fato, foi descrita uma rota, e muito corretamente, como soube depois, que se iniciava na casa de Bobbie, margeando a estação ferroviária ali perto, continuando montanha acima passando pela Rua Bentley (na qual se situava a escola de Bobbie), levando aos velhos troncos. Esses últimos encontravam-se na entrada do cemitério da igreja. Agora que sabemos onde estão os canos, é fácil perceber que a descrição de Bobbie nos levou a três quartos do caminho para o local. *Essas descrições tornam claro que a inteligência que as fornecia estava intimamente familiarizada com a casa de Bobbie e seus arredores.* Devo acrescentar que eu não sabia nada sequer sobre isso, e que a Sra. Leonard nunca fora informada que a cidade em questão me interessava. Em sessões subseqüentes,

foram dados novos detalhes que, mesmo não ajudando no momento, são significantes, já que foram posteriormente confirmados.

Durante sessão em meados de maio de 1993, outra descrição dada nos levou eventualmente ao lugar propriamente dito — “Um lugar de endereço ‘B’... ele fora a esse lugar ‘B’ algumas vezes.” Digo que a informação nos levou *eventualmente* ao lugar propriamente dito. É fácil ver isso agora que os fatos são conhecidos, mas no momento isso apenas nos confundiu.

Não era de se espantar que “B” sugerisse *Baths*, e perguntei se a família sabia de qualquer infecção ligada a canos em *Baths*. Essa, no entanto, foi uma assunção falsa, nos levando a nada. Na mesma sessão, a localidade foi citada pela letra “H” mas, como a letra “B” prévia, falhou em significar alguma coisa à época.

É óbvio, agora, que “H” significava *Heights*, e “B”, o nome *Brierfield*, a localidade onde se situa *Heights*.

Com base nas pistas fornecidas em resposta às minhas perguntas, os canos finalmente foram descobertos. Água brotava do chão através de canos de ferro! Foi lá o lugar onde Bobbie tinha brincado com frequência durante as semanas que precederam sua morte. Uma infecção proveniente da água pode ter causado uma condição sanguínea que enfraqueceu seu organismo antes da difteria se instalar. Informações que corroboram a opinião do Comunicador de que a morte do menino pode ser atribuída à sua presença lá para brincar são encontradas num relatório da autoridade de Vigilância Sanitária do distrito. Sua carta será reproduzida na íntegra.

Vamos agora analisar as sessões pela ordem.

O PROBLEMA DOS CANOS.

Segunda Sessão, 18 de novembro de 1932.

FEDA: O senhor contou aos parentes de Bobbie sobre o que eu senti aqui? (As mãos tocam a garganta da médium.)

C. D. T.: Sim, isso estava correto, problema de garganta. Ele morreu de difteria.

FEDA: Eu senti muito forte, aquela sensação, é a mesma que teve a Gladys (a Sra. Leonard, que tivera difteria uma vez). Etta diz que tudo que podia ser feito por ele foi feito. Ele de fato não podia ser mantido aqui.

C. D. T.: Uma pena para eles.

FEDA: Oh, o que ela quer dizer? Ela diz que ele faleceu com aquilo. Você pode explicar melhor, Etta? Ah, sim — Etta diz... sim, ela sente que ele teve difteria... mas seu coração não estava forte? Porque parece a ela que não foi apenas o problema na garganta que o matou. A ela parece que havia alguma coisa afetando seu coração, além da difteria.

C. D. T.: Pelo que sei, as duas coisas às vezes ocorrem juntas.

FEDA: Etta diz: “Não acho que foi bem assim. Pergunto-me se ele não tinha algo além da difteria, talvez antes da difteria, que tivesse sido extenuante para seu coração, que tivesse enfraquecido seu coração de alguma maneira, de modo que não pudesse suportar a difteria. Talvez você possa descobrir o que foi. Se não fosse por essa condição cardíaca prévia, a difteria não teria sido demais para ele.” Houve algo que enfraqueceu seu organismo antes; ela teve uma sensação muito forte sobre isso.

[Sr. Hatch escreve: Sim, a doença começou como dor de garganta, evoluiu para amigdalite, e não há dúvida de que enfraqueceu seu coração.”

Aparentemente, Etta quis dizer mais do que isso.]

Terceira Sessão, 2 de dezembro de 1932.

(37) FEDA: O Sr. John novamente diz estar certo sobre o que mencionou antes, que as pessoas na Terra podem ter testemunhado que a garganta de Bobbie e a difteria foram a causa de sua morte, mas houve algo além. O Sr. John diz ter certeza disso. Houve alguma coisa por trás dessa doença; ele não faleceria por conta somente daquela doença, houve alguma coisa antes dela.

[Sr. Hatch escreve: “Não sabemos de nada além da dor de garganta e da amigdalite previamente mencionadas.”

Nota. Em sessões posteriores, há insistência nessa causa indefinível de uma predisposição a infecção, que se torna um problema intrigante. Sua solução definitiva foi alcançada durante a minha visita a casa no verão de 1933, como será visto adiante.]

(38) FEDA: Pergunte se eles sabem de algo que ocorrera nove semanas antes, alguma coisa que possa ter parecido pouco importante na ocasião. Preste muita atenção nisto, nove semanas antes de Bobbie falecer houve alguma coisa muito importante no processo de seu falecimento. Algo que, de certa maneira, levou a sua morte, mas não o processo de enfraquecimento do qual já se falou. Não foi algo que o enfraqueceu, mas nove semanas antes de Bobbie falecer aconteceu algo muito significativo que tem ligação com sua morte. Bem, se tivesse acontecido com qualquer um ligado a você, imediatamente você conectaria os dois acontecimentos — nove semanas antes de seu falecimento e seu falecimento propriamente dito.

C. D. T.: Suponho que você não consiga definir de que se trata em uma palavra.

FEDA: Verei se posso colocar em poucas palavras o que sinto sobre isso. Um momento... “canos, canos”; bem, ele só diz isso: “canos”. Essa palavra deve ser suficiente. Deixe como está.

C. D. T.: Era Bobbie quem estava lhe contando sobre esse incidente com os canos?

FEDA: Não, era o Sr. John. Ele diz: “Eu fiz algumas perguntas a Bobbie antes da sessão, que achei que poderiam ter relação com sua vida terrena, e esta foi uma delas.”

[Sr. Hatch escreve: “Não reconhecemos isso. Nove semanas antes de sua morte eu o levei a Morecambe para um feriado bem curto, mas nada de importante aconteceu lá pelo que eu saiba. A palavra ‘canos’ não nos diz nada.”]

Em sessões subseqüentes, o tema é abordado repetidamente, e a palavra “canos” torna-se o termo para o assunto. Não encontramos qualquer significado para essa palavra até minha visita a Nelson, em junho de 1933. Foi então que, ao saber que Bobbie mantinha um diário, pedi para vê-lo, e de pronto procurei a data nove semanas antes de sua morte a fim de descobrir se havia alguma coisa relevante ligada ao assunto. Minha procura foi bem sucedida. A data, 13 de junho de 1932, continha o relato: “Tomei dois sorvetes”; e em 15 de junho, as palavras: “Entrei para a gangue”. A menção ao sorvete sugeria possível infecção, e a segunda passagem causava curiosidade. Nove semanas antes da morte do menino em 12 de agosto, seria 10 de junho, a poucos dias da data em que ele entrou para a gangue. Perguntei o que a “gangue” significava, e soube que era uma sociedade secreta formada por Bobbie e um ou dois de seus amigos; eles costumavam brincar de realizar aventuras, e escolheram para isso um lugar na localidade que descreverei no relato de minha visita a Nelson. É chamado *Heights*. A decisão de usar esse lugar fora tomada em março, e eles brincaram lá durante o verão. A visita a Morecambe, que durou três dias no final de junho, parece não ter tido importância na nossa busca.

Quarta Sessão, 13 de janeiro de 1933.

(70) FEDA: Bobbie acredita que havia algo errado com ele antes, que causou seu contágio.

C. D. T.: Acho que sua família não sabe disso.

FEDA: Mas houve.

C. D. T.: É o que ele acha agora?

FEDA: Sim: ele foi informado de que houve alguma coisa que não apenas facilitou seu contágio, mas também impossibilitou sua melhora.

[Sr. Hatch: “Suas amídalas eram frágeis; isso pode ter facilitado seu contágio.”]

FEDA: Não sei o que você quer dizer, Bobbie. Você diz que pegou a doença dos canos.

C. D. T.: Isso é curioso, pois meu pai já mencionou isso, e os familiares de Bobbie não conseguem encontrar qualquer conexão com canos.

FEDA: Penso que Bobbie seja um menino muito consciente, ele parece muito inteligente.

[O Sr. Hatch responde a isso: “Não sabemos. Acho muito improvável que Bobbie tenha sabido de alguém pegando a doença de canos.”]

Quinta Sessão, 27 de janeiro de 1933.

C. D. T.: Etta, sobre os “canos”: Os familiares de Bobbie ainda não conseguiram descobrir do que se trata. Se Bobbie pudessem informar mais sobre os canos, seria muito interessante.

(80) FEDA: Não foi em sua casa. Não foi em um lugar aonde ele ia regularmente. Havia um lugar aonde ele ia, não *a partir* de sua casa. A partir de um segundo lugar, ele ia a um terceiro, e através desses — que ele chama de canos — ele se acometeu da condição que não foi a causa do problema de início, mas introduziu um elemento pernicioso que resultou em difteria.

(81) FEDA: Você lembra que eu disse que havia uma condição física anormal em Bobbie por algum tempo antes, uma condição bem ruim, não lembra? Ele ia a algum lugar, sabe, não direto de casa. Desse segundo lugar, fora de sua casa, ele ia a um terceiro local, onde os canos estavam fora de ordem, onde ele teve introduzida em seu organismo essa condição nociva — onde seu organismo foi infectado.

[Devo aqui antecipar a conclusão alcançada somente oito meses após a data dessa sessão.

O Sr. Hatch me escreveu em 27 de setembro de 1933, após descobrir o primeiro cano: “Ele ia da cabana danificada, onde acreditamos que ele brincava em Delf, ao local do cano que, como o senhor deve se lembrar, era distante no campo aberto passando por Delf.” Delf seria o segundo local de onde ele saía para chegar aos canos.]

C. D. T.: Pergunto-me se eles conseguirão achar o lugar.

FEDA: Ele está tentando pensar. Acho que Bobbie está lá. (A mão aponta.)

C. D. T.: Lá? Oh, bom, talvez, ele possa contar a meu pai.

(82) FEDA: Ele está captando isto a partir dele. Tenho a sensação, onde quer que fosse esse local, de animais que vocês chamam de gado. O Sr. John diz para destacar isso. Tenho bastante certeza disso; no entanto, seus parentes podem dizer, ao lerem pela primeira vez, que ele nunca fora a um lugar com tais coisas. Mas ele foi. Sabemos que estamos certos nesta questão, e que se as investigações continuarem com calma, eventualmente saber-se-á a verdade. O próprio Bobbie quer que isso aconteça, e dois ou três amigos dele que faleceram também estão ajudando para que, cedo ou tarde, a verdade venha à tona de maneira aparentemente acidental, porém natural.

(83) Seja antes ou depois de Bobbie ser afetado lá — acreditamos que depois — algo foi feito aparentemente pra melhorar o local em relação aos “canos”. Houve alguma alteração que, provavelmente, agora, trouxe melhorias, deixando o lugar mais seguro; era certamente perigoso antes.

“Um lugar que levava a... canos.” Como pensei ser desnecessário fornecer referência à nossa solução final para o problema dos canos, deve ser bom relatar a história completa aqui. Isso fora um grande enigma para a família, já que não tinham conhecimento de qualquer local que se encaixasse naquela descrição. “Gado... seus parentes podem dizer... que ele nunca foi a um lugar com tais coisas.” “Antes ou depois... algo foi feito para melhorar a situação periculosa dos canos.” “A verdade virá à tona de maneira aparentemente acidental, porém natural.”

Note-se como as assertivas acima se encaixam com os seguintes fatos. Em 1º de julho de 1933, visitei *Heights* em companhia da família. Primeiramente inspecionamos as partes mais baixas do terreno, e então exploramos a antiga pedreira, conhecida no local com “Delf”. Ao deixá-la, notei um barracão em posição mais alta na montanha, próximo à estrada. Nos arredores dessa cabana havia marcas de animais no solo, e podia-se ver feno dentro da mesma. Examinamos então esse barracão e descobrimos que uma extremidade dele era usada como estábulo, e a outra tinha suprimentos de feno e palha para forragem. Uma extremidade estava aberta, e esse fato despertou interesse, já que uma das pistas fora “uma extremidade aberta”. De fato, esse barracão, bem como seus arredores, confirmaram, em vários aspectos, descrições dadas nas sessões. (Todos esses pontos constarão de sessões posteriores.) Enquanto estávamos lá, uma mulher se aproximou. Fiz algum comentário sobre a bela vista; ela anuiu, e começamos a conversar. Com o enigma dos “canos” ainda conturbando minhas idéias, perguntei se ela sabia de meninos que porventura viessem brincar na pedreira. Ela respondeu que sim, e que eles por vezes cometiam más ações, entre elas estava o fato de terem “quebrado o cano”. A menção a um cano nesse local, ao qual fomos levados pelas descrições de Bobbie, e o qual, então sabíamos, ratificava essas descrições de várias maneiras, trouxe-nos esperança de que estivéssemos no rumo certo. Novas indagações chegaram até a informação de que havia uma nascente morro abaixo, onde a água escoava por um cano. Ela acrescentou que eles agora possuíam água encanada, de modo que não dependiam mais do cano. Deduzi que essa alteração tivesse sido feita alguns anos antes.

Descemos então para ver a nascente. A água brotava do declive pelo lado de um cano deslocado, um cano de ferro com alguns metros de comprimento. Após o cano, a água fluía lentamente num pequeno canal por ela mesma escavado.

Tínhamos descoberto um cano, no lugar ao qual as pistas fornecidas nas sessões tinham-nos levado. Não vimos outro cano, e não sabíamos por que a palavra havia sido usada no plural. A descoberta desse cano fora totalmente dependente do encontro com nossa infor-

mante. É improvável que achássemos a nascente, e seu cano, a não ser por sua intervenção, pois tínhamos visitado a mesma localidade alguns dias antes e não suspeitáramos de sua existência. O cano era invisível até se chegar bem perto, estando escondido por uma formação do terreno.

Uma carta do Sr. Hatch, datada de 27 de setembro de 1933, diz: “Desde sua visita em junho passado, estive em Heights várias vezes, e em uma ocasião encontrei água fluindo por outro cano em uma direção totalmente oposta ao primeiro, mas quase tão próximo à pedreira Delf — fica a três minutos de caminhada dela. Esse cano se projeta por um tipo de vala cheia d’água, saindo do final de uma trilha. Eu e o Sr. Burrows fizemos essa descoberta.”

Assim, o termo “canos”, usado pelos comunicadores desde dois de dezembro de 1932, foi, no mês de setembro seguinte, justificado pela descoberta dos dois canos nas adjacências do local frequentado por Bobbie e seu amigo.

Após lançarmos olhar sobre o final da história, continuemos a sessão de janeiro de 1933.

(84) FEDA: Os animais serão a melhor pista. Ele capta de Bobbie — ele diz que Bobbie parece sugerir que seus entes não tinham tanta familiaridade com esse local, ou não o frequentavam, da mesma forma que Bobbie.

[“Animais como melhor pista.” Sim, a descoberta das marcas feitas pelos animais foi o que nos levou a examinar o barracão. “Entes sem familiaridade com o local”; eles não o tinham visto antes. Bobbie trouxera sua mãe a Heights pela estrada de baixo, mas tendo achado algo distante, e com o tempo piorando, haviam retornado.]

(85) FEDA: Houve outro menino envolvido nisso, que foi a esse lugar e parecia ter sido a razão de Bobbie ir até lá.

[“Outro menino.” Sim, a “ganguê” era formada por Bobbie e seu amigo Jack, e eles tinham elegido esse local como seu campo de operações. Em carta datada de oito de novembro de 1933, Sr. Hatch diz: “Eu lhe contei que perguntei a Jack sobre o primeiro cano que encontramos em Heights e ele admitiu que ele e Bobbie brincaram com a água?”]

C. D. T.: Gostaria de saber que tipo de lugar era, e onde.

(86) FEDA: Um momento, capto a sensação de não ser bem um local do interior, rural.

[Isso é exato.]

C. D. T.: Gostaria de saber o que Bobbie fazia quando estava lá.

(87) FEDA: Estão me mostrando lugares como estábulos agora, o senhor sabe o que são celeiros, bem, como celeiros e estábulos. Estou recebendo a sensação de palha em grandes feixes... devo que chamar de celeiro, com um lado quase que, ou totalmente, aberto... como um abrigo.



Fig. III. — Caminho para a Velha Pedreira, agora protegido por um parapeito.

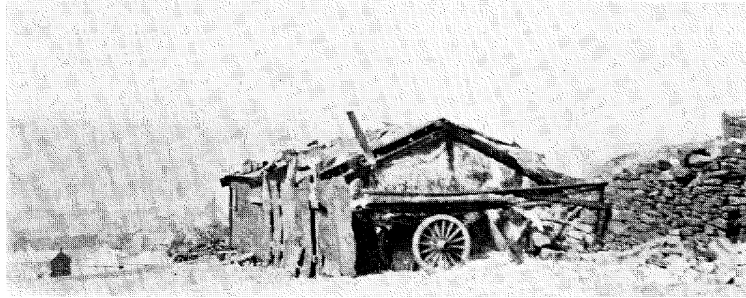


Fig. IV. — O Barracão

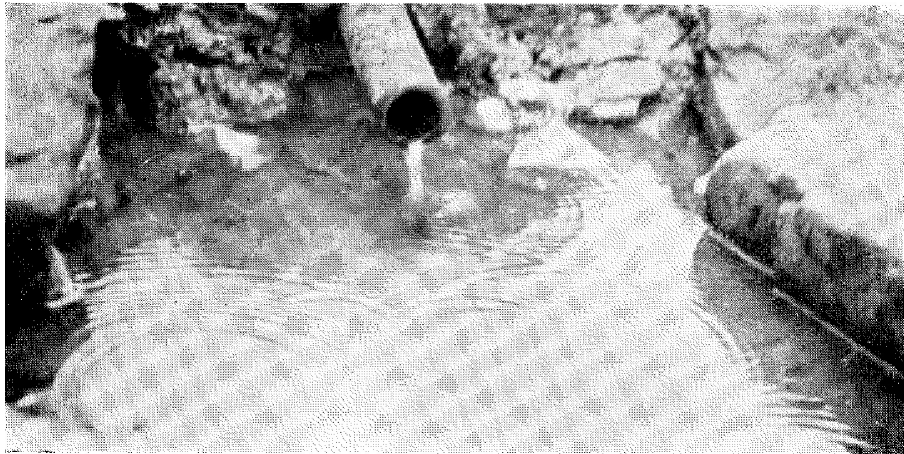


Fig. V. — Um dos Canos.

(88) Não pareço estar muito no interior. Há tantas construções em volta, que se perde o jeito de interior.

O barracão é, em uma extremidade, um estábulo, e um pequeno celeiro na outra.

“Um lado quase que, ou totalmente, aberto... como um abrigo”: uma descrição exata. (Veja Fig. IV.) “Tantas construções em volta, que se perde o jeito de interior”: há construções próximas que bloqueiam a vista em duas direções; ainda assim, da frente do celeiro, há uma vista extensa de Nelson e do campo. A descrição não está, pois, rigorosamente correta. Pode-se supor, no entanto, que Bobbie descrevia a perspectiva vista da pedreira Delf. Daquela posição, não se pode ver nada do campo ao redor, pois as laterais da pedreira e as construções bloqueiam a vista em todas as direções.

Sessão continua.

(89) FEDA: Não posso afirmar que tenha alguma coisa a ver com isso, mas ouço água correndo, como se grandes torneiras estivessem abertas, e água fluindo, como se escorrendo para um tipo ralo ou sarjeta. Como um esguicho... eles querem que eu diga a palavra “esguicho”.

[O Sr. Hatch não entendeu isso, mas, assumindo que se relacionasse de alguma maneira com os canos, respondeu: “Ainda não conseguimos descobrir nada sobre os tais canos. Continuaremos perguntando.”]

Essa insistência foi, no entanto, infrutífera.

Somente três meses após a sessão de 13 de janeiro, em março de 1933, a família soube da localização do playground da gangue; mas somente em primeiro de julho de 1933 o mistério foi resolvido com a descoberta do primeiro dos dois canos. O tempo estava bom no momento, e a água estava apenas “fluindo”, mas após fortes chuvas o som certamente traria a idéia de “esguicho”, pela maior velocidade de saída da água. A água cai dentro de um reservatório, que transborda para uma sarjeta que desce a encosta íngreme da montanha.

Sexta Sessão, 16 de fevereiro de 1933.

FEDA: Bobbie diz estar muito satisfeito com os resultados de suas mensagens, mas algo o desconcertou, pois eles não conseguiram descobrir.

C. D. T.: Ele gostaria de facilitar as coisas para eles dando mais pistas?

FEDA: Tem a ver com o que ele chama de “os canos”.

C. D. T.: Imaginei. Esse é o ponto mais importante, e o que mais os confundiu.

FEDA: Ele diz: “Sei que estou certo sobre isso.”; ele já lhe disse antes que os canos não ficavam em casa?

[O Sr. Hatch respondeu a isso: “Ainda estamos muito confusos com as referências aos ‘canos’.”]

C. D. T.: Não é uma pena, Feda, que não consigamos obter o nome do lugar?
(A parte de Feda no diálogo a seguir é reproduzida com seu discurso habitual.)

(96) FEDA: Capto um nome estranho, parece a Feda como Bentley. É o que ele considera como pista.

(97) Bentley e Tro... alguma coisa, Tron, Tronco, começa com Tro.

(98) FEDA: Ele está tentando me mostrar — me fazer sentir — uma cidade, não uma cidade bonita. É cheia de ruas, sabe, ruas cheias de pessoas feias que não sabe nada sobre Feda.

C. D. T.: Você quer dizer ruas e casas feias, não pessoas.

FEDA: Não. Pessoas feias, não as ruas; sabe, elas não sabe nada sobre Feda, nem sobre esse assunto.

C. D. T.: “But knowledge to their eyes her ample page,
Kich with the spoils of time did ne'er unroll;
Dull penury repressed their noble rage,
And froze the genial current of the soul.”

[“Mas o Saber seu livro, antigo tanto,
Jamais aos olhos dele folheou.
Neles calcou Penúria o nobre encanto,
e o gênio d'alma n'alma congelou.”.]¹⁴

FEDA: Eu gostaria de aprender poesia. Acho que eles não têm muitos espólios, e eles todos é miserável e olha pro chão, e tosse e espirra, e é demais infeliz.

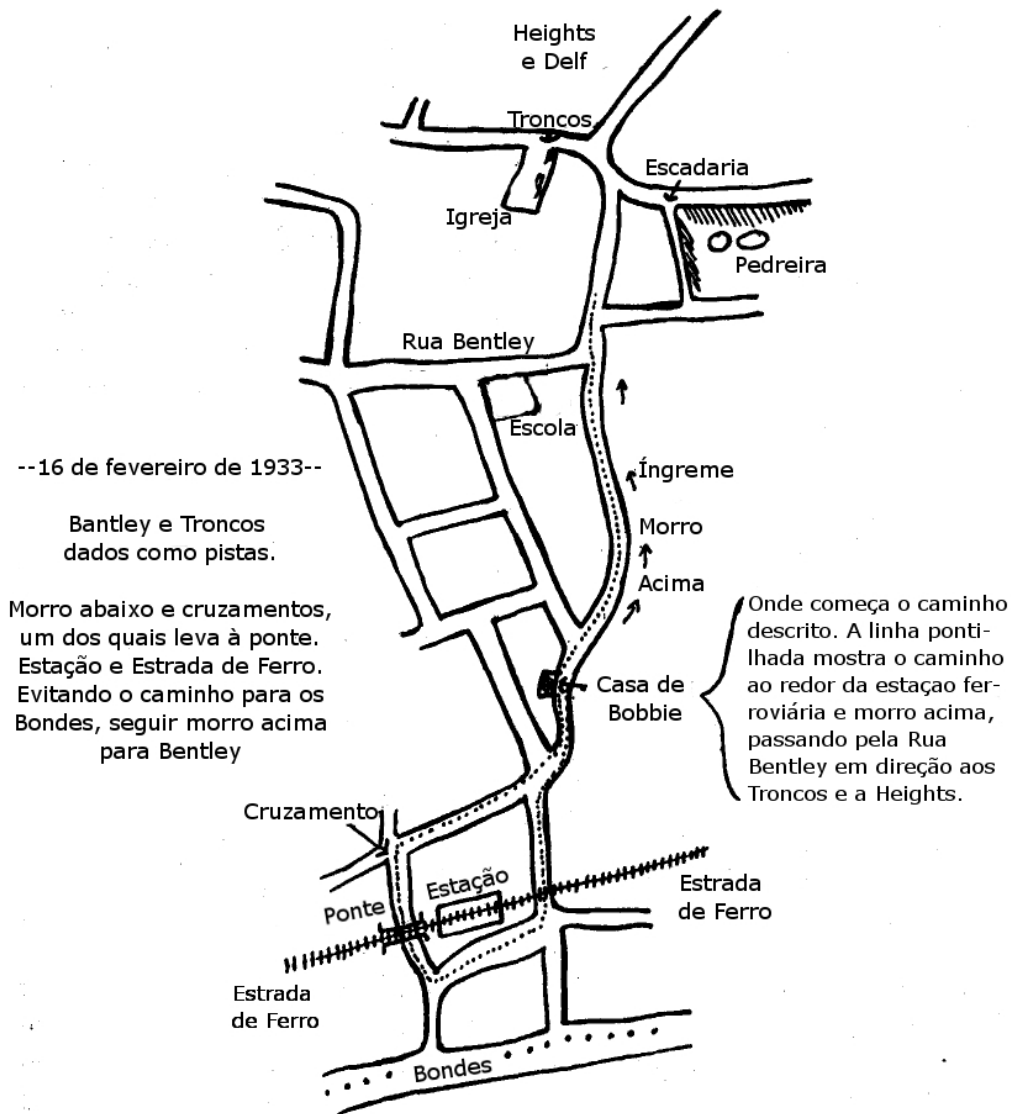
C. D. T.: Foi Bobbie quem lhe contou isso?

FEDA: Sim, e eles estão indo morro abaixo onde fica as loja e as casa e eles vai descendo e eles chegam a uma encruzilhada. Acho que tem uma grande estação lá, pois tem uma ponte logo depois da curva.

Uma das encruzilhadas vai dar aonde os trens faz o que o senhor chama de “expectorar”, assim: ch, ch, ch; e solta fumaça e coisa assim. Por isso uma senhora me disse que “expectorar” está certo. Aí, se você não desce por onde os vagões fica, você sobe direto uma montanha do outro lado... e eu vejo Bobbie subindo aquela montanha... e eu estou seguindo ele... e ele está se afastando um pouco da cidade. Ele está se aproximando de casas e se afastando das lojas e das pobres pessoas miseráveis. Está um pouco mais iluminado, sabe, lá. Oh, agora estou captando de novo o nome que soa como Ben ou Bentley.

Os comentários do Sr Hatch são mostrados abaixo. Junto a eles havia um esboço rudimentar, que fundi à parte inferior do mostrado aqui (Mapa 2).

¹⁴ Décima terceira estrofe do poema *Elegy written in a country churchyard*, de Thomas Gray (1716-1771). Trecho retirado da tradução de Jorge de Sena, *Poesia de 26 séculos*, Porto, 1972, Ed Inova. (N. T.)



MAPA 2.

“O senhor verá, pelo mapa desenhado em anexo, que a descrição da cidade é muito boa. Em particular o nome Bentley, já que existe uma Rua Bentley próximo à nossa casa, e adjacente à escola de Bobbie. Na entrada do cemitério da igreja mais acima, como já mencionado, estão os troncos usados muito tempo atrás no castigo de malfeitores. Mas não conseguimos encontrar conexão entre esses e os ‘canos’. É verdade que o ambiente se torna mais claro e iluminado à medida que se sobe a montanha.

Parece, pelo informado nessa sessão e em uma prévia, que Bobbie ia da escola para o lugar onde se encontravam os canos. Mas, pelo que sabemos, o único local que se encaixa nessa situação é Baths, e ele não bate com o relato de um lugar de celeiro, com feno, etc.”

A solução foi alcançada em data muito posterior, em primeiro de julho de 1933.

O esforço por um nome Tro, Tron, resultou em “Tronco”, que é quase Troncos. Os Troncos estão bem na entrada do cemitério da igreja previamente mencionado.

Eu marquei o caminho descrito com uma linha pontilhada no mapa. A rota parece começar na casa de Bobbie e, indo morro abaixo, vira à esquerda, chegando à estação de trens e à ponte da estrada de ferro; retornando a partir das linhas de bonde, que seriam alcançadas caso se prosseguisse algumas jardas adiante, ela segue morro acima, passando de novo por sua casa na direção da igreja, cruzando a Rua Bentley, da qual Bobbie se lembraria facilmente, já que se tratava da rua de sua escola.

O Sr. Hatch escreveu, em 17 de março de 1933: “Primeiramente, em relação ao caminho que o senhor marcou no mapa: ele certamente bate com a descrição, e concordo que esse fato parece revelar íntimo conhecimento da localidade. É intrigante pensar por que essa rota em particular tenha sido descrita.”

Sexta Sessão Continua.

(99) FEDA: Tem alguém lá chamado “Phil”, Feda acha que é Phil. Pergunte se o nome Phil é uma pista.

(100) FEDA: Existe um menino chamado Peter que também conhecia esse lugar. Bobbie não tem certeza se o nome dele é Peter, mas eles o chamavam de Peter. E, um momento, outro menino cujo nome parece Eric ou Alec.

O Sr. Hatch, comentando o trecho acima, escreveu: “Estamos tentando rastrear os nomes Peter, Alec ou Eric, e Phil, mas sem sucesso.”

Bobbie usualmente conversava sobre seus colegas de escola, mas os nomes de muitos não são lembrados pela família.

Na carta citada acima, de 17 de março de 1933, Sr. Hatch disse: “Em relação às referências aos ‘canos’, devo dizer que finalmente estamos num possível rumo desse que tem sido alvo de insistentes comentários. Os relatos parecem apontar para um lugar que fora visitado por Bobbie e um amigo, e somente eles. Nem sua mãe nem eu estivemos lá. Talvez eu não deva dizer mais no momento, já que novas informações podem aparecer. Não conseguimos rastrear os nomes dos seus amigos. O senhor acha possível conseguir mais informação sobre as visitas de Bobbie ao local onde se encontravam os ‘canos’?”

A família me disse que, em vista dessa possibilidade, eles acharam melhor não questionar o amigo de Bobbie, Jack, para ver se Bobbie conseguiria resolver o mistério sozinho.

Oitava Sessão, 24 de março de 1933.

(107) FEDA: Etta diz: “Tenho certeza que eles comprovarão as referências aos canos.”

C. D. T.: Eu gostaria que você desse a eles toda a ajuda que puder, pois seria uma prova e tanto.

FEDA: Ela diz, uma prova muito boa mesmo. E, tendo isso em mente, escreva-lhes e oriente-os a não dizer nada do que tenham descoberto até que tenhamos fornecido um pouco mais. Para o caso deles escreverem e contarem algo que nós estivéssemos prestes a lhe dar.

Nona Sessão, 10 de abril de 1933.

(O seguinte diálogo veio no início da sessão:)

C. D. T.: Gostaria de perguntar sobre o pequeno Bobbie. Eles sabem de algo mais sobre ele?

FEDA: O senhor gostaria que eles se informassem mais sobre ele?

C. D. T.: Bem, tudo tem sido muito interessante. Penso que seria ótimo saber mais. Estou ansioso para que seus familiares descubram de quem se tratavam aqueles canos; se eu pudesse ajudá-los com isso, poderíamos encerrar o caso, mas não podemos encerrá-lo antes que eles descubram os canos.

FEDA: O Sr. John acha que eles estão na pista certa.

(Mais tarde nessa sessão o assunto continuou assim:)

(108) FEDA: Algo veio à mente do Sr. John sobre Bobbie, algo que ele não sabe se já disse antes. Bobbie já mencionou alguma coisa nas sessões sobre um riacho ou córrego no interior? Parece uma fonte de água importante, e ele iria com frequência a um lugar próximo a essa água. Feda sente quase como um local pantanoso.

C. D. T.: Isso foi mencionado antes, mas não um riacho, meramente um lugar próximo a uma escadaria onde havia água. (Veja N^o 45.)

FEDA: Não, também não é isso. É outro lugar. É muito importante para ele, como se ele fizesse algo muito especial lá.

O Sr. Hatch respondeu a isso: “A referência a um riacho ou córrego no interior poderia significar um lago que ele gostava de visitar, mas a condição pantanosa está incorreta.”

Em minha visita a Nelson, em junho de 1933, foi explicado que nesse lago, em Thompson’s Park, Bobbie costumava remar nas canoas. Em primeiro de julho eu fiz minha segunda visita, durante a qual achamos o primeiro dos canos em Marsden Heights. Foi reconsiderando esse parágrafo (108) após aquela visita que percebi o quão perfeitamente a descrição se aplicava ao lugar onde vimos água brotando do cano. (Veja Fig. V.) A água formava uma pequena poça e uma área lamacenta (pantanosa) ao redor

do ponto onde ela brotava da montanha. Se essa fosse uma referência ao local do “cano”, seria especialmente relevante em face do meu pedido, mais cedo na sessão, e da conversação sobre os familiares de Bobbie estarem na pista certa do lugar. Eu me inclino a pensar, então, que isso tenha sido uma alusão ao local onde “a gangue” costumava brincar, e onde mais tarde descobrimos o cano.

Décima Sessão, 19 de maio de 1933.

(115) FEDA: Veja, ele queria dizer que eles estavam na pista certa sobre o que ele havia dito, que tinha conexão com a morte do menino.

C. D. T.: Você pode ajudá-los um pouco mais? Não sei se eles encontraram algo ou não.

FEDA: Bem, ele diz que eles estavam na pista certa, mas houve um imprevisto, e a investigação não prosseguiu. Bobbie estava esperando isso, de modo que não ficou desapontado, pois sabia que ia ser difícil, que haveria obstáculos para trazer os fatos à tona. Sabe, há dois grupos de pessoas para transpor. Ele diz que eu sei o que ele quer dizer, dois grupos diferentes. Nenhum deles facilitará as coisas, mas um pode ser mais fácil que o outro.

[O Sr. Hatch escreveu: “Talvez seja melhor pararmos até que possamos conversar com o senhor; há uma estranha confusão englobando partes muito corretas.”]

O mistério poderia ter sido resolvido àquela altura; mas Bobbie parecia estar ciente dos progressos atingidos.

“Dois... para transpor”: a família interpretou isso como eles estando divididos entre os lugares descritos, que era, de fato, verdade na data dessa sessão.]

(116) FEDA: “Subterrâneo”, alguma coisa a ver com o solo, subsolo. Não sei o que significa, mas é o que ele diz; ele não pode ajudar mais agora.

[Isso é vago, mas pode ter sido uma tentativa de indicar o ponto onde eventualmente achamos o cano e uma pequena corrente de água brotando do solo.]

(117) C. D. T.: Bobbie, eu irei lá daqui a mais ou menos um mês; se eu quisesse ir até o local onde estão os canos, saindo da Estação Kailway, o que eu deveria fazer? Eu deveria caminhar morro acima passando pela sua casa; e depois de passar por sua casa, mais acima, o que deveria fazer? É essa a direção certa?

FEDA: Sim, e há outro caminho passando pela escola. Ele diz: “Passando pela casa e seguindo em frente.”

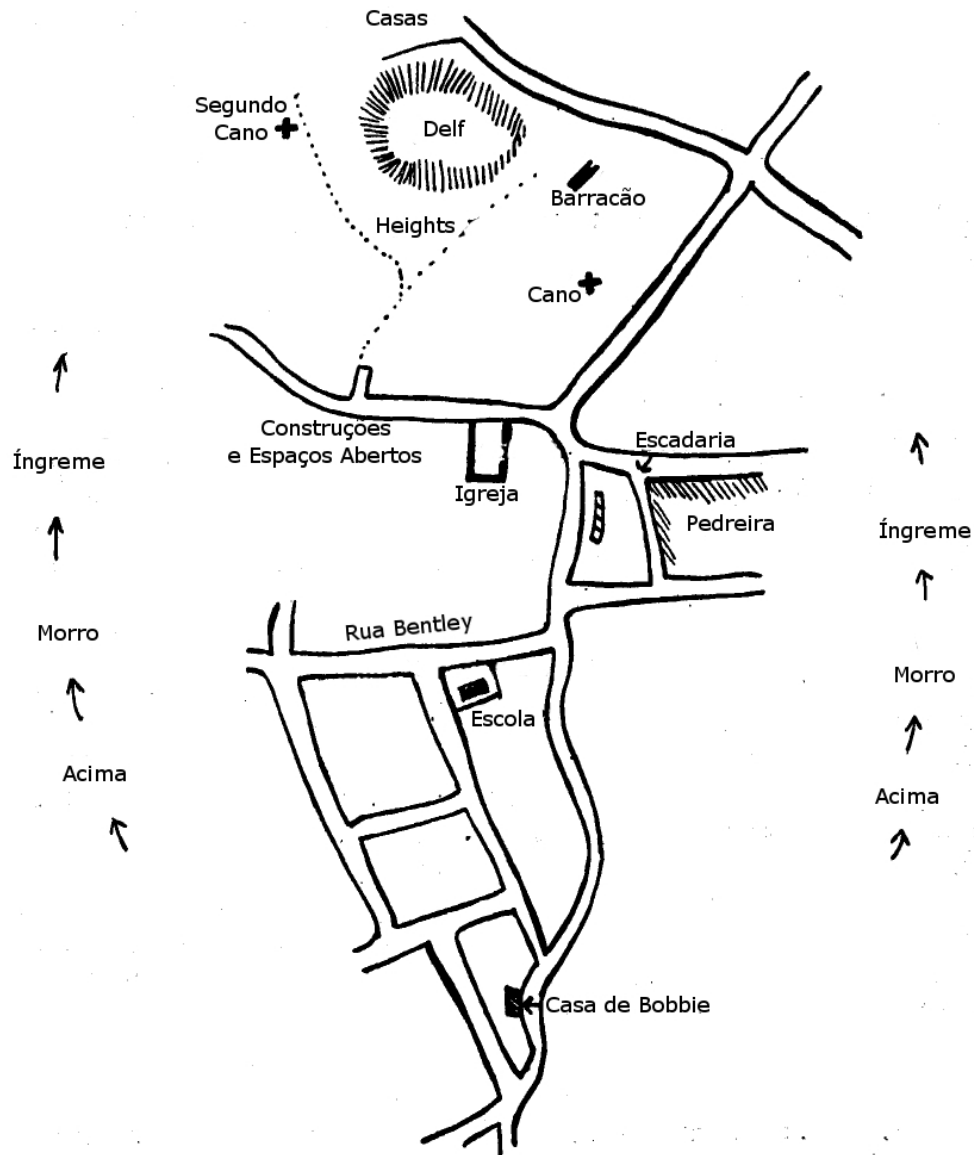
C. D. T.: Sim, e o que eu deveria procurar? O local seria na estrada principal ou eu deveria entrar em algum lugar?

(118) FEDA: Parece ser à direita. Penso que não seja muito longe da estrada, acho que seja na estrada.

[Minha pergunta foi baseada no desenho enviado pelo Sr. Hatch para ilustrar a sessão prévia. Consegui dar a Bobbie um ponto de saída, a partir do qual ele talvez pudesse descrever o caminho até os canos. Ocorre que a rota sugerida por mim era satisfatória, pois era um dos caminhos para Marsden Heights.

“Outro caminho passando pela escola”: isso está correto.

“À direita”: correto. Vai-se além da igreja por alguns metros e vira-se numa rua sem saída à direita. Um portão no final dessa rua dá acesso a Heights. (Veja Mapa 3.)]



Mapa 3.

(119) FEDA: Ele me mostra a estrada principal subindo quase toda montanha. E por uma boa distância o espaço é mais aberto à esquerda do que à direita. Vejo a estrada principal, mas posso sentir espaços abertos. Não é todo construído lá, há muitas construções, mas muito espaço também. Ele diz que ainda há espaço. Essa estrada é mista. Não era muito ocupada antes, mas agora tem havido muita construção lá, como uma mistura de espaços vagos com novas construções.

C. D. T.: Então subo a montanha e encontro o quê?

(120) FEDA: É um lugar com endereço “B”? Ele está tentando escrever numa prancheta. Parece ser perto de outro lugar ao qual ele ia. Ele ia a esse lugar “B” algumas vezes. Melhor esperar para ver.

[“Subindo a Montanha” está correto; “Espaços e Construções” também está. No tempo de Bobbie, havia ainda mais espaços vazios do lado esquerdo da estrada do que do direito. “Lugar ‘B’”: Marsden Heights, no qual o cano foi encontrado, localiza-se no Distrito de Brierfield.

“Fora lá algumas vezes”: o lugar tinha sido eleito o local de brincadeiras da “gangue”.]

C. D. T.: Você quer dizer Baths, Bobbie?

FEDA: Sim, tem ligação com Baths de alguma forma.

C. D. T.: Está dentro as mesmas paredes, ou sob o mesmo teto?

(121) FEDA: Não é um transtorno eu não conseguir captar isso? Não pergunte isso a ele. Acho que ele está tentando captar algo. Tenho que ter certeza absoluta disso — o lugar por onde ele passaria por um portão — pois é no canto da rua lateral, e tenho a sensação de ele percorreria a rua lateral para chegar ao lugar.

Parece claro agora que, nesse ponto, causei confusão ao assumir que a letra “B” significava Baths. Pois Feda aceitou minha idéia e passou a se referir ao lugar como se Baths fosse o nome correto.

Minha segunda pergunta, se era sob o mesmo teto, confundi mais ainda, o que era de se esperar se o menino descrevia um local ao ar livre.

“Portão no canto da rua lateral”: a passagem para Heights se dá por um portão no canto esquerdo da pequena rua sem saída. Bobbie o atravessava para chegar ao local de brincadeiras da “gangue” próximo ao cano, na lateral da montanha.

Sessão continua.

C. D. T.: Gostaria de perguntar-lhe se ele bebeu a água em Baths.

(122) FEDA: Ele sabe do que lhe foi dito. Foi-lhe dito que isso foi a causa. O senhor sabe o que ele chamava de Baths — estou o deixando falar para o senhor ver se ele está sendo preciso — ele diz que acha que parte dessa construção não é mais a mesma. O senhor o confundiu um pouco ao perguntar se era perto da construção, pois não foi tudo construído de uma vez. Houve algo que teve de ser construído depois. Mesmo parecendo estar completo, teve algo adicionado, uma boa parte.

“O senhor sabe o que ele chamava de Baths”: aqui, Feda aceita o termo para o local em questão e o chama de “Baths”. Devemos, no entanto, ter em mente que o que eu e Feda chamamos de Baths é de fato o lugar que Bobbie e meus comunicadores chamam de “os canos” ou “B”. Vejamos se o que se segue se aplicará ao último, pois certamente não se aplica a Baths.

“O senhor o confundiu... algo construído depois.” Essa adição à construção descreve corretamente o celeiro ou barracão em Delf: há claras evidências de que a construção fora feita em etapas, de tempos em tempos. É uma estrutura rudimentar de madeira e ferro retorcido montada conforme a necessidade aparecia. É bem provável que um menino observador notasse esses acréscimos.

Sessão continua.

(123) FEDA: Existe um distrito que começa com a letra “H” próximo a Baths? É um nome longo. Ele chama de o distrito.

C. D. T.: Perguntarei.

(124) FEDA: Sabe, ele conhecia alguém que vivia nesse local “H” que costumava ir ao mesmo lugar.

[O lugar Marsden Heights sempre fora chamado por Bobbie de “Heights”. Não se sabe ao certo quem é esse “alguém”. Existem algumas explicações.]

(125) FEDA: Veja, você está indo montanha acima, não é? Suponha que você fosse virar à direita quando chegasse lá em cima. Você não iria muito longe à direita, e chegaria a um lugar que era... Não há barrancos lá, há?... Ele está tentando me fazer sentir esse lugar peculiar. Parece um declive, uma descida abrupta. É como se ainda estivesse lá, mas não exatamente como era antes.

O trecho acima descreve corretamente a Estrada para a direita após a subida da montanha a partir da casa de Bobbie, e um caminho ao largo da pedreira, mencionado em sessão prévia (Veja N^os. 41-44). “Não exatamente como era antes”:

no tempo de Bobbie uma escada separava esse caminho da estrada. A escada foi removida desde então, e agora parapeitos protetores separam o caminho da encosta íngreme da pedreira. As laterais da pedreira são os barrancos.

Sessão continua.

(126) FEDA: Pode-se chegar ao lugar subindo a montanha e virando à direita perto de Baths. Talvez não seja o melhor caminho, mas chega-se lá.

[Esse curto parágrafo resume o antecedente e está perfeitamente correto caso se substitua “Baths” por “Brierfield Heights”.]

OS CANOS.

Abreviações utilizadas.

C: Correto.
B: Bom
R: Regular.
I: Insatisfatório.
D: Duvidoso.

Sessões

2 Nov.	O:	C.	Enfraquecimento prévio (14).
3 Dez.	O:	C.	John repete referência à causa predisponente da doença de Bobbie (37).
	O:	C.	Um evento nove semanas antes da morte, para o qual os “canos” serão a prova (38).
4 Jan.	O:	B.	Fraqueza de saúde prévia. Nova referência aos “canos” (70).
5 Jan.	M:	C.	Canos fora da casa, alcançados por outro caminho (80).
	M:	B.	Conexão entre os canos e a infecção (81).
	M:	C.	Animais serão prova na questão dos canos (82).
	O:	D.	Uma modificação tornou os canos menos perigosos (83).
	M:	C.	Família de Bobbie não conhecia o lugar dos canos (84).
	M:	C.	Outro menino fora lá com Bobbie (85).
	M:	C.	Canos não estão no interior — no campo (86)
	M:	C.	Estábulos. Feno. Um lado parcialmente aberto (87).
	M:	R.	Vista do campo escondida por edifícios (88).
	M:	I.	Água pingando ou esguichando (89).
6 Fev.	M:	C.	Bentley é uma pista para os canos (96).
	M:	B.	Troncos também (97).
	M:	C.	Caminho descrito com detalhes (98).
	M:	D.	Nome Phil é uma pista (99).
	M:	D.	Nomes de outros meninos (100).
8 Mar.	O:	C.	Etta certa de que os canos serão descobertos. (107)
9 Abr.	M:	R.	Riacho ou córrego no interior, ao qual Bobbie teria ido. (108)
10 Mai.	O:	R.	Atitude de seus parentes em relação aos canos. (115)

	M:	D.	Subterrâneo.(116)
	M:	C.	Pode-se chegar aos canos passando pela escola.(117)
	M:	C.	Uma curva para a direita.(118)
	M:	C.	Descrição de um caminho montanha a cima.(119)
	M:	C.	Lugar que começa com “B”. (120)
	M:	C.	Entrar na esquina de uma rua lateral. (121)
	M:	R.	Edifício que foi construído. (122)
	M:	C.	Distrito começando com “H”. (123)
	M:	D.	Outro vivente fora lá também. (124)
	M:	C.	Caminho próximo a local com barranco. (125)
	M:	C.	Pode ser alcançado por caminhos alternativos. (126)

Resultados da análise acima—

<i>Memórias de Bobbie</i>	<i>Opiniões de Bobbie</i>	<i>Opiniões de John</i>	<i>Opiniões de Etta.</i>
C: 16.	B: 1.	C: 2.	C: 2.
B: 2.	R: 1.	D: 1.	
R: 3			
I:1	Sucessos de Bobbie: 23	Sucessos de J & E: 4	
D:4	Falhas de Bobbie: 5	Falhas de J & E: 1	

PARTE III

Antes de continuar a discussão sobre as mensagens prévias, considero conveniente resumir como se deu o acúmulo, mês a mês, de novembro de 1932 a maio de 1933, das evidências.

Em novembro, dezembro e janeiro, Etta, John, e finalmente o próprio Bobbie, começaram a *expressar a opinião* de que a doença de Bobbie teria correlação com algo ligado a canos. (14, 37, 38, 70.)

Um evento ocorrido nove semanas antes do falecimento seria a pista. (38.)

Em janeiro, meu pedido por mais pistas trouxe a informação de que esses canos não se encontravam na casa do menino; que animais seriam guias para a sua posição; que os familiares de Bobbie não conheciam o lugar, mas que ele havia ido até lá com outro menino. Como outra pista, foi descrito um estábulo ou celeiro. (80, 82, 84, 85, 87.)

Em fevereiro, a rota que levava aos canos foi parcialmente descrita. (96, 98.)

Em março, Etta demonstrou certeza de que os canos seriam descobertos. (107.)

Em maio, Bobbie deu direções que apontavam ao local exato onde os canos foram eventualmente encontrados. (117, 118, 119, 120, 123, 126.)

Em julho, o primeiro dos dois canos foi descoberto, e o segundo em setembro.

Nenhum mapa de Nelson fora consultado, seja em livros ou na documentação local, e não foi antes do final das sessões e da descoberta dos canos que inspecionei mapas militares da região, tanto em larga quanto em pequena escala. Encontrei indicações de nascentes de água, mas nenhuma menção a canos.

Meu conhecimento de Nelson era restrito ao fato de ser aquela uma cidade industrial, entre outras no vale, e que os campos ao redor eram montanhosos. A Sra. Leonard não foi informada sobre qualquer dos assuntos das sessões, nem mencionei o lugar a Fedá.

Constatamos que as informações dadas acerca da existência e da localização desses canos estavam corretas. Ponderaremos agora se houve justificativa para a opinião, tão confiantemente expressa, de que a morte de Bobbie podia ser atribuída aos canos.

A água brotando da montanha é pura, mas cai em reservatórios, um dos quais está em local aberto na encosta, onde seria visitado por pássaros selvagens e de granja, e por outros animais.

Atendendo a meu pedido, o Chefe da Vigilância Sanitária de Brierfield, Dr J.

Strachan Wilson, M.B., C.M., visitou o local. Posteriormente, ele me enviou o relatório a seguir:

TOWN HALL, BRIERFIELD,
LANCASHIRE, 21 de fevereiro 1934.

CARO SENHOR,

Tenho em mãos sua carta do dia dez de mês corrente, a respeito das nascentes em Marsden Heights.

O senhor Haigh, Inspetor Sanitário, e eu visitamos as duas nascentes mencionadas. A água de ambos os reservatórios é obviamente suscetível a contaminação pela superfície e não pode ser considerada potável. Qualquer pessoa, criança ou adulto, poderia desenvolver infecção ao beber daquela água.

Temos amostras da água que brota da encosta, analisada em ambos os casos, e os resultados mostram que a água de ambas as fontes é própria para o consumo.

Cordialmente,

J. S. WILSON,
Chefe da Vigilância Sanitária.

Esse veredicto sobre os reservatórios nos quais a água cai é decisivo. Estamos certos de que Bobbie por semanas brincou com frequência nas cercanias dessas águas; então veio uma doença que, começando com dor de garganta, evoluiu para amidalite, e por fim difteria, que o matou.

A fotografia do cano e do reservatório mais próximos à pedreira mostra o quão próxima é a superfície da água da boca do cano. A queda é de apenas duas polegadas. O amigo de Bobbie, Jack, diz que eles “brincaram com a água”. Um menino brincando com a água que saía do cano dificilmente conseguiria evitar molhar as mãos na água contaminada da pequena piscina abaixo. Essas mãos molhadas poderiam facilmente levar infecção à boca, tanto ao se enxugar com algum pano quanto ao levar água do cano à boca para beber. Bobbie morava em uma parte saudável de Nelson e houve, como fui informado pelos agentes locais de Vigilância Sanitária, apenas dois outros casos de difteria em Nelson naquela época, e quatro na área de Brierfield.

Os comunicadores podem ou não ter estado corretos ao concluir que a morte de Bobbie fora causada direta ou indiretamente por ele brincar com essas águas. Não podemos ter certeza. Tampouco a comprovação de sua opinião ser verdadeira ou falsa afetaria a evidência de que eles sabiam de fatos nos quais essa conjectura poderia ser razoavelmente baseada. Esses fatos eram: a existência e a localização dos canos, o reservatório no qual a água desembocava, o fato dos meninos terem frequentado esse lugar e brincado com a água. Qualquer pessoa ciente desses fatos poderia suspeitar que a infecção de garganta

que se seguiu teria relação com a água contaminada. *Porém, absolutamente ninguém teve a menor suspeita disso* até os relatos recebidos no decurso das sessões.

O que torna esse incidente realmente notável do ponto de vista comprobatório é o fato de os membros da família de Bobbie não saberem de coisa alguma sobre esses acontecimentos, e que a única pessoa que sabia, além do próprio Bobbie, era seu amigo Jack — certamente uma fonte muito improvável e pouco promissora de informação adquirida por telepatia. Ainda assim, a existência dessa água foi afirmada e reafirmada por um período de seis meses, e os canos foram finalmente descobertos por nós ao seguirmos as pistas fornecidas.

De onde, então, viera conhecimento tão claramente demonstrado? De mentes terrenas? Não há dúvida de que muitas pessoas sabiam da existência daqueles canos em Heights. Não obstante, é certo que nenhuma delas jamais suspeitara de que eu estava conduzindo sessões em nome da família de Bobbie. Esse fato era conhecido apenas por poucas pessoas do convívio do menino. Os únicos outros que sabiam, meu taquígrafo, minha mulher e eu, não tínhamos conhecimento da existência de Heights. Ninguém sabia de ambos os fatos, isto é, que os canos existiam, e que eu estava perguntando sobre Bobbie. De onde, então, veio a informação? É uma questão que encaminho à apreciação daqueles que possam hesitar em compartilhar de minha convicção de que Bobbie Newlove e seus amigos no além transmitiram as mensagens.

A telepatia obtida de mentes terrenas é considerada por alguns como uma hipótese alternativa à comunicação com os falecidos.

Não há muito que dizer sobre isso. Não temos qualquer registro de longas e detalhadas mensagens sendo passadas de uma pessoa a outra por telepatia. Quer espontânea, quer experimental, a telepatia é sempre fragmentada.

Consideremos o caso dos canos. Não havia pessoa na Terra que soubesse dos dois fatos que tão enfática e continuamente se entremeiam nos relatos das sessões, quais sejam: (1) que Bobbie brincou com a água em Heights; e (2) que eu estava tentando obter, dele, mensagens para seus familiares. Esses dois fatos eram, no entanto, do conhecimento de inteligências muito argutas em algum lugar, que deles fizeram uso durante um período de seis meses em face da incredulidade dos parentes de Bobbie e da nossa falha de compreensão.

Esse conhecimento sobre os canos — que se provou exato — não poderia ter vindo por telepatia a partir do círculo de convivência de Bobbie, pois ninguém lá sabia da existência dos canos. Os membros da “gangue”, por outro lado, não teriam idéia de que Bobbie se adoentara ao brincar com a água, nem do fato de eu estar buscando obter mensagens dele.

Críticos que desejarem evocar a hipótese telepática nesse caso

precisarão assumir, sem qualquer justificativa para tal suposição, que os pensamentos sejam transmitidos entre pessoas que nunca ouviram falar uma da outra e que não possuam qualquer ligação salvo por seu interesse em uma pessoa que morreu. E mais, a seleção das informações deve ser considerada como sendo de escolha perfeita, afim de que nenhum fato que não se relacione com a investigação em questão seja transmitido. Em resumo, *tudo deve acontecer exatamente como se* um supervisor inteligente estivesse obtendo informação do falecido para os propósitos da investigação.

EXAME DAS FALHAS DE BOBBIE.
Abreviações utilizadas.

N: Dificuldade com Nome.

I: Descrição Insuficiente.

U: Alguns de seus colegas de colégio desconhecidos de seus parentes.

MEMÓRIAS

INSUFICIENTE	7	Cozinhando em ocasião especial. I.
	23	Dinheiro poupado para ele. I.
	27	Gostava de Joyce. U.
	56	Algo como um pato. I.
	92	Reparos no banheiro. I.
DUVIDOSO	105	Descrição da caixa de brinquedo. I.
	22	Presente recente de cavalheiro. I.
	68	Nome parecido com <i>Euan</i> . N.
	95	Outras atividades no sótão. I.
	99	Nome Phil é uma pista. N ou U.
	100	Nomes de outros meninos. N ou U.
	116	Subterrâneo. I.
ERRADO	124	Outro vivente fora lá também. I.
	131	Geoffrey ou “G”. N ou U.
	47	Sw— nome de lugar. N.
	90	Mudança de portas na pista de patinação. (Veja abaixo).
	146	Tentativa de dar nome do jardim. N.
OPINIÕES		
<i>Nota.</i>	128	Para quem seria o vestido. (Veja abaixo).
	90	Não vejo explicação para isso.
	128	Inferência equivocada.

Tendo examinado as falhas de Bobbie, vamos agora nos ater às de Feda, John e Etta.

FEDA: 33. Idéia errada a respeito do caráter de Bobbie, obtida apenas por “intuição”.
2. Impressão duvidosa obtida com a psicometria da carta do Sr. Hatch.

ANÁLISE DOS SUCESSOS E FALHAS
EM TODO O ESTUDO, E INCLUINDO “OS CANOS”.

Sessão nº	<i>Memórias de Bobbie</i>						<i>Opiniões de Bobbie</i>						<i>Opiniões de Feda</i>						<i>Opiniões de John</i>						<i>Opiniões de Etta</i>											
	C	B	R	I	D	E	C	B	R	I	D	E	C	B	R	I	D	E	C	B	R	I	D	E	C	B	R	I	D	E						
1	5			1			1		1				2	1	1		1																			
2	6	4	3	2	1													1							2											1
3	14	1	1			1	1												3																	
4	13	2	3	1	1		3	2																												
5	9	1	2	1	1	1																	1													
6	2	1			2																															
7				1			1																		3											1
8-10	11		2		3	1	5		1		1	1	1												1											
11	8		3				1		2																											
	68	9	14	6	8	3	12	2	4	0	0	1	3	1	1	0	1	1	3	0	0	0	1	0	6	0	0	0	0	2						
	\		/	\		/	\		/	\		/	\		/	\		/	\		/	\		/	\		/	\		/	\		/	\		/
		91			17			18			1			5			2			3			1			6				2						
	Sucessos de Bobbie – 108						Sucessos de Feda, John e Etta – 14						Total de Sucessos – 122																							
	Falhas de Bobbie – 18						Falhas de Feda, John e Etta – 5						Total de Falhas – 23																							

Em vários exemplos o relato fornecido na sessão, o qual conto como um, consiste de vários itens. Fossem eles contados em separado, os totais acima seriam consideravelmente maiores. Aqueles marcados “corretos” seriam mais de 150, e número total de assertivas, maior que 200. Como a informação completa é dada nas anotações, os leitores poderão realizar seu próprio cômputo.

JOHN: 83. Relato duvidoso sobre o fato de os canos terem ficado menos perigosos do que antes.

ETTA: 15. Opinião errada sobre a constituição de Bobbie ser boa.

104. Opinião errada sobre as habilidades de Bobbie para desenhar.

É de especial interesse o fato de as comunicações conterem várias indicações temporais, como “muitos meses após a morte do menino”.

Não houvesse evidência em contrário, poder-se-ia supor que tal informação viesse por telepatia das pessoas em Nelson. A evidência dos “canos”, no entanto, desencoraja essa hipótese.

Outras explicações alternativas, tais como Memória Universal, ou Clarividência ilimitada, não nos ajudam. Não consigo pensar em outra explicação que se encaixe nos fatos, salvo a dos contínuos interesse em, e observação de, as ações de seus familiares, por parte do menino.

- 9 R. Produzindo algo como pedra — estudando como fazê-lo — unindo, misturando.
- 46 C. Bobbie se lembrara desse lugar recentemente, quando seus parentes foram lá.
- 65 B. Família indo a lugar “H” pensando nele.
- 66 C. Mãe pensando em Rosemary.
- 106 C. Parentes ajudando senhora idosa.
- 111 C. Mãe pensava no boné.
- 112 C. Encontrou sua insígnia em formato de coração.
- 113 C. Mãe visitando o cemitério da igreja.
- 114 C. Pensamento em maçãs ligado a Bobbie.
- 127 C. Sua mãe quer um novo vestido.
- 129 C. Caixas de papelão trouxeram lembranças dele.
- 134 R. Sua mãe e uma árvore piramidal.
- 141 C. Problema de garganta de sua mãe.

É de se esperar que um menino de dez anos mencione brinquedos, jogos e exercícios nos quais ele tivesse interesse. Encontramos várias dessas referências nas comunicações. São as seguintes:

- 7 I. Cozinhando em ocasião especial.
- 24 B. Interesse em construir algo.
- 29 C. Brincava com sulcos e números após o chá.
- 30 C. Bolas-de-gude coloridas na mesa.
- 39 C. Menina com bola que interessava a Bobbie.
- 49 C. Descrição de um a banda elástica sobre a qual Bobbie fora advertido.
- 54 B. Referência ao saleiro — Descrição de objeto que ele gostava.
- 56 I. Referência ao saleiro — Algo como um pato.
- 61 C. Referência ao saleiro — Nome “B” de brinquedo ou animal.
- 55 C. Construindo com padrão em fotografia, com ponto alto.

Referências à Pista de Patinação:

- 71 C. Carregando algo balançando para sua mãe.
- 72 C. Maneira de caminhar com sua mãe.
- 73 R. Uma compra para o inverno.
- 74 C. Descrição de um lugar freqüentado.
- 75 C. Pessoas que encontrava lá, etc.
- 76 C. Discussão sobre calçado para o tal lugar.
- 77 R. Algo que flutuava no ar.
- 78 C. Exercícios no sótão.
- 85 C. Outro menino fora lá com Bobbie.
- 91 C. Artigo de celulóide que ele usava e não era aprovado.
- 93 C. Forma, cores, etc., de artigo em papel fino.
- 95 D. Outras atividades no sótão.
- 105 I. Descrição da caixa; etiqueta redonda.
- 144 C. Resposta à pergunta sobre bicicleta no jardim.

Note-se, da mesma maneira, como encontramos referências a objetos que eram do interesse de Bobbie:

- 31 C. Algo ainda incompleto sendo feito na casa.
- 32 R. Interesse por coelhos.
- 34 C. Fotografia com tábuas.
- 35 C. Boné sem pala.
- 53 R. Interesse em determinadas plantas.
- 57 B. Camundongos.
- 58 C. Aparelho preso à parede.
- 132 R. Descrição de fotografia a ser mostrada.
- 133 R. Descrição de objeto ligado à fotografia.

É sabido que Bobbie frequentava os lugares e tinha conhecimento das localidades que são referidas nas seguintes passagens:

- 8 C. Cidade na província.
- 10 C. Cidade ampla, com coisas importantes.
- 11 C. Indústrias no canal ou rio.
- 40 C. Escadaria quebrada.
- 41 C. Trilha descrita.
- 42 C. Vista ampla após a passagem pela escada.
- 43 C. Igreja com grupo de árvores.
- 44 C. Local perigoso próximo à escada.
- 45 C. Lugar pegajoso e molhado.
- 48 C. Construção desmoronada próximo à escadaria.
- 86 C. Canos não estão no interior — no campo.
- 87 C. Estábulos. Feno. Um lado parcialmente aberto.
- 96 C. Bentley é uma pista para os canos.
- 97 B. Troncos também.
- 98 C. Caminho descrito com detalhes.
- 109 C. Visita a um tipo de farmácia.
- 117 C. Pode-se chegar aos canos passando pela escola.

- 118 C. Uma curva para a direita.
- 119 C. Descrição de um caminho montanha a cima.
- 120 C. Lugar que começa com “B”.
- 121 C. Entrar na esquina de uma rua lateral.
- 122 R. Edifício que foi construído.
- 123 C. Distrito começando com “H”.
- 125 C. Caminho próximo a local com barranco.
- 126 C. Pode ser alcançado por caminhos alternativos.
- 136 C. Balanços nesta época do ano, desaprovados por sua mãe.
- 137 C. Pista de corrida perigosa e acidente.
- 138 C. Casa em local montanhoso.
- 139 R. Lugar estranho e íngreme na estrada, do qual pessoas reclamam.
- 140 C. Local próximo ao acima com nome similar a Cattle.

A proporção dos sucessos refuta qualquer dúvida baseada na possibilidade de coincidência. Fraude ou conluio estão certamente fora de questão.

Muito dos relatos coletados foram exatamente o que deveríamos esperar de um jovem menino; eles se relacionam com suas coisas preferidas, seus interesses especiais, suas brincadeiras e jogos, as festas locais e a Feira anual, com seus balanços e a pista de corrida. Neles se incluem descrições corretas de ruas e estradas ao redor de sua casa, inclusive mencionando a rua que deveria ter sido especialmente familiar a ele, pois nela se situava sua escola.

As respostas às questões enviadas pelos familiares de Bobbie demonstram conhecimento íntimo dos interesses do menino tanto dentro de casa como em outros lugares.

Em resposta às minhas insistentes perguntas sobre a localização dos canos, foi dado um manancial de informações que, no final, descobriu-se correto, ainda que a maior parte dele fosse desconhecida dos parentes Bobbie. Acima de tudo, emergiu no curso das sessões *uma sugestão que nunca ocorreria a ninguém*, e que se relacionava com a provável causa da morte da criança. As investigações que seguiram as pistas fornecidas demonstraram extrema probabilidade de que os comunicadores estivessem certos na sua suspeita, e que o organismo do menino fora negativamente afetado por suas brincadeiras com água contaminada num local sobre o qual seus parentes nada sabiam — e sobre cuja existência permaneceram céticos por um período de seis meses. Essa é uma evidência conclusiva de que as mensagens não emanaram de mentes terrenas, uma vez que ninguém que conhecia os canos tinha a mais leve suspeita de que eu estava recebendo mensagens ligadas a Bobbie Newlove ou, sequer, da minha existência. Por outro lado, eu não tinha qualquer conhecimento de Marsden Heights ou de que Bobbie tivesse brincado em qualquer lugar onde houvesse água contaminada. O que eu sabia sobre Bobbie e seu lar se limitava ao que seus parentes escreviam ao co-

mentar cada sessão à medida que os relatos chegavam a eles. Seus escritos foram expostos com as respectivas datas, e será observado que não fui informado de nada que me tornasse capaz de elaborar as mensagens, mesmo que eu fosse suficiente inescrupuloso para desejar fazê-lo.

Temos, portanto, uma condição provavelmente única nos anais da pesquisa psíquica. É essa surpreendente expressão, definitiva, enfática e repetida, de uma opinião que não existia nos pensamentos de qualquer pessoa na Terra antes de sua emergência nas sessões. Nenhuma inspeção clarividente de Marsden Heights permitiria a um médium obter informação para atestar porque a doença do menino teria resultado em êxito letal; aquisição supernormal de informações ou por vazamento de mentes humanas através da capacidade própria da médium estão ambas descartadas pelas circunstâncias do caso.

Há alternativa a não ser reconhecer a atividade de inteligência extramundana, que sabia dos fatos que eram desconhecidos pela família em Nelson, e que baseou nesses fatos uma conclusão altamente provável, se não patentemente correta?

PARTE IV

O *MODUS OPERANDI* E COMPREENSÃO DA TELEPATIA

Encontramos, nas prévias sessões de mensagens em transe, vários graus de sucesso e falha. Podemos aproveitar o estudo de algumas com a esperança de aprender alguma coisa sobre a recepção telepática. O receptor imediato é o conjunto Sra. Leonard-Feda, e o meu entendimento é que Feda receba a informação primeiro e, em seguida, provoque a verbalização através do mecanismo mente-cérebro-nervo-músculo da Sra. Leonard. Não é necessário manter essa hipótese, já que outras podem servir ao nosso propósito imediato, que é simplesmente estabelecer como o receptor “sente” quando a informação chega à sua consciência. Alguns podem preferir a assunção de que a informação atinge primeiro, telepaticamente, o subconsciente do condutor da sessão, e que Feda capte-a ali. De qualquer forma, Feda tem de percebê-la ou obtê-la do condutor. Queremos saber como a informação chega.

Aqueles que alegam que o controle não é nada além de uma segunda personalidade do médium têm o mesmo problema a resolver. De que maneira a idéia alcança a consciência do médium, seja a primária ou a secundária? Como o pensamento é recebido?

Quando Feda disse “É um lugar com endereço “B””? Ele está tentando escrever numa prancheta.” (veja 120), o que estava realmente acontecendo? Pode-se supor que alguém mudara o método, como que tentando assim passar a idéia pretendida. Se o método sonoro não funcionava, o método visual talvez atingisse o resultado. Mas como essa troca de som para visão é realizada? Por esforço do comunicador? Ou Feda altera o mecanismo de recepção? Por vezes, vemo-na dizer que eles estão *fazendo-a sentir* isso ou aquilo, ou que o que está sendo descrito *lhe dá a sensação* disso ou daquilo; frequentemente, ela parece transmitir a mensagem literalmente, mas depois recorre à paráfrase. Seriam essas variações formas diferentes de chegada das idéias à consciência de Feda, ou denotariam diferenças na maneira como os pensamentos são *enviados* a ela? E quem decide como, Feda ou o comunicador?

Naturalmente, perguntei a Feda, e a resposta é, em essência, que ela tenta um método e depois o outro, mas não pode usá-los simultaneamente. Isso causa a impressão de que ela pode, de algum modo, escolher a forma como as idéias chegam à sua consciência, mas duvido que esse seja o segredo.

O diálogo com Feda a seguir se reporta a essa questão.

C.D.T.: Algumas vezes, por minutos a fio, você parece captar deles as palavras na íntegra. Gostaria de saber o que torna isso possível.

FEDA: O Sr. John diz: “Em algumas sessões, sentimos que podemos usar o método do ditado. Já em outras, temos que produzir figuras, as quais transmitimos, ou ajudamos Feda a transmitir, à mente da médium. Não cabe a nós determinar se devemos usar o primeiro ou segundo método. Devemos nos acomodar às suas condições. Inclino-me a pensar — e tenho trocado idéias com vários investigadores sérios, e todos concordamos — que não tenha qualquer relação com nossa habilidade de se comunicar, exceto, como já lhe referi, por alguns de nós terem um temperamento mais comunicativo que outros.”

C.D.T.: Isso eu posso compreender.

FEDA: Sr. John diz: “Em muitas ocasiões vim até aqui preparado para ditar para Feda. E pensei: ‘O material que tenho hoje pede o método do ditado’, mas me vi impossibilitado de fazê-lo. Encontrei um ambiente que tornava mais aconselhável mudar o tópico, a não ser que esse tópico pudesse ser retratado visualmente. É um limitante... atrapalha.”

C.D.T.: Feda, você notou quais condições prévias são melhores para uma sessão em que haverá muito ditado?

FEDA: Sim, notei. Se a Gladys (nome da Sra. Leonard) não tiver escrito cartas, ou pensado a respeito de cartas, ou lido cartas trazidas pelo carteiro, e não tiver pensado em nada mesmo pela manhã — especialmente com relação a palavras — então eu capto bem o ditado. Mas se ela lida com cartas, fica pensando todo o tempo: “Essa pessoa precisa saber de tal coisa, e mesmo que eu não escreva agora essa pessoa quer que eu diga tal coisa”, isso piora as coisas. É como se ela ficasse exaurida de palavras, sabe?

C.D.T.: Você então não consegue ouvir bem as palavras?

FEDA: Bem, penso que não consigo captá-las, não consigo apanhá-las na mente dela, pois sua mente está cansada delas, sua mente já lidou com palavras demais.

C.D.T.: Você não percebe que as frases ditadas estão lá para você?

FEDA: Não. Etta diz: “Estou convencida de que uma área da mente consciente, ou da parte do cérebro que abriga a mente consciente, tem sobre ela um tipo de material sensível, digamos, como uma cera, e se tiver sido usado para uma coisa, não receberá outra impressão.”

C.D.T.: Como o filme sensível de uma chapa fotográfica?

FEDA: Sim, mas ao mesmo tempo não se pode fazer dessa uma analogia perfeita, pois às vezes podemos captar mais informações de qualidade. A “cera” permite que se capturem outras coisas, mas não o tipo de coisa para a qual já foi utilizada. É isso que Etta diz, e ela está certa. Se você pega a Gladys numa manhã na qual ela

não se preocupou com, ou escreveu, cartas, mas está pronta para o transe, esse é um momento muito bom para o ditado.

A referência a uma escadaria quebrada (veja no. 40), é de interesse peculiar, pois, apesar da escada danificada ter estado lá enquanto Bobbie era vivo, tinha sido removida antes da data dessa sessão.

Claramente, a descrição foi transmitida da memória de alguém que conhecera o lugar na época que Bobbie vivia, e não por clarividência da médium ou do Controle: essa última hipótese abrigaria a dificuldade de sugerir como a clarividência poderia ser direcionada para a cidade certa, e então ser capaz de rastrear, a despeito das várias combinações de ruas e caminhos, a rota em particular preferida pela família.

Houve muitas ocasiões onde nomes próprios foram pronunciados fácil e corretamente. As condições às quais Feda se referia estariam, presumivelmente, favoráveis; mas percebo que nomes geralmente são difíceis.

Uma tentativa de fornecer o nome *Catlow Bottoms* ilustra esse fato. Foi no final de uma descrição da vizinhança onde ele morava que Feda, falando por Bobbie, disse:

(140) FEDA: “Havia um lugar começando com “C” por perto, um nome que soa como *Catelnow*, *Castlenow*. Parecia ter duas ou três sílabas, como um som de “Ca”, *Cattle* ou *Castle*.”

O comentário da família foi: “O nome dado parece com *Catlow*, um vilarejo próximo. Bobbie e eu fomos até lá no dia em que ele ficou doente, a última vez em que ele saiu de casa.” Ao estudar o diário de Bobbie, percebi que a última passagem dizia: “Fomos a *Catlow Bottoms*. Garganta Inflamada. Fui para a cama.”

Remova duas letras de *Catelnow* e teremos *Catlow*.

Feda consegue por vezes fornecer um nome sem dificuldade, mas caso ocorra algum obstáculo, exigindo uma segunda ou terceira tentativa, ela raramente tem sucesso. Sua explicação é que, mesmo quando ela ouve o nome claramente, a ansiedade de verbalizá-lo afeta o cérebro da médium, causando uma tensão que impede a expressão da palavra correta.

Mas, freqüentemente, Feda não consegue ouvir o nome distintamente.

Ao analisamos a seção 19-20, encontramos três iniciais dadas no lugar de nomes completos. Essas iniciais eram inteiramente apropriadas para o contexto, mas a ignorância de Feda em relação aos nomes que elas representavam pode ser inferida pela fala: “O nome da menina começa com ‘J’?” O nome era *Jack*; como Feda não tinha ciência do sexo, é evidente que ela não ouvira o nome claramente. Esse erro faz lembrar de seu relato: “Algumas coisas que capto deles

não consigo entender, e uma pequena distorção causaria um significado errado.”

Nesse assunto, podemos nos referir à seção 75, onde Feda diz: “‘M’, acho que seria o nome do homem”. Fosse essa uma conjectura ou uma inferência, estava errada? Feda aparentemente não captara o nome, mas só a inicial. Houve ocasiões em que era evidente que o nome era sabido, por Feda ou pelo comunicador, e mesmo assim não podia ser pronunciado pela médium.

Passemos a outro ponto. Parece por vezes, que Feda não tem conhecimento de que uma referência está sendo feita a um objeto previamente descrito. As passagens a seguir parecem ilustrar isso:

Poucas semanas antes da morte de Bobbie ele teve um curto feriado em Morecambe, onde, em algum jogo infantil, ganhou um saleiro de cerâmica esmaltada com forma de cachorro. Ele era geralmente guardado no canto da prateleira da sala de jantar e, durante o jantar, Bobbie tinha o hábito de rolá-lo pela mesa, e torcer e destorcer a rolha no seu fundo. Na aparência geral, ele é redondo, liso e polido. Notemos o quão curiosamente a referência a esse artigo é introduzida.

(54) FEDA: Você não deve tirá-lo da estante, você deve deixá-lo na estante perto do canto. Deixe-o na estante, onde outros podem vê-lo e pegá-lo. Ele costumava pegá-lo, às vezes — acho que captei certo — havia algo que costumava ficar no canto da estante, e por vezes Bobbie o queria, e lhe diziam, “Deixe-o na estante no caso de alguém querer pegá-lo” — algo redondo, liso e polido.

C. D. T.: O que será que ele fazia com essa coisa quando a pegava?

FEDA: Era um relógio?

C. D. T.: Você está adivinhando, Feda?

FEDA: Eu estava perguntado a ele, pois parecia com um relógio que ele segurava na palma da mão.

C. D. T.: O que ele diz?

FEDA: Ele parece estar torcendo alguma coisa, como se faz com um relógio ou despertador.

C. D. T.: Dando corda?

FEDA: Sim, dando corda em alguma coisa.

C. D. T.: É Bobbie quem está mostrando isto?

FEDA: É Bobbie me dando algo. Parece um relógio.

C. D. T.: Parece uma boa evidência, mas falta a informação precisa. Eu poderia pensar em pelo menos quatro coisas.

FEDA: É melhor não tentar adivinhar. Ele torce e gira. Não era um relógio. Eles ainda o têm. Não está no mesmo lugar, foi posto em outro ponto, mas ainda está com eles. Bobbie acha que foi posto em uma

gaveta, ao invés de em uma estante. Está em um prato? Ele está me dando a idéia de um prato próximo a essa coisa.

A família reconheceu isso como se referindo ao saleiro e me informo que ele fora removido, mas não para uma gaveta, e que agora ele fica numa prateleira bem abaixo dos *pratos* de jantar.

Em uma sessão posterior, esse saleiro (se minha suposição está correta) foi mencionado novamente.

(56) FEDA: Bobbie tinha um pato? Vou lhe dizer o que ele está me mostrando; parece um pato. Pergunte se ele tinha um pato de brinquedo. Acho que é isso. Vejo-o nas mãos dele, como se ele o estivesse trazendo na minha direção. Não acho que suas patas sejam longas, ou então ele está levantando as patas um pouco, mas os patos não têm patas longas mesmo. Acho que é um pato por causa das patas.

Feda então deixou o assunto e, após alguns minutos de conversa sobre outras questões, de repente começou a falar de novo sobre o que acredito ser o mesmo objeto, ainda que haja dúvidas se ela sabia que essa era uma tentativa de compensar a falha prévia.

(61) FEDA: Um nome começando com “B”, não o nome Bobbie, era muito importante na casa deles. Eu não posso falar em som porque não estou ouvindo, mas sentindo. Ele dá o som de “B”, mas agora sinto que seria mais como o nome de um animal, ou o nome de um brinquedo. É algo da casa de que ele gostava muito, e ele o chama por um nome engraçado começando com “B”, um nome curto. Espere um momento — *Ber, Bunkey, Bussey*. O nome que ele está dando soa como se começando com *Bus* ou *Bos*.

Como foi dito ser o nome de um animal ou brinquedo que começava com “B”, parece muito provável que Bobbie estivesse tentando descrever o saleiro que ganhara em Morecambe tão pouco tempo antes de sua morte, e o qual ele tanto adorava, chamando-o de seu *Bow-wow*. O nome *Bow-wow* bate com a descrição, “começando com ‘B’, curto”. Se essa assunção for correta, também ilustra o quão falível é a clariaudiência de Feda, pois ela disse que soava como *Ber*, ou *Bunkey*, ou *Bussey*, um nome começando com *Bus* ou *Bos*.

Bobbie havia falado de sua mãe e de um boné sobre o qual ela tinha pensado, e disse (através de Feda):

(112) “Ela encontrou alguma coisa com uma insígnia especial. Não é exatamente um coração, mas a parte de baixo tem o formato de um coração. Há uma linha reta que passa pela parte de cima, e um pedaço reto brotando da parte superior”.

A referência a um boné pode ter tido a intenção de resultar na menção de sua coroa do Valete de Copas, ou pode ter trazido a última à mente de Bobbie, mas a construção da frase confunde o coração com a coroa na qual é fixado. “Não exatamente um coração” seria verdadeiro para a coroa. O resto da descrição é correto se aplicado ao coração por si só, mas controverso por ter sido precedido pelas palavras: “a parte inferior tem a forma de um coração.” Não é surpresa que a família tenha reportado não saber de tal insígnia.

Em minha visita a casa, perguntei se Bobbie tinha alguma insígnia em seu casaco de esporte, ou outro tipo de insígnia. Eles não tinham conhecimento, e marcamos isso como uma falha. Mais tarde, no mesmo dia, pedi para ver a fantasia de Valete de Copas, pois queria fotografá-la. Quando ela foi colocada em posição ante a câmera, percebi que o coração na coroa correspondia com a descrição da insígnia. “Há uma linha reta que passa pela parte de cima, e um pedaço reto brotando da parte superior.”

Essa coroa era parte da fantasia de Valete de Copas de Bobbie, e se estudarmos a maneira como foi descrita pela primeira vez, (veja 34 e 35), poderemos supor que as tábuas foram “mostradas” a Feda, mas o boné (coroa) foi descrito a ela *com palavras*. Se isso de fato ocorreu, não podemos ficar surpresos com o fato de, quando o boné ter sido descrito novamente, passado um intervalo de cinco meses, Feda não o ter reconhecido.

Se lermos as seções 24 e 31, comparando as mensagens com suas verificações, teremos a impressão de que Feda recebeu as descrições de forma tão vaga que ela não fora capaz de formar uma imagem clara dos pretensos objetos. A idéia “construindo na área de serviço” chegou à consciência de Feda assim: “como construindo uma casinha”. O segundo item, que se referia à montagem da sala de ginástica, foi relatado de uma maneira que sugere ter vindo em fragmentos. É evidente que a recepção não foi visual, mas uma sucessão de idéias nebulosas. E não é justamente essa a forma como impressões telepáticas são geralmente recebidas pelos pesquisadores, e frequentemente, também, nos casos de impressões telepáticas espontâneas? Quão freqüente é o fato de pessoas “sentirem que algo está errado na sua casa”, mesmo sem saber qual é o problema específico?

A ilustração a seguir merece ser fornecida na íntegra, mesmo envolvendo alguma repetição do que já foi dito. Note a forma vaga e parcialmente incorreta como as idéias são expressas. Trago os fatos primeiro, e em seguida as palavras de Feda.

Um dos interesses especiais de Bobbie era a patinação. Dentre as pessoas que ele conhecia da pista de patinação, havia uma menina chamada Marjorie, que ostentava um posto semiprofissional lá. Ela era uma patinadora experiente e frequentemente se apresentava antes das

partidas de hóquei. De fato, o time da casa a chamava de sua mascote, e ela começava suas competições com uma exibição de patinação na qual ela arremessava uma bola ao gol no final. Ela era um ou dois anos mais velha que Bobbie e eles eram grandes amigos, o que pode ser concluído pelo fato, mencionado em outra parte, de ele ter dito à sua mãe, quando Marjorie estava fora da cidade, “Se eu não vir Marjorie logo, vou enlouquecer”. Isso acontecera por volta de um mês antes de sua morte. Ele costumava patinar com Marjorie, e conhecia sua apresentação em que ela jogava a bola — de fato, é provável que ele às vezes se juntasse a ela ao jogar a bola. Agora notemos os extratos na sessão (39):

FEDA: Contei-lhe, da última vez, sobre uma menina um pouco mais velha que Bobbie, por quem ele era apaixonado? Ela parecia ser muito boa para ele, como desistindo de coisas por ele e sendo muito agradável com ele, e essa menina fazia — eu não tenho certeza — mas é algo a ver com uma bola que pertencia a Bobbie. Não penso que isto seja muito bom — veja, eu não estou obtendo isto do Sr. John agora, eu estou obtendo isto de Bobbie. Algo que essa menina fazia com uma bola e que Bobbie gostava muito quando ele estava aqui, a menina fazia algo assim.

Penso não haver dúvidas de que essa é uma referência a Marjorie e à sua apresentação com a bola, mas tão vagamente expressa! Não nos dá a impressão de que Feda ouviu apenas uma palavra aqui e outra acolá, como uma pessoa surda captando a idéia geral de um discurso? Ou devemos pensar que, durante a recepção das idéias, houve interrupções, e que ao verbalizar a mensagem Feda tenha preenchido cada lacuna com as palavras “alguma coisa”? Ela diz: “Tem *alguma coisa* a ver com essa menina”, e “fazendo *alguma coisa* com uma bola”.

Em outra ocasião, depois de Bobbie fornecer quantidade considerável de informação sobre a pista de patinação, conclui que o tema estava completo, pois Feda disse: “Acho que ele não consegue informar mais. Ele está se distanciando um pouco agora”.

Tentei então introduzir um assunto novo com uma pergunta enviada pela família. Disse: “Bobbie, o que você guardava no armário do banheiro? Mostre uma imagem da coisa, pense nela e deixe Feda ver.” (77.)

Eis o que se seguiu. Nenhuma referência foi feita ao armário do banheiro. Em seu lugar, veio o que parece ser mais uma referência à pista de patinação. Parecia que Bobbie não notara minha pergunta, ou escolhera ignorá-la, pois, nesse ínterim, ele lembrara de algo mais que desejava contar sobre a pista.

Não é infreqüente a confusão resultante da colocação de uma pergunta, pois

o comunicador pode desconsiderá-la e continuar com sua linha de pensamento prévia. Feda naturalmente assume que a assertiva é a resposta à pergunta feita, e o condutor da sessão pode falhar em perceber que o comunicador está continuando calmamente como se nenhuma outra pergunta tivesse sido feita.

Vimos que o método de recepção da consciência Feda-Leonard, não é, via de regra, clarividência. Entendo que Feda “veja”, ou “lhe é mostrado”, quando o objeto em questão pode ter sua imagem facilmente construída. Um caso impressionante dessa clarividência para imagens mentalizadas é encontrado na seção 34. A descrição do menino olhando por sobre a tábua de sua fantasia em forma de sanduíche é mais marcante quando comparada com sua verificação. Parece que Feda “viu” o que suas palavras descreveram. Mas, aparentemente, algo deu errado na segunda metade da descrição, que contem as imperfeições “sentado”, “se inclinando para frente”, e “se abaixando”. Teriam sido esses equívocos causados por uma percepção imperfeita por parte de Feda da figura mental? Parece provável. Por outro lado, as imperfeições adicionadas à descrição podem ter sido dadas por meu pai, que, afinal, só teria recebido sua idéia da imagem de Bobbie de segunda mão. Existe, no entanto, uma alternativa não menos interessante. Pode ter sido um caso de imagem composta, resultando de um pensamento secundário do comunicador mesclado com a idéia principal que ele estava tentando projetar. Pois se sabe que uma segunda fotografia foi tirada por um fotógrafo da imprensa, e nela Bobbie, com sua fantasia, figurava entre outros amigos também fantasiados. Infelizmente, o negativo não foi usado, e a fotografia foi perdida ou destruída. Possivelmente, o próprio Bobbie acrescentou informação à que foi passada por meu pai e, sem intenção, deu a Feda a impressão generalizada de suas várias atitudes e posições enquanto usava a fantasia.

A clarividência certamente não foi usada no item 91, onde se poderia esperar um método mais simples de transmissão da idéia. É feita referência a um artigo de celulóide, que poderia se incendiar ou explodir. A verificação desse objeto é suficientemente correta. Mas por que não foi “mostrado”? O método verbal falhou em captar uma palavra tão difícil quanto “cinematógrafo”, enquanto a clarividência, é de se supor, teria produzido uma impressão visual do brinquedo que, se descrito ao condutor da sessão, poderia ter sido reconhecido facilmente. É verdade que não teria sido suficiente, pois a clarividência não poderia passar a idéia de que eles “queriam que ele parassem de usá-lo; eles temiam que se incendiasse ou explodisse”. Para essa assertiva, um pensamento real tinha de ser transmitido; uma “sensação” ou imagem não conseguiriam passar a idéia.

Devo ressaltar aqui que Feda usa as palavras “ver” e “sentir” com distinção cuidadosa, e

sempre me dá sua impressão exata quando lhe pergunto como ela está captando tal ou qual fato.

Encontramos, nas sessões, inúmeras descrições claras, por vezes longas e complexas. Isso nunca é atingido telepaticamente, a despeito da eloquência mediúnica. A telepatia, como a conhecemos por ocorrências espontâneas e experimentais, é basicamente intuição, raramente uma transmissão de um pensamento claro. Podemos então perguntar: Os numerosos pensamentos, claros e precisos, que foram expressos no decurso das sessões foram enviados de pessoas em Nelson ou não? Se viessem de Nelson, representariam um triunfo que os coloca em uma classe de telepatia que a pesquisa psíquica desconhece. Mas vimos que a faceta mais impressionante dessas sessões — o problema dos canos — *não* veio de pessoas em Nelson. A telepatia terrena foi descartada. Consequentemente, podemos, na minha opinião, assumir seguramente que a informação, fornecida tão abundante e precisamente, veio da mente de Bobbie Newlove e foi transmitida a Leonard-Feda. Em outras palavras, não foi fruto de telepatia, familiar à pesquisa psíquica, seja por experimento ou observação, mas um exemplo de informação fornecida por alguém que deixara para trás (à morte) o corpo físico. Analisemos a seção 130 e notemos a descrição da atitude do menino em relação a sua mãe. A maioria passaria longe da verdade para a maior parte dos meninos, e, no entanto, foi reconhecido como sendo “uma descrição precisa”. Tendo conhecido a Sra. Newlove, posso engrossar o coro de sua relevância. Notemos, também, que se encaixa com o ponto de vista do menino, e não é o tipo de descrição que derivaria do pensamento de sua mãe em relação a ele. Uma mensagem como essa excede, em extensão e detalhe, qualquer tipo de informação transmitida de mente para mente na Terra por canais extrassensórios de que se tem notícia. Quando lembramos que minha única ligação com a família eram as cartas enviadas em resposta aos meus relatos das sessões, que eu nada sabia a não ser o que essas cartas me diziam, e que a família era extremamente cuidadosa em não fornecer informações que maculassem o valor probatório de mensagens subsequentes — lembrando de tudo isso seria difícil manter a suposição de que a médium estivesse lendo minha mente, ou invadindo o pensamento de pessoas desconhecidas a 320 quilômetros de distância numa cidade inominada.

Pode-se perguntar por que a telepatia na presença de um médium produziria resultados tão melhores do que a telepatia entre agente e paciente sob condições não mediúnicas. Seria por um campo de influência criado pelo médium, envolvendo aqueles entre os quais se dá a transmissão do pensamento durante a sessão mediúnica? Um campo de influência como esse tornaria possível uma mistura de sensações e pensamentos. (Os experimentos hipnó-

ticos de M. Emile Boirac assim sugerem. Veja sua *Psychic Science*, Rider 1918.)

Não insisto nessa hipótese, mas a ofereço para apreciação diante do fato das mensagens mediúnicas serem incomparavelmente superiores, em extensão e precisão, às mensagens telepáticas não mediúnicas.

A questão mais intrigante ligada ao problema dos canos está na dificuldade vivida pelos comunicadores em contar o que sabiam. É evidente que eles conheciam os fatos durante os seis meses transcorridos entre a primeira menção aos canos e nossa descoberta final. E não há razão para duvidarmos que eles quisessem esclarecer a questão.

Por que, então, os fatos não puderam vir à tona em uma frase curta, como “Bobbie brincou próximos aos canos onde brotavam nascentes em Heights”? É a pergunta que fiz a meu pai depois de descoberto o mistério. A sua resposta, que reabre o tema do *modus operandi*, foi, na essência, esta: “A dificuldade traz a necessidade de adaptar a informação, de ser capaz, no momento oportuno, de adequá-la ao cérebro da médium, seja pessoalmente ou através de Feda. As várias partes da mensagem que queremos transmitir podem ser comparadas às peças de um quebra-cabeça”. “Posso querer”, disse ele, “começar por aquele pedaço que me permitirá proceder metodicamente, mas posso descobrir que não consigo passá-lo a Feda, ou que ela não conseguirá passá-lo à médium. Então tenho de fornecer o que é mais adequado ao momento. Então, de repente, enquanto a atividade mental da médium está a todo vapor, percebo a emergência de algo que harmoniza com uma peça diferente do quebra-cabeça, e rapidamente saio à busca da peça certa. Mesmo quando vem o momento oportuno, posso estar tão embaraçado pelo insucesso, que não me lembro do material que preparara. Assim, é necessário que eu forneça pistas, ou associações, com meu próprio material, a fim de que eu possa lembrar instantaneamente quando preciso. O que eu pretendo fornecer tem de harmonizar, ou se associar, com o que estiver mais superficial no cérebro da médium, ou falharei em semeá-lo e encaixá-lo, para que seja recebido. Tudo acontece de acordo com as leis da associação. O cérebro não recebe informação para a qual não está suscetível no momento. Eu freqüentemente pretendo falar sobre um assunto em particular, mas não consigo. Posso tentar conduzir o foco para meu tópico desejado, mas essa manipulação torna-se, em efeito, em vão para o entendimento. Grande parte de uma sessão pode se dar dessa maneira, e enquanto o comunicador mantém a máquina cerebral revolvendo na esperança de trazer algo adequado a seu propósito, é possível que o condutor da sessão, indiferente a isso, torne-se desatento e entediado já que, apesar de palavras estarem sendo faladas, não há transmissão de qualquer informação que ele queira ouvir. Se ele se dá conta do que está acontecendo, pode nos

ajudar nos dando a oportunidade que estávamos precisando.” Finalmente, ele acrescentou:

“Muito depende da condição do médium no momento, mas a atitude do condutor também exerce sua influência: o interesse incisivo, mas livre de ansiedade, é de grande ajuda, e apesar de não gostarmos de perguntas direcionadas, perguntas adequadas ajudam às vezes.” Esse foi o cerne de sua resposta.

Podemos entender melhor o que ele quis dizer ao lembrarmos a dificuldade por vezes sentida por nós mesmos ao falarmos sobre nossos sentimentos mais íntimos. Pessoas muito sensíveis notam bem essa dificuldade: sentem, sem saber por que, que é inútil mencionar um assunto em particular, pois seria incompatível com o estado de espírito da outra pessoa. Decidem então esperar por uma oportunidade melhor para que a semente não caia em solo infértil. As mentes mais sensíveis sentem isso de maneira mais intensa, e é indiscutível, penso eu, que a mente de um médium em transe seja supersensível. Imagino que a mente do comunicador é muito mais. Quando a psicologia atingir uma compreensão mais completa sobre o funcionamento da mente comum, e nos mostrar o significado dessas diferenças desconcertantes que notamos em nós mesmos entre um momento e outro, poderá ajudar a esclarecer as dificuldades daqueles que, do outro lado da vida, esforçam-se para exprimir seus pensamento através de um cérebro alheio.